

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

AGLAÉ CECÍLIA TOLEDO PORTO ALVES

COMPOSIÇÃO AO EXORBITANTE

**Estudo da comunidade virtual “*As coisas boas da/para a
minha terra*” do portal EducaRede**

**DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA
Cultura e Ambientes Mediáticos**

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AGLAÉ CECÍLIA TOLEDO PORTO ALVES

COMPOSIÇÃO AO EXORBITANTE

Estudo da comunidade virtual “*As coisas boas da/para a minha terra*” do portal EducaRede

**DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA:
Cultura e Ambientes Mediáticos**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do grau **DOUTORADO em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA: Cultura e Ambientes Mediáticos**, sob a orientação do **Prof. Doutor Rogério da Costa**

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida

Profa. Dra. Maria de los Dolores Peña

Profa. Dra. Vani Kenski

Profa. Dra. Maria Aparecida José Basso

Prof. Dr. Rogério da Costa

Dedicatória

Para aquele que ainda é enquanto eu sou.

Para Gustavo, Otávio e André, que são comigo
e com aquele que ainda é, e que serão além de nós.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Rogério da Costa, por ter me aceitado como sua orientanda e acreditado no meu trabalho.

A Beth Almeida, pela presença fortemente significativa na minha vida recente, pelas habituais e valiosas orientações.

A Dolores, pelo acolhimento e cumplicidade estabelecida.

A Vani e Maria Aparecida, que tão gentilmente concordaram em compor a minha banca.

Aos professores do COS que me apresentaram uma nova área de conhecimento tão instigante.

À Cida, pela competência e pelo carinho que me dispensou desde o meu primeiro momento no programa.

Às minhas queridas amigas de infância do Colégio Santana, pela felicidade do nosso reencontro e pela força que partilhamos em nossos encontros mensais.

Ao Nilson Lugli, meu amigo de sempre.

Às minhas primas e amigas Cecília e Teresa, companheiras de toda a vida.

A Jô e a Cleo, que me auxiliam diariamente, dividindo comigo todas as alegrias e os infortúnios do cotidiano.

Às minhas amigas muito especiais Isa Maria e Jub's, por comporem com a minha família.

Ao meu sogro Adolpho, meu segundo pai.

Aos meus amados pais, Irene e Heitor, que me apresentaram um mundo maravilhoso, repleto de possibilidades, cujas vivências permitiram o desabrochar da potência do “eu”.

Aos meus mais que preciosos e amadíssimos filhos, Gustavinho, Tat's e Dedef, a quem dedico totalmente a vida e partilho encontros que fomentam a minha vontade de existir. São, para mim, a representação do sagrado e do sublime.

Finalmente, ao meu eterno Quisi, que me permitiu compreender e viver a plenitude do amor, me acompanhou pela vida, tornando a minha existência mais feliz que qualquer humano possa imaginar, e pela força que ainda me concede, ininterruptamente, permanecendo vivo em mim, por meio da infinita riqueza das memórias do já vivido.

Resumo

A presente tese tem por objetivo verificar se, ao se propiciar visibilidade global à cultura local, ao que é considerado genuíno nos inúmeros municípios do estado de São Paulo, por meio do portal educativo EducaRede, particularmente na comunidade virtual “*As coisas boas da/para a minha terra*”, desencadeia-se um fazer pedagógico inovador nas escolas públicas estaduais paulistas.

A partir de um olhar diferenciado, definem-se quatro categorias que serão o foco deste estudo: o Estado, a cultura local e global, a comunidade escolar e os ambientes colaborativos.

O Estado contemporâneo se imbuíu de um nível de complexidade e fragilidade que propiciou o surgimento de uma nova organização que se reflete nas parcerias público-privadas que influenciam, na atualidade, esferas tradicionalmente consideradas de competência exclusiva do setor público, ou seja, do Estado.

As culturas local e global se hibridizaram de forma peculiar, em atendimento ao modelo econômico, social e político que se impôs, fomentando o nascedouro da diversidade de formas de existir, de se relacionar consigo, com o outro, com as supostas realidades e com o aparato tecnológico criado pelo próprio humano, inaugurando a cibercultura.

O trabalho discute os benefícios obtidos pela comunidade escolar ao se responsabilizar pela elaboração, execução e avaliação de seus próprios projetos, passando a escola a se configurar como local de manifestação do extraordinário, como um espaço privilegiado capaz de desencadear processos reflexivos e de ampliação da percepção do mundo.

Aponta para a possibilidade de os ambientes colaborativos virtuais potencializarem a divulgação, a produção e a reprodução das manifestações culturais nas mais diversas linguagens, aumentando a potência da vontade de existir, a gerar um sentimento de pertencimento e de corresponsabilidade pelo espaço partilhado.

Enfim, o projeto visa propiciar ao outro a oportunidade de vivenciar o deslumbramento advindo de fraturas no ordinário, suscitar o surgimento do extraordinário e instigar o ingresso a um novo mundo: à composição ao exorbitante.

Palavras-chave: Parceria público-privada, Cultura local e global, Comunidade escolar e Ambientes colaborativos

Abstract

The aim of this thesis is to find out whether it is possible to undertake an innovative pedagogical project in the state public schools of São Paulo by putting the local culture in the global limelight by means of the educational portal "Educarede", particularly, in the virtual community called "*The benefits for and from my land*".

By adopting a new perspective, four categories can be defined that comprise the focal point of this study: the State, local and global culture, the school community and the group environments.

The contemporary state is pervaded with a degree of complexity and fragility that has allowed a new kind of organisation to emerge. This is reflected in the public/private partnerships which currently influence the spheres that have traditionally been regarded as lying within the sole competence of the public sectors, or rather the State.

The local and global cultures have merged into a new hybrid form in response to the economic, social and political model through which its influence is felt. This has given rise to the birth of a wide range of existing forms which are closely interlinked with each other, as well as with other forms, apparent realities and the technological apparatus produced by humans themselves, (which has ushered in cyber culture).

This study examines the benefits derived by the school community from being responsible for planning, carrying out and evaluating its own projects. This means that it is the school itself that must be shaped to become the place where "extraordinary" events can take place, as well as a privileged space which is able to arouse a process of reflection and broaden one's awareness of the world.

The possibility of forming virtual group environments is referred to as a way of allowing the spread, production and reproduction of cultural expression to occur in the most diverse languages. This increases the strength of the will to exist and brings about a sense of belonging and having group responsibilities in shared space.

Finally, the envisaged project allows others to have the chance to experience the growing fascination of finding cracks in the "ordinary" while sensing the emergence of the "extraordinary" and thus enable one to enter a new world: from its constitution to an exceptional state .

Key words: public/private partnership; local and global culture; school community and group environment.

Sumário

Parte I – A germinação

Capítulo 1 – As origens

1.1 O traçar do percurso	01
1.2 A gênese do EducaRede	06
1.3 O ambiente educacional na Espanha durante a gestação e o crescimento do EducaRede	11
1.4 O EducaRede	15
1.5 “ <i>As coisas boas da/para a minha terra</i> ”	17

Parte II – O brotamento

Capítulo 2 – O Estado

2.1 Algumas considerações sobre o Estado	27
2.2 Parcerias público-privadas – PPPs	33

Parte III – O crescimento

Capítulo 3 – O local e o global

3.1 A cultura local	43
3.2 Memória e tradição	55
3.3 O direito ao esquecimento	65
3.4 A cultura global	72
3.5 A hiper-realidade	89
3.6 A cibercultura	100

Parte IV – A floração

Capítulo 4 – A comunidade escolar

4.1 Por que a inversão do sentido do vetor?	110
4.2 A escola como espaço do extraordinário	124
4.3 Protagonismo	135

Parte V – A frutificação

Capítulo 5 – Os ambientes colaborativos

5.1 Redes sociais	150
5.2 Comunidades virtuais	166
5.3 Mediação	186

Parte VI – A semente

Conclusão	195
------------------	-----

Referências bibliográficas	201
-----------------------------------	-----

A germinação

Branc o

Bianc o

Blanc o

Blanc

Black-out

André Toledo Porto Alves

Parte I – A GERMINAÇÃO

Capítulo 1 – As origens

1.1 O traçar do percurso

A posição da autora deste trabalho pode ser comparada, em alguns aspectos, à do pintor da tela *As meninas*, que observa a si mesmo fazendo parte da pintura que pinta. Há uma reciprocidade e cumplicidade entre o olhar que vê, inventa, produz e apresenta formas do Velasquez que se encontra diante do grande bastidor dentro da tela e o Velasquez autor, espectador privilegiado, que se posiciona fora da pintura e possui um olhar diferenciado, afastado e não partilhado. Somente ele mesmo, inserido na pintura, poderá revelar o invisível ao olhar do espectador comum; concomitantemente, como observador, poderá ver, entre outras coisas, o reflexo de imagens contidas no espelho, invisíveis àqueles que estão dentro da tela. Desta forma, o pintor que habita dentro e fora da tela vê e revela o não visto, definindo existências.

Em 2004, firmou-se uma parceria entre a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e a Fundação Telefônica para hospedar a comunidade virtual “*As coisas boas da/para a minha terra*” no portal EducaRede.

A autora deste trabalho, como integrante da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – Cenp, órgão central da Secretaria da Educação de São Paulo, juntamente com uma equipe composta por uma integrante da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE e membros do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura em Ação Comunitária – Cenpec, participou da criação, elaboração e acompanhamento de todo o projeto até 2007, o que lhe confere olhar singular e similar ao de Velasquez, situado dentro e fora de sua obra. Obra esta que, apesar de ter sido criada por ele, nunca lhe pertenceu, por estar passível a infinitos olhares que reinventam novas formas de ela existir e ser apresentada.

O interesse deste trabalho não é procurar revelar o olhar das escolas públicas que participaram do projeto ou, metaforicamente, o olhar dos personagens da tela, exemplificados, entre outros, pela infanta e suas damas, na obra de Velasquez, mas anunciar o que a autora vê. Em consonância com este pensar, neste trabalho serão estabelecidas categorias diferentes daquelas criadas pelas escolas (cultura, saúde, ambiente e cidadania), que focaram seus olhares em diferentes direções, mas não menos importantes do que o olhar peculiar do criador e observador, o qual procurará desnudar o que se encontra encoberto, talvez pela sua própria ação, e revelar seus desejos, suas imagens, sua linguagem, suas expectativas e sua subjetividade, impressos em sua criação.

É esse olhar diferenciado e único que irá caracterizar este texto. Entretanto, “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde elas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem” (FOUCAULT, 2002, p.12).

A partir desse olhar, a autora define quatro categorias que serão o foco deste estudo:

1. **O Estado**
2. **A cultura local e global**
3. **A comunidade escolar**
4. **Os ambientes colaborativos**

O trabalho está assim organizado:

A parte I, intitulada **A germinação**, evoca, como todo processo vivo em latência, o que ainda não está visível, mas em estado de preparação para a erupção explícita da vida. A germinação acontece de forma gradativa e em condições favoráveis, que precisam ser entendidas para se vislumbrar, de maneira privilegiada, o desabrochar. Desta forma, no capítulo 1, contido nessa parte, será apresentada primeiramente uma breve retrospectiva da história da Espanha do século XX, berço do portal EducaRede, substrato de sua germinação, o que permitirá, ainda, o estabelecimento de possíveis relações entre a realidade espanhola e a brasileira. Segue-se uma rápida contextualização das políticas públicas espanholas, com a legislação que norteia o pensar sobre a educação, os entraves encontrados, decorrentes de diferentes linhas de pensamento, bem como a dificuldade em aceitar

inovações na área da educação, para elucidar melhor o contexto e, novamente, favorecer comparações entre os dois países. Em continuidade, será feita uma descrição do ambiente virtual EducaRede e, finalmente, da comunidade virtual “*As coisas boas da/para a minha terra*”, foco deste trabalho, a qual será descrita em suas origens, características e especificidades.

A parte II, **O brotamento**, sugere o nascimento daquilo que se encontrava em processo de germinação. Todo nascimento ocorre em determinado ambiente que precisa ser desvelado para se entender o desenvolvimento do organismo. Assim, nessa parte aparece a primeira categoria estabelecida pela autora, o Estado, habitat no qual foi firmada a parceria entre a Secretaria da Educação e a Fundação Telefônica. Nela serão apresentados alguns conceitos que definem o Estado ao longo da história da humanidade e será discutida a possibilidade de viver em sociedade na sua ausência. Também será apontada a fragilidade dessa instituição na atualidade, fato que acarreta a necessidade de estabelecer parcerias público-privadas, como tentativa de sanar suas limitações. Essa situação híbrida dificulta a definição nítida do limite entre o setor público e o privado.

A parte III, **O crescimento**, fornecerá o sustento para o porvir, o que viabiliza o processo, fornece o substrato, fomenta a ideia. Nela aparece a segunda categoria estabelecida neste trabalho: a cultura local e global. Diferentes aspectos da cultura local são abordados nessa parte, sua permanência e valor, apesar da força avassaladora da cultura global massificante da modernidade reflexiva; resta o prazer de resgatar as memórias e tradições, mas é feita a denúncia à inevitável traição à tradição que se compromete somente com o passado, anulando a possibilidade do vir a ser; o direito ao esquecimento como forma de viver; a hiper-realidade como simulacro do próprio ser; e, finalmente, a cibercultura como um modelo sociocultural que abrangeria o conjunto de trocas entre as culturas e as tecnologias da comunicação e informação (TICs).

A parte IV, **A floração**, é a expressão da vida, do belo, da procriação, nascendo a terceira categoria estabelecida neste trabalho, a comunidade escolar, que reafirma uma das principais características do projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*”, invertendo o sentido do vetor, ou seja, a escola passa a criar seus objetivos, conteúdos, metodologias específicas, com direito a ter visibilidade e partilhar sua obra, sem a interferência dos órgãos centrais da Secretaria da Educação. A escola como autora do seu fazer e local de manifestação do

extraordinário pela ruptura do ordinário. O protagonismo juvenil é valorizado nas escolas como forma de superação das angústias dos jovens, advindas de uma única certeza, que é a obrigatoriedade de conviver com suas inúmeras incertezas.

A parte IV, **A frutificação**, aborda os ambientes colaborativos, quarta categoria estabelecida neste trabalho. Sugere o pensar sobre a necessidade de proteção que engloba o virtual, alimenta e sustenta o porvir, anunciando as redes sociais definidas como um conjunto de participantes autônomos ligados por interesses e valores partilhados, as comunidades virtuais como possibilidades que terão papel significativo na sociedade comunicacional, por desenvolverem práticas que tendem a modificar ou a recriar maneiras de ser. Nesses ambientes, a presença do outro e a abertura de um canal de comunicação são fundamentais para haver interação e permitir que o homem holístico (o eu e o tu) possa dele fruir. Para tanto, é necessária uma mediação, uma negociação intersubjetiva nessas comunidades, para que se tornem capazes de se autogerenciar, por meio de lideranças flexíveis e mutáveis.

A parte V, **A semente**, apresenta a conclusão, remetendo à ideia de perpetuação pela formação de uma nova semente, abrigada no fruto, ambiente virtual, e que deverá repetir o ciclo da vida, ou seja, a manutenção autônoma do projeto *“As coisas boas da/para a minha terra”*.

O trabalho procura evidenciar os seguintes aspectos:

- ✓ Algumas parcerias público-privadas podem auxiliar o desencadear de atitudes almeçadas.
- ✓ A possibilidade de ter visibilidade global desencadeou o desejo da comunidade escolar de procurar o que havia de genuíno em sua localidade.
- ✓ A ação de privilegiar o local no global pode gerar um sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, de corresponsabilidade pelo espaço partilhado, desembocando em ação.
- ✓ A escola é capaz de gerenciar seus próprios projetos pedagógicos e tornar-se um espaço de manifestação de vida.
- ✓ As comunidades virtuais podem aumentar o capital social dos indivíduos.

A riqueza do material das escolas publicado na comunidade virtual *“As coisas boas da/para a minha terra”* é surpreendente, extraordinária. Na maioria das vezes,

apesar de ser selecionada e utilizada somente parte da narrativa para subsidiar a análise e evidenciar a afirmativa neste trabalho, o texto todo foi mantido, com a intenção de não privar a escola de toda a sua grandiosidade.

Esse fato, explica por que, no relato das escolas, existem inúmeras explicitações de outras categorias, nem sempre contempladas nos comentários desta autora, que escolheu fazer recortes para favorecer a elaboração das considerações pretendidas.

Pela abundância, diversidade, especificidade e amplitude das publicações, o processo de selecionar os textos para este trabalho não foi tarefa fácil e fica a certeza de que muito se teria a privilegiar. Como qualquer outra classificação, esta também é limitadora, tendenciosa e não privilegia o todo, apresentando-se como uma simplificação da complexidade não atingida. Entretanto, espera-se que qualquer espectador poderá ter um olhar privilegiado e diferenciado em relação ao visto e ao não visto.

A dinâmica desta tese será a feitura do embasamento teórico das quatro categorias estabelecidas, acompanhada de relatos das escolas participantes registrados na comunidade virtual para a elucidação da teoria, em um movimento bivalente entre teoria e prática, que se retroalimentam.

Todas as transcrições de textos, imagens e fotos que constam neste trabalho estão disponíveis no portal EducaRede, ou seja, são de domínio público.

Isso posto, inicia-se o próximo item, que trata da gênese do EducaRede.

1.2 A gênese do EducaRede

O portal EducaRede nasceu na Espanha e, para que se possa entender melhor suas origens e relacionar aspectos semelhantes entre as situações políticas e culturais da Espanha e do Brasil, será feita uma breve contextualização da história política e cultural espanhola no século XX.

A história da Espanha do século XX foi conturbada, produzindo-se sequelas que atrasaram seu desenvolvimento em relação aos demais países europeus. A Guerra Civil de 1936 a 1939, na qual estiveram presentes todas as ideologias que caracterizaram o século, foi um fato traumático e transcendeu a nação espanhola, ao acirrar a disputa entre as forças mundiais que pretendiam se estabelecer como uma hegemonia. De um lado, a direita espanhola aliava-se ao nacionalismo, ao fascismo, ao exército, à Igreja Católica e aos latifúndios, com a intenção de esmagar a República proclamada em 1931; de outro lado, ficavam as esquerdas socialistas, comunistas, anarquistas e democratas liberais, formando uma Frente Popular cujo objetivo era conter o avanço dos regimes direitistas.

A Espanha, durante a Guerra Civil, perdeu parte significativa de sua população e sua capacidade produtora, sucumbindo a um estado de fome e miséria extrema.

A Segunda Guerra Mundial, considerada o conflito que mais vítimas produziu na história da humanidade, teve início em setembro de 1939 e se estendeu até 1945, período em que se estabeleceu o confronto entre as potências do Eixo, encabeçadas por Alemanha, Itália e Japão, e os Aliados, representados principalmente pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha. Pode-se facilmente perceber que as forças oponentes da Guerra Civil Espanhola são as mesmas que se digladiaram em nível mundial, ou seja, a Espanha que se declarou neutra nessa guerra foi a microamostra daquilo que se expandiria no planeta.

Em 1939, ao final da Guerra Civil Espanhola e início da Segunda Guerra Mundial, com uma Espanha extremamente fragilizada, desgastada e frustrada, assumiu o poder o ditador Francisco Franco, autoproclamando-se o “Caudilho de Espanha pela Graça de Deus”. O Generalíssimo Franco, além de perseguir os perdedores da Guerra Civil, instituiu um regime denominado franquismo, baseado no fascismo desenvolvido na Itália, que perdurou até 1975, data de sua morte. Nesse regime foi praticada uma política econômica autárquica, o governo ficou nas mãos de uma “trindade reacionária”, representada pelo Exército, a Igreja Católica e o

latifúndio, o que acarretou atraso político, econômico e social. Surgiram os maquis, guerrilheiros que se opunham ao franquismo.

Entre 1975 e 1978 houve a “Transição Espanhola”, que antecedeu a abertura do país à democracia. Essa transição foi possível basicamente por três motivos:

- ✓ O regime totalitário estava profundamente consolidado e seguro de sua posição privilegiada, enquanto a oposição aceitou as regras por ele fixadas porque tinha a percepção de que qualquer mudança radical poderia provocar um retrocesso autoritário.

- ✓ Houve pouca mobilização da sociedade, o que contribuiu para impingir segurança ainda maior ao regime autoritário quanto a uma possível vitória da esquerda nas eleições.

- ✓ A eficiência de Adolfo Suárez e do rei Juan Carlos nas negociações com os militares e franquistas, na criação das condições necessárias para o desenvolvimento do processo de democratização do regime espanhol.

Nessa fase de transição, após a morte do ditador, surgiu o Pacto de Moncloa, celebrado entre o governo, os partidos políticos e os sindicatos, que deram forte impulso às reformas. Foi esse pacto que permitiu a multiplicação do orçamento da educação pública entre 1977 e 1980, quando os trabalhadores aceitaram não receber aumento salarial para garantir a cota da educação no orçamento do Estado. O ensino básico obrigatório, nessa época, era para crianças entre 6 e 14 anos.

Em 1977, a Espanha celebrou a primeira eleição livre desde 1936 e Adolfo Suárez, um desconhecido do povo no cenário político espanhol, tornou-se o primeiro presidente democrático após a ditadura de Franco. Governou o país de 1976 a 1981, sob um conglomerado de forças de centro-direita, a UCD – União de Centro Democrático. Em 1979, Suárez ganhou a segunda eleição geral, iniciando-se uma sucessão de tensões fora e dentro do seu partido que culminaram com seu afastamento em 1981. Neste mesmo ano, Sua Majestade, o rei Juan Carlos, empregou a sua autoridade real para sufocar uma tentativa de golpe de estado.

A democratização espanhola é considerada um evento autônomo em relação ao sistema internacional, visto que o processo não foi desencadeado por nenhum fenômeno externo. Os fatores causadores foram exclusivos do âmbito nacional.

O PSOE – Partido Socialista Operário Espanhol –, fundado em 1879 com o propósito de representar os interesses das novas classes trabalhadoras, nascidas da

Revolução Industrial, ganhou as eleições em outubro de 1982, liderado por Felipe González Márquez, terceiro presidente da Espanha do período democrático, que exerceu o poder até 1995. González produziu importantes reformas sociais, avançou na estabilidade democrática, desenvolveu o estado do bem-estar social, em atraso durante décadas, colocou o país em marcha de políticas de igualdade e fez crescer o respeito internacional pela nação espanhola, mas sua gestão também foi marcada por escândalos de corrupção que corroeram sua popularidade. O PSOE financiou o terrorismo de direita do Estado, GAL – Grupos Antiterroristas de Liberação –, para combater o ETA, uma facção terrorista do movimento autonomista basco, e havia ainda o desemprego estrutural e a recessão. Os escândalos eram uma vergonha para uma Espanha europeia que propagava a ideia de modernidade e superação de um passado conturbado.

Uma das maiores contribuições do governo de González à democracia recém-instituída foi não adotar o “modelo Thatcher”, ou seja, não enfrentar os sindicatos e os mercados financeiros.

Em 1986, a Espanha passou a integrar a UE – União Europeia –, cujo principal objetivo econômico é promover uma economia livre, sem barreiras comerciais em nível de mercadorias, de capital e de recursos humanos. É um sistema capitalista liberal constituindo a maior economia do mundo. Desde a sua adesão à UE, a Espanha tornou-se um país altamente industrializado e uma das dez maiores economias mundiais, atrás apenas dos Estados Unidos, China, Japão, Índia, Alemanha, Reino Unido, Rússia, França, Brasil e Itália. A economia da Espanha atualmente é a quinta mais forte da Europa.

No início da década de 90, González Marques assumiu o compromisso de cumprir as inúmeras exigências da EU, por exemplo, a formação de profissionais. Uma dessas exigências estava calcada na reforma educacional, uma vez que o franquismo havia controlado a educação por quase quarenta anos. Todo o sistema de ensino do país foi reestruturado, por meio da Logse – Lei Orgânica de Ordenação Geral do Sistema Educativo –, considerada um grande avanço democrático, no sentido de estender a obrigatoriedade de escolaridade até os 16 anos.

A Igreja Católica Romana deixou de ser a religião oficial a partir da Constituição de 1978, apesar de mais de 90 por cento da população ser ao menos nominalmente católica.

Em 1996, o PP – Partido Popular – foi o partido mais votado, elegendo José Maria Aznar, o quarto presidente da Espanha do período democrático, que permaneceu no poder até 2004; o PSOE tornou-se oposição. Aznar prometeu liberar a economia com programas de privatizações, medidas de incrementação da competitividade de mercado, principalmente das telecomunicações. Entretanto, seu governo foi marcado por agitação social, produzida por algumas de suas decisões, como a troca das leis de educação da Logse para a Loce – Lei Orgânica de Qualidade da Educação. Foi nessa gestão que a Espanha atingiu as exigências da Economia da União Europeia. Aznar perdeu as eleições, na tentativa de alcançar o seu segundo mandato, para José Luis Rodriguez Zapatero, do PSOE.

A Espanha conseguiu o almejado sucesso econômico e a superação de um atraso decorrente da Guerra Civil e do franquismo não só pela integração à UE, mas também pela opção de adotar políticas internas eficientes entre aquelas disponíveis no sistema capitalista mundial e, ainda, pela importância atribuída pelo governo e pela sociedade à educação como política pública. Concretizou-se a consolidação do capital financeiro espanhol, que surpreendeu o mundo com sua capacidade de internacionalização e de redescobrir a América Latina.

Este breve relato permite a elaboração de algumas comparações entre o contexto espanhol e o brasileiro:

- Os dois países sofreram, no século XX, as consequências de governos autoritários. A Espanha experimentou uma ditadura propriamente dita, enquanto o Brasil conheceu o regime autoritário dos militares, que não pode ser entendido como ditadura, visto que não houve um único ditador: existiu alternância de poder dentro do regime militar.
- Em decorrência desses regimes, os dois países sofreram atrasos significativos em diversos setores, em relação ao mundo.
- Os dois países foram vítimas de forte interferência da Igreja Católica, em todos os níveis de decisão.
- Houve denúncias de escândalos de corrupção, em número muito maior no Brasil.
- Na década de 90 surgiram reformas sociais e um avanço em relação à estabilidade democrática em ambos os países.

- Surgiu uma preocupação generalizada relativa à educação, apesar de haver a possibilidade de se pensar em educação como meta para atingir os benefícios do capital global.
- A legislação que rege as políticas públicas educacionais na Espanha e no Brasil é avançada, em comparação com a de outros países. Entretanto, há forte resistência, entre os educadores, em acatar as inovações. O conservadorismo na educação é uma força merecedora de atenção, pois procura inviabilizar qualquer proposta que tente romper com o modelo arcaico.

Em seguida, será feita uma rápida contextualização das políticas públicas educacionais espanholas, com as duas legislações que norteiam diferentes pensamentos sobre educação: a Logse – Lei de Ordenação Geral do Sistema Educativo – e a Loce – Lei Geral da Educação.

1.3 O ambiente educacional na Espanha durante a gestação e o crescimento do EducaRede

Álvaro Marchesi foi um dos responsáveis pela reforma educacional implantada em 1990 na Espanha, a Logse, considerada muito avançada: pregou a diversidade, tornou o ensino obrigatório e gratuito até os 16 anos, deu autonomia às escolas, incluiu alunos com deficiência no sistema regular e agregou o ensino profissionalizante ao nível médio. Todas as medidas foram muito contestadas.

Antes da Logse, o ensino médio constituía um nível não obrigatório e bastante seletivo, de três anos, destinado a alunos de 14 a 17 anos que haviam terminado o ensino fundamental obrigatório. Essa reforma da educação garantiu o acesso ao ensino médio para aproximadamente 80 por cento dos jovens entre 15 e 19 anos, garantiu o acesso a educação infantil a partir dos 3 anos e, ainda, investiu na busca da qualidade da educação, com ações como a revisão dos currículos e a formação continuada de professores.

Entretanto, o antigo BUP – Bachillerato Unificado Polivalente –, que corresponde ao nosso ensino médio atual e que foi um sistema de ensino pertencente à Loce de 1970, composto por professores muito qualificados em suas respectivas disciplinas, tornou-se uma forma de resistência à nova estrutura de ensino. Com a extensão obrigatória da escolaridade, esses profissionais foram obrigados a trabalhar com um tipo de aluno que desconheciam, um público muito diversificado, com demandas diferentes e mais complexas que aquelas do antigo público seletivo que frequentava o ensino médio antes da Logse. Segundo Zabala, em alguns países parece que a única função da escola é levar os mais “capacitados” até a universidade, podendo-se deduzir que aquele que não chegou à universidade é um fracasso escolar. Um bom sistema educacional é sensível às demandas sociais e deve sempre se questionar sobre a real função da educação.

A própria Logse já antevia encontrar dificuldades para a adoção de um currículo único até os 16 anos. Por essa lei, os alunos que se atrasassem no cumprimento do currículo básico, mesmo após os programas de reforço educativo, teriam uma trajetória curricular alternativa constituída principalmente de disciplinas consideradas menos exigentes, tais como: artes, artesanato e esportes. Esses

alunos, chamados de “diversificados”, teriam o mesmo certificado de conclusão que os demais, embora, evidentemente, com menor valor social.

A Logse previa ainda programas denominados “garantias sociais”, destinados a jovens, em geral de 17 anos ou mais, que não conseguiam superar sequer o currículo diversificado. Nesses programas, o enfoque era uma formação profissional básica que favorecesse a integração do aluno em uma vida social ativa e lhe possibilitasse a continuação dos estudos profissionalizantes em nível médio.

O número de alunos submetidos a essas alternativas diversificadas foi baixo e, normalmente, eram oriundos dos setores sociais tradicionalmente marginalizados, mas a simples existência deles denunciava e evidenciava a fragilidade de uma proposta de ensino médio obrigatório a todos. Esse programa, contrariamente ao seu escopo, poderia se tornar uma via discriminatória, acirrando ainda mais as desigualdades sociais. A diversidade não pode se confundir com a desigualdade, e o valor atribuído às diferentes disciplinas teria que ser repensado para permitir a efetiva inclusão do estudante no mercado de trabalho.

Atualmente, os professores espanhóis têm jornada de trabalho reduzida e com dedicação exclusiva. No ensino médio, o professor trabalha de dezoito a vinte horas semanais, o que lhe propicia melhores condições de vida e garante a sua permanência no magistério. Há também um plano de carreira baseado na formação do profissional: quanto maior a formação, maior o salário. Os diretores de escola são escolhidos pela comunidade escolar, favorecendo uma corresponsabilidade entre os envolvidos.

Durante a década de 90, a Espanha deixou de adotar o sistema de ensino seriado. Passaram a ser oferecidas disciplinas optativas e cursos profissionalizantes para os alunos que pretendiam seguir estudos nas universidades e para aqueles que seriam inseridos no mercado de trabalho logo após o término do nível médio. As disciplinas foram agregadas em áreas de conhecimento, e as aulas de diversas disciplinas poderiam ser ministradas por um único professor de área. O número de horas/aula foi ampliado não para a transmissão de conteúdos, mas para atividades complementares, como visitas a museus, viagens e debates. Todas as atitudes autoritárias com o objetivo de manter a ordem e a disciplina pouco contribuíram para a inovação da educação.

A Logse não foi capaz de resolver os problemas a que tinha se proposto. As razões do não sucesso foram inúmeras, semelhantes às encontradas no Brasil

quando aqui são propostas reformas educacionais. Alguns fatores que dificultaram o êxito da proposta: ausência de envolvimento dos professores com o processo de aprendizagem; a formação inicial dos professores continuou pautada em modelos arcaicos da educação e eles continuaram sendo colocados no papel de alunos, e não de profissionais sendo preparados para uma prática pedagógica; as universidades não se envolveram com as propostas, e a formação do professor ficou desvinculada das necessidades encontradas no cotidiano da escola; os recursos públicos foram insuficientes para o esforço da implementação de uma nova proposta pedagógica; a comunidade escolar, apesar de incentivada, não teve participação efetiva e esperada e, ainda, não cobrou as medidas prometidas pelos órgãos da administração.

Assim como a Espanha, o Brasil possui uma legislação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, considerada avançada mesmo para os padrões mundiais. Contudo, sua implementação é sempre constrangedora, visto que, até o momento, a maioria dos educadores ainda não compreendeu, em sua plenitude, a educação baseada em ciclos e não mais seriada, a avaliação processual e não classificatória, como também a progressão continuada como uma proposta de altíssimo cunho democrático, como um instrumento restaurador das imensas injustiças cometidas até um passado recente, e não como promoção automática, o que gerou uma das maiores mazelas e atrocidades da educação brasileira.

Há um diferencial significativo no modelo de educação espanhol, no qual as escolas privadas, que perfazem, aproximadamente, um terço das instituições de ensino do país, são prioritariamente católicas e recebem subsídios por meio de recursos públicos. Um dos agravantes dessa prática é que essas mesmas escolas privadas financiadas pelo dinheiro público recusam, de forma velada, as matrículas dos alunos considerados problemáticos que são encaminhados para as escolas públicas.

A criação de uma escola totalmente laica, gratuita e universal é parcialmente recente na história da Espanha. Há o mito de que uma escola gerenciada pelas leis do mercado supostamente apresentaria melhores resultados. As relações entre a escola e a sociedade não são neutras. Entretanto, apesar das relações externas que influenciam as ações de inúmeras maneiras, a escola ainda não deu sinais de mudanças estruturais, pelo exercício da autonomia, que a tornem mais atraente ao

público alvo atual, nem está absolutamente envolvida com sua tarefa primeira, que seria garantir a aprendizagem a todos.

No momento, o governo espanhol discute o modelo de educação obrigatória até os 16 anos. Para o poder público, é mais conveniente alterar o currículo prescrito do que investir na formação dos professores e na aquisição de recursos didáticos, fatos que tornariam o currículo mais real e integrador.

A mera discussão sobre a eficiência de uma lei ou outra não trará nenhum benefício para a sociedade. A questão da educação, que até em um passado recente era considerada uma solução, constitui, na atualidade, um grande desafio, não somente em âmbito nacional, mas como um grande projeto social de cunho transnacional. A educação ministrada no planeta terá que responder à dicotomia entre a formação para o mercado de trabalho e uma consciência social e ambiental que permita a continuidade da vida, apesar da escassez crescente de recursos de toda ordem que se impõe.

Certamente, a procura da resposta para essa questão tão complexa não poderá ser um trabalho educacional calcado na busca de se atingir metas quantitativas estabelecidas por um critério de mensurar o número de acertos feitos em questões fechadas de múltiplas escolhas. Há que se conclamar toda a sociedade para uma ampla discussão em direção à inovação, com a abertura de inúmeras possibilidades, e jamais com um único modelo fechado, na tentativa de homogeneizar o que é essencialmente heterogêneo.

Em virtude dessa altíssima complexidade que caracteriza as questões sobre educação, faz-se necessário utilizar todos os recursos disponíveis na atualidade, na tentativa de superar os modelos arcaicos de educação que se encontram em estado terminal, mas que se recusam, bravamente, a sucumbir por completo. A tecnologia por si certamente não resolverá o problema da educação, nem mesmo por uma grande ingenuidade se poderia afirmar tal despautério, mas sem ela parece que a solução também não será encontrada.

Criar situações de aprendizagem mediadas pela tecnologia pode ser uma possibilidade de oferecer formação concomitantemente aos professores e aos jovens, desde que atendam aos seus anseios e os movam para uma ação. Este deve ser sido o pensar dos criadores do portal EducaRede, que tinham como foco também procurar compensar o atraso na conexão das escolas da Espanha com a Internet.

1.4 O EducaRede

Na década de 90, houve o fortalecimento das instituições e dos valores democráticos na Espanha. O governo do Partido Popular optou por uma economia financeira agressiva, seguindo o modelo liberal conservador. Finalizaram-se as privatizações no setor de infraestrutura; por exemplo, a Telefônica consolidou o “núcleo duro” da economia associado a grandes bancos, entre eles, o Santander.

Com uma economia forte e consolidada pelo “núcleo duro”, a Espanha, estimulada pela própria integração com a União Europeia em direção à internacionalização da economia, alcançou a posição de maior investidor externo na América Latina. No Brasil, fez investimentos importantes nas áreas de telecomunicações e no setor bancário, com destaque para a compra do Banco do Estado de São Paulo – Banespa.

A Telefônica é uma operadora de telecomunicações categorizada como líder mundial no fornecimento de soluções em comunicação, informação e entretenimento, com presença significativa na Europa, África e América Latina. Aproximadamente 60 por cento dos seus negócios se encontram fora do mercado doméstico, e a empresa constitui referência como operadora nos países de língua hispânico-portuguesa.

Nesse contexto, a Fundação Telefônica da Espanha, juntamente com Argentina, Brasil, Chile e Peru, disponibilizou o portal educativo EducaRede, a partir de 1998, para atender a uma preocupação social da empresa com a melhoria da qualidade de vida da sociedade em geral e com o objetivo de compensar o atraso da Espanha em relação à Europa na conexão gratuita das escolas com a Internet. O portal tinha por objetivo otimizar o uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no campo da educação, por meio de projetos de aprendizagem, seguindo o pensar de que as TICs poderiam ser um instrumento relevante na construção do conhecimento e propiciariam igualdade de oportunidades.

O programa visava chegar aos 20 mil centros educativos públicos e privados com mais de 6 milhões de alunos e aproximadamente 480 mil professores, utilizando o espaço virtual para o intercâmbio de experiências e reflexão multidisciplinar.

Uma das primeiras ações do programa foi a divulgação das potencialidades educativas das TICs e, para tanto, foram oferecidos cursos de formação aos

professores, em que foram apresentadas metodologias diferenciadas para a inovação do processo de ensino/aprendizagem. A intenção era tornar a escola mais próxima dos anseios da população escolar, mais prazerosa e contextualizada, e também fazer com que favorecesse o ingresso dos alunos no mercado de trabalho.

Em meio à discussão entre a viabilidade da Logse ou da Loce, de currículos fechados e controlados, em consonância com a tradição da educação espanhola, o EducaRede despontou com uma proposta aberta, calcada em comunidades virtuais de aprendizagem e oriunda do setor privado.

O EducaRede no Brasil tem a coordenação geral da Fundação Telefônica, em parceria com o Cenpec (coordenador executivo e gestor pedagógico), a Fundação Vanzolini da Poli/USP (coordenação tecnológica) e o Terra (infra-estrutura e hospedagem). É um portal totalmente gratuito e aberto, destinado aos educadores e alunos do ensino fundamental e médio das redes pública e privada.

Em 2004, a Fundação Telefônica viabilizou uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação para utilizar o portal EducaRede (www.educarede.org.br) como hospedeiro de uma comunidade de aprendizagem específica, destinada às escolas públicas da rede estadual intitulada "*As coisas boas da minha terra*", como uma iniciativa de responsabilidade social.

1.5 “As coisas boas da/para a minha terra”

O tripé das políticas públicas para a educação, a partir da década de 70, no Brasil, visou assegurar o acesso à educação básica a todos, a permanência de todas as crianças e jovens na escola e a qualidade do processo ensino/aprendizagem. Na sociedade atual, é quase impossível imaginar qualidade na educação e excluir as TICs. Educação e comunicação são variáveis que não podem mais ser dissociadas.

Um dos grandes entraves para que se consigam atingir as metas estabelecidas é a formação do professor, tanto a formação inicial como a continuada, a qual se configura como um processo complexo que envolve mudanças de postura e de pensamento. A formação continuada do professor da rede pública está diretamente associada às mudanças sociais que são almejadas e necessárias neste momento histórico em que vivemos, posto que o pensamento social precisa revitalizar e criticar as relações entre tecnologia digital, sociedade e cultura.

Não bastaria oferecer a mesmice em novas roupagens. Seria necessário investir no inovador, no desencadeador de novos significados que afetassem todo o entorno da comunidade escolar. Para tanto, a equipe do EducaRede, técnicos da Cenp e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) procuraram construir um projeto que envolvesse toda a equipe escolar e estimulasse o uso dos recursos tecnológicos já disponíveis nas escolas.

A opção foi otimizar o conceito de comunidades colaborativas de aprendizagem com a metodologia de projetos, através de um mote que fosse capaz de estimular a participação das aproximadamente 6 mil (5.652) escolas públicas estaduais, visto que o programa seria desenvolvido totalmente por adesão. Assim nasceu a proposta do projeto “*As coisas boas da minha terra*”, que procura resgatar a história e a cultura dos 645 municípios do estado de São Paulo, valorizando os saberes da população local, disponibilizados ao mundo pela utilização da tecnologia. É a tentativa da reconciliação entre o local e o global, tudo junto ao mesmo tempo e no mesmo espaço, mudando a relação linear para uma relação hipertextual, no pressuposto da preposição “e” e não mais da utilização do “ou”.

Uma das maiores preocupações da equipe responsável por viabilizar a parceria entre a Secretaria da Educação (SE) e a Fundação Telefônica para a utilização do

portal EducaRede era não transmitir ou reforçar a ideia errônea de que, pelo simples uso da tecnologia, os problemas da educação estariam resolvidos, de que se estaria propondo uma pedagogia inovadora e mudando uma cultura. A responsabilidade era grande, visto que a SE, ao propor qualquer projeto, desnuda e afirma o embasamento teórico-filosófico que subsidia sua ação, passível de reproduções legitimadas pela própria ação sugerida.

Deveria ser um projeto que, inquestionavelmente, usufruiria dos benefícios da tecnologia, uma vez que inovar sem as TICs não é mais possível. Entretanto, não poderia se banalizar somente pelo uso de uma nova ferramenta por si, porque assim rapidamente se esvaziaria de sentido e corroboraria para mediocritizar o uso pedagógico das mídias. Era preciso atribuir um sentido ao programa, ao mesmo tempo que era uma prerrogativa essencial devolver à escola a autoria e a responsabilidade pelas suas práticas.

Dessa forma, após várias ideias depuradas no coletivo, surgiu o seguinte pensar: a tecnologia está fortemente inserida na cultura global, mas nos municípios do estado de São Paulo há uma efervescência de riqueza cultural esquecida, não valorizada, não divulgada e que, certamente, deveria ser resgatada.

Assim, finalizou-se o desenho do projeto: a sugestão a ser enviada às escolas seria que elas pesquisassem as coisas boas da sua localidade, da sua cultura, da sua especificidade, em qualquer âmbito, sem qualquer interferência central, e publicassem em um ambiente visível na cultura global, ou seja, na recém-nascida comunidade virtual *“As coisas boas da minha terra”*.

Inicialmente, pensou-se que as videoconferências seriam fundamentais, como suporte, para o desempenho das escolas no portal. Entretanto, ao longo do desenvolvimento do projeto, ficou demonstrado que o ambiente virtual apresentava capacidade para se autossustentar, tanto que as videoconferências, já em 2006, foram significativamente restringidas. Por inúmeras razões, a rede pública se encontra em estado de saturação em relação às videoconferências. Não se nega que a ferramenta seja excelente e altamente necessária, mas o uso inapropriado dela, ao longo dos anos, despertou um sentimento de rejeição que dificilmente será revertido.

Esse fato evidencia novamente que o entrave não está na tecnologia, e sim no uso que se faz dela. A videoconferência (VC) em si não é boa ou má, agradável ou desagradável. O que se está avaliando, muitas vezes sem essa percepção, é a

equipe que planejou a pertinência do conteúdo desenvolvido, a metodologia aplicada, a estética utilizada ou a pessoa que a elabora.

Um detalhe bastante específico em relação às videoconferências atreladas à Rede do Saber é que, em um passado recente, não havia *streaming* e as pessoas convocadas a assistir a elas eram obrigadas a se deslocar. No interior do Estado, o deslocamento poderia ser até entre municípios distintos, com uma distância bastante considerável. Na maioria das vezes, o custo desse deslocamento era ressarcido pelas diretorias de ensino.

Uma das exigências da parceria entre a Secretaria da Educação e a Fundação Telefônica era que o professor não poderia ausentar-se da sala de aula, o que obrigou a equipe responsável a agendar as videoconferências do projeto, desde o seu início, em 2004, aos sábados. Primeiramente, pensou-se que o público não compareceria, pelo fato de o evento ocorrer aos sábados e por não haver ajuda de custo. Para surpresa de toda a equipe, nas diretorias de ensino em que havia escolas participantes, a presença de alunos, pais, professores, alunos monitores e integrantes da própria diretoria de ensino era significativa, o que explicitava a motivação dos participantes.

Ano de 2004

A primeira fase do projeto ocorreu de forma experimental em outubro e novembro de 2004, envolvendo 194 escolas de 20 diretorias de ensino convidadas.¹ Um dos entraves encontrados para o desenvolvimento do programa foi o número reduzido de escolas no estado com banda larga, quesito quase obrigatório para o andamento das atividades propostas.

Os objetivos do projeto em 2004 eram:

- Estimular a rede pública a trabalhar com a metodologia de projetos.
- Incentivar o uso pedagógico das TICs.
- Pesquisar a cultura local.

¹ As diretorias de ensino são instituições descentralizadas da SE.

- Favorecer a autoria das escolas.
- Ressignificar o papel do aluno monitor.²

Nesse momento, havia uma expectativa da equipe central, pela incerteza de que as escolas que tivessem aderido ao projeto realmente se motivariam a ponto de envolver a comunidade escolar no sentido de resgatar o específico de sua localidade. Essa insegurança resultou na utilização de um número maior de videoconferências pela Rede do Saber³, na tentativa de manter um contato mais estreito e sanar a ansiedade.

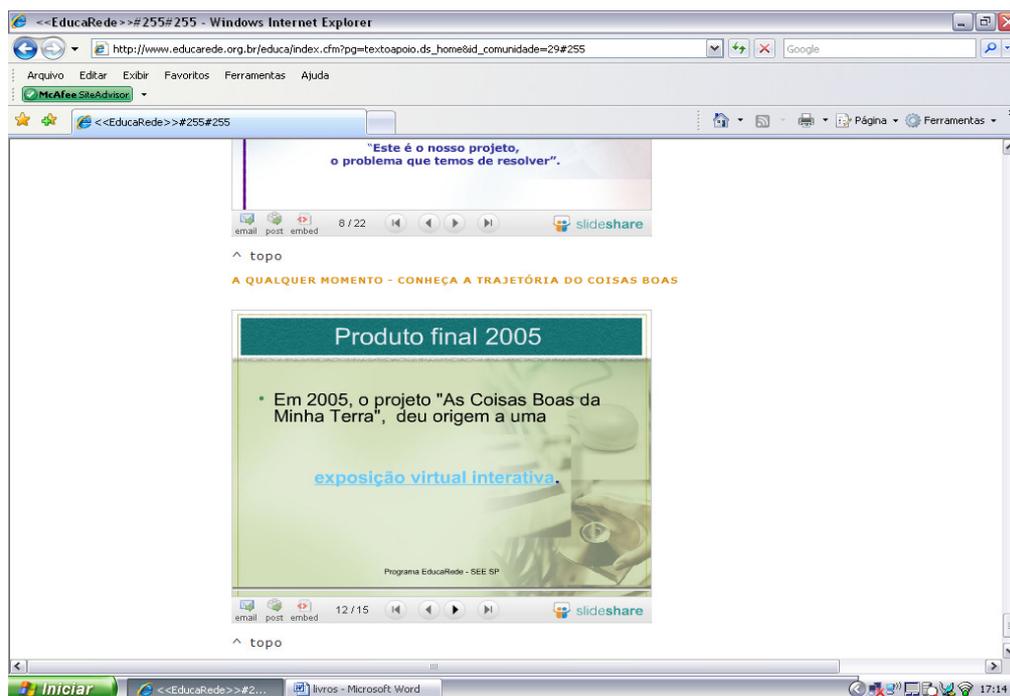
Ano de 2005

O projeto foi expandido para todas as 89 diretorias de ensino, e as escolas participaram por adesão durante todo esse ano letivo. Foi nesse ano que se percebeu nitidamente a riqueza do material produzido pelas escolas, o entusiasmo e o envolvimento da equipe escolar. No ambiente virtual, havia a mediação pedagógica dos tutores do Cenpec; os participantes divulgavam seu planejamento, as imagens e textos eram publicados na galeria e a discussão e a partilha se davam no fórum. Assim, o que era discutido no presencial se concretizava no ambiente virtual e vice-versa. Um processo de retroalimentação que potencializava as ações e os pensares, instigando novos empreendimentos e voos mais altos e audaciosos.

Ao final do ano, com o material produzido pelas escolas, o Cenpec desenvolveu uma exposição virtual interativa que ainda pode ser assistida no portal EducaRede e que foi exposta em alguns locais presenciais em que havia interesse pelos projetos desenvolvidos pelas escolas públicas, por exemplo, na própria Secretaria da Educação.

² O aluno monitor foi a resposta da SE a uma demanda da rede pública para incentivar o uso das SAIs – salas ambiente de informática. Foi uma parceria com a Microsoft para formar alunos da própria escola para trabalharem no contraturno das aulas como técnicos de informática.

³ Rede do Saber é o aparato tecnológico da SE que fornece sustentação aos projetos pedagógicos.



Ano de 2006

Um movimento inesperado e excepcional se sucedeu, totalmente voluntário e sem nenhuma interferência dos órgãos centrais. A comunidade escolar, ao vislumbrar suas riquezas, constatou diversas situações precárias, conheceu suas limitações e demandas, desencadeando-se um desejo de mudança. Esse perceber foi o despertar para a ação, para o suscitar de um sentimento de pertencimento e de responsabilidade coletiva dos integrantes do programa.

Dessa maneira, espontaneamente, o projeto “*As coisas boas da minha terra*” se transformou em “*As coisas boas para a minha terra*”, que foi o mote do projeto em 2006. Novamente, as escolas participaram por adesão e tiveram uma incrível ação de protagonismo, com efeitos sentidos por todos os envolvidos.

Ao final do ano, foram realizados três programas de televisão por meio do Canal do Saber da SE. Nesses programas, uma equipe de TV entrevistou os participantes ao vivo no local da ação. A experiência propiciou a integração de mídias e pessoas, visto que havia um canal de televisão em ambientes externos, uma plateia participativa nos estúdios da TV Cultura, sede do Canal do Saber, uma interação por videoconferência pela Rede do Saber com todas as escolas envolvidas que permitiu uma interlocução síncrona e, ainda, o ambiente virtual EducaRede, por

meio do qual e-mails foram recebidos durante o programa. Foi a explicitação de como a integração das diversas mídias pode auxiliar o fazer pedagógico, a construção do conhecimento e o processo de ensino/aprendizagem.

Ao final desse ano, também foram elaborados quatro livros virtuais. Cada um privilegiou as categorias estabelecidas segundo o tema que as escolas escolheram: ambiente, saúde, cultura e cidadania.

Observa-se que as escolas, ao procurarem as coisas boas da e para a sua localidade, classificaram os achados, espontaneamente, em quatro classes. Como já foi mencionado, essas categorias não constituem o foco deste trabalho. Utilizando novamente a metáfora do quadro *As meninas*, esse seria o olhar da infanta ou de suas damas, e o que se propõe neste trabalho é desvelar o olhar do pintor que vê também esse ângulo da pintura, mas pode desvelar outro aspecto diverso, pela posição que ocupa. Pode ser que esse olhar seja somente do pintor, singular, por decorrer do extravasamento de toda a sua subjetividade.

Na última videoconferência do ano de 2006 foram apresentados alguns trabalhos previamente selecionados para representar todas as escolas envolvidas e pôde-se, mais uma vez, apreciar a riqueza, a originalidade e o envolvimento da comunidade escolar.

Finalmente, nesse ano, o projeto ganhou o terceiro Prêmio Mário Covas, que privilegia ações do setor público que tenham provocado algum impacto na sociedade.

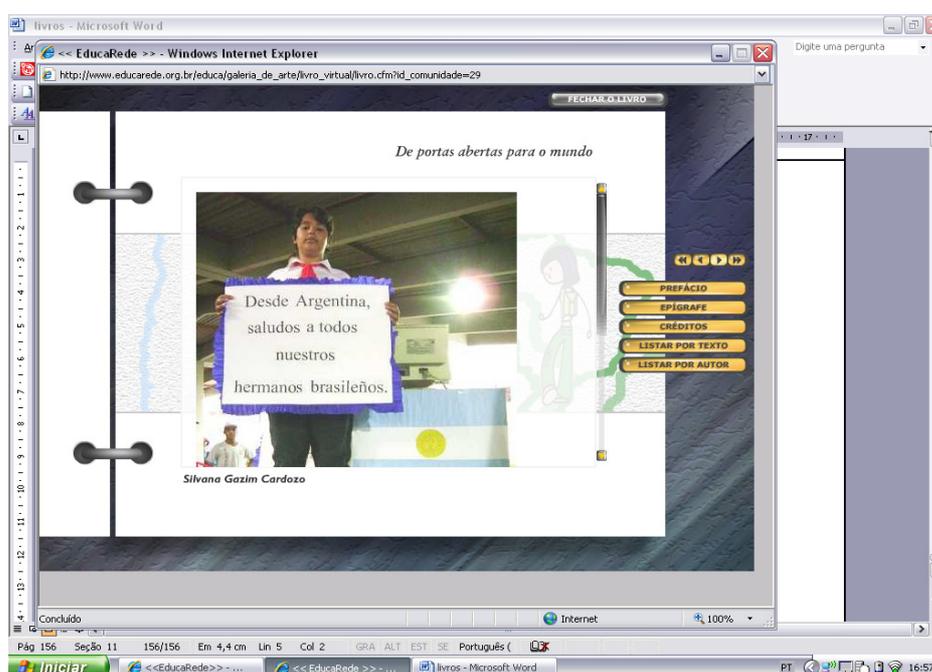
Segue-se uma tabela que evidencia a quantidade de imagens e textos publicados no ambiente de cada uma das categorias escolhidas pelas escolas.

Titulo			Data 	
Coisas Boas SAÚDE	93	42	03/01/2007	
Coisas Boas MEIO AMBIENTE	488	127	03/01/2007	
Coisas Boas CULTURA	479	206	03/01/2007	
Coisas Boas CIDADANIA	703	126	03/01/2007	
Prelo do Livro Virtual – Cultura	0	66	07/11/2006	
Prelo do Livro Virtual – Saúde	0	23	07/11/2006	
Prelo do Livro Virtual – Meio Ambiente	0	68	07/11/2006	
Prelo do Livro Virtual – Cidadania	0	63	07/11/2006	

Ano de 2007

Nesse ano, pretendeu-se uma grande inovação, potencializando a interação. “As coisas boas da/para a minha terra” se expandiu para o EducRede da Argentina, possibilitando aos educadores e alunos argentinos partilhar suas riquezas culturais, ambientais, tradições e costumes com as escolas da rede pública paulista. Inicialmente, pensou-se que um dos entraves seria a diferença de língua e disponibilizou-se uma ferramenta de tradução. Entretanto, de modo surpreendente, a comunicação se efetivou sem que houvesse falta de entendimento decorrente da diferença de idiomas. Os brasileiros escreviam em português e os argentinos em espanhol, e durante uma das últimas videoconferências aconteceu um fato pitoresco: os professores argentinos tentaram se comunicar em português, e os brasileiros falaram em espanhol.

Ocorreu a experimentação de um verdadeiro embricamento cultural e linguístico a serviço da construção do conhecimento significativo. O desejo de se fazer entender superando a limitação de um código específico, e a vontade de compreender a cultura impulsionando para a superação de um entrave que foi imaginado como determinante, mas que se evidenciou insignificante perante o prazer advindo do desafio de estar conectado com o outro que provoca a curiosidade do saber.



“De portas abertas para o mundo” foi o slogan utilizado para designar as atividades de intercâmbio entre os professores e alunos do Brasil e da Argentina no portal.

<p>Neste espaço colaborativo, os participantes de projetos dos EducaRedes pelo mundo publicam suas imagens, textos e trocam experiências. Sejam todos bem-vindos!</p>	<p>En este espacio colaborativo, quienes participan en todo el mundo de los proyectos de los Educaredes publican imágenes, textos y hacen intercambios de sus experiencias. Sean todos muy bienvenidos!</p>
---	---



Ano de 2008

A intenção, para 2008, seria expandir a interlocução com os educadores e alunos do Peru, cujo sistema educacional difere do sistema brasileiro e argentino. A maioria das escolas que utilizam o EducaRede como ferramenta pedagógica nesse país são religiosas. O escopo seria multiplicar a diversidade e o contato com culturas diversas para incrementar a amplitude de visão dos alunos, em acordo com as necessidades do mundo global. Incontestavelmente, a multiplicidade de olhares potencializa os modos de existir.

Entretanto, com a mudança das políticas da SE, o projeto foi interrompido, porque a atual gestão espera canalizar todos os esforços para a implementação da proposta curricular. Retorna-se ao antigo modelo, no qual o sentido do vetor volta a ser da SE para as escolas, interrompendo o processo de valorização da autoria e protagonismo das comunidades escolares.

A tabela a seguir, cujos dados foram fornecidos pelo Cenpec, revela o total do público beneficiado pelo projeto *“As coisas boas da/para a minha terra”*.

Ano	Escolas	Educadores	Alunos	Monitores	Cidades
2004	150	300	9.000	450	
2005	650	1.300	39.000	1.950	125
2006	474	1.022	28.440	1.422	165
2007	432	1.004	25.920		

Em 2007, o programa aluno monitor foi extinto, também devido a mudanças na gestão das políticas públicas, o que justifica a ausência desses dados na tabela. E como nesse mesmo ano a Argentina iniciou sua participação no portal, o levantamento das cidades envolvidas nos dois países foi dificultado.

Após a feitura deste preâmbulo que contextualiza e descreve o projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*”, na parte II será analisada a primeira categoria estabelecida neste trabalho: **o Estado**.

O brotamento

De um
e de dois,
O três.

De sim
e de não,
Talvez.

André Toledo Porto Alves

PARTE II – O BROTAMENTO

Capítulo 2 – O Estado

2.1 Algumas considerações sobre o Estado

Neste capítulo são apresentadas algumas visões de Estado ao longo da história da humanidade e como a aplicação desses conceitos pode interferir no modo de vida das pessoas.

A questão do surgimento do Estado ainda não é um consenso entre os pesquisadores. Para alguns, ele surgiu concomitantemente à formação da sociedade, enquanto outros consideram que o Estado é consequência, é decorrência da própria sociedade, ao atingir determinado estágio de desenvolvimento.

O interesse por esse tipo de organização política aparece desde a antiguidade. Para Aristóteles, a cidade era o local onde o homem, enquanto animal social, poderia chegar ao ápice de seu desenvolvimento. Em seu livro *A política*, afirma que “o escopo do Estado é a felicidade na vida” (ARISTÓTELES, s/d, p. 90). Entretanto, esse Estado terá que ser governado; independente do regime que se adote, haverá uma ou algumas pessoas com o poder de mando e tomada de decisões. As ações que supostamente trariam felicidade para essas pessoas com poder de decisão não estarão necessariamente em consonância com a representação do que seja ser feliz para o outro.

Surge, então, uma questão valorativa. O ser político que decide, age e detém o poder deverá manter um diálogo conciliatório com o ser filosófico que pensa, reflete e critica o ser político. O Estado que almeja propiciar a felicidade na vida terá que abrigar concomitantemente o ser político e o ser filosófico. Talvez este seja um dos maiores desafios, uma vez que os interesses muitas vezes serão antagônicos, conflitantes e perpassarão pela dicotomia perene entre o direito individual *versus* o bem-estar coletivo. Um episódio que ilustra a dificuldade da convivência harmoniosa entre o ser político e o ser filosófico foi o vivido por Confúcio (551-479 a.C.), o qual,

após viajar durante mais de dez anos por vários reinos, percebeu que não havia esperanças de converter nenhum dos senhores feudais a seu modo de pensar e voltou para o reino Lu, onde passou o resto de sua vida ensinado somente alguns devotados discípulos.

Contudo, Aristóteles continua: “Na ordem da natureza, o Estado se coloca antes da família e antes de cada indivíduo, pois que o todo deve, forçosamente, ser colocado antes da parte” (ARISTÓTELES, s/d, p. 16). Por essa visão, os interesses do coletivo devem sobrepujar os individuais. Entretanto, se for o desejo do Estado expandir seus domínios, proporcionando maiores riquezas para aqueles que estão sob a sua tutela, como ficarão os outros que foram subjulgados por ele? Provavelmente, não se sentirão felizes na vida com a ação desse Estado.

O mesmo pensador responde à questão indiretamente, ao declarar que o importante é que os mais dotados tenham um real lugar de destaque na sociedade, desde que os menos favorecidos não sejam relegados a uma situação de miséria. Dessa maneira, legitima a estratificação social e a função de um Estado a serviço de um segmento. Em contrapartida, argumenta: “É preferível que os bens pertençam a particulares, mas que se tornem propriedade comum pelo uso que deles se faz” (ARISTÓTELES, s/d, p. 43).

O filósofo pensa que é pela educação que o homem se priva do egoísmo, de sua ânsia de enriquecer, da necessidade de dominar o outro para aprender a compartilhar com o todo. Assim, seria também função do Estado garantir que os cidadãos se tornem bons e virtuosos.

Conclui-se que, para Aristóteles, o Estado estaria alcançando seu objetivo de tornar todas as pessoas felizes na vida, apesar de haver a legitimação de um grupo favorecido, visto que esse mesmo grupo seria educado pelo Estado para partilhar seus bens e permitir que o outro usufrua deles, sem egoísmos.

É interessante observar que, desde a antiguidade, os gregos já demonstravam preocupação com a necessidade da existência do ser filosófico para orientar e criticar o ser político. Foucault (2004) lembra que a função do filósofo, no século XX, é colocar um limite ao excesso de poder quando este se torna um risco. Parece que conviver com o poder, mesmo com os pequenos poderes, pode ser um grande desafio para o homem que não consegue frear sua ânsia patológica por mais e mais poder, independente das consequências e da falta de percepção voluntária ou

involuntária dos efeitos dessas ações no outro. Sófocles (2008) diz que, para conhecer um homem, é preciso lhe dar o poder.

O Estado medieval se configurou instável e heterogêneo, sendo difícil encontrar nele as características de um Estado propriamente dito. Entretanto, três elementos se fizeram presentes: o cristianismo, as invasões dos bárbaros e o feudalismo. Esse Estado, apesar de fragmentado, apresentava o desejo latente de unicidade política imbuída de poder. O cristianismo foi a base da aspiração de unidade, mas a luta entre o papa e o imperador acabou por desembocar na formação do Estado moderno, com a supremacia absoluta da monarquia.

A denominação Estado moderno, significando situação permanente de convivência e ligada à sociedade política, aparece pela primeira vez em 1513, no texto *O Príncipe* de Maquiavel (DALLARI, 2003, p. 51).

Surge, então, o Estado liberal, cujo capitalismo é o sistema econômico, que condena qualquer restrição ao individual em favor do coletivo. Adam Smith, em *A riqueza das nações* (1983), vai de encontro aos interesses dos grandes proprietários, sustentando que o homem é o melhor juiz de seus interesses e deve ter a liberdade de promovê-los, afirmando a existência de algo como uma “ordem natural” que regula as ações. O Estado liberal, fruto da ascensão política da burguesia, caracterizou-se por ser mínimo, com funções restritas de mera vigilância de ordem social. Esse Estado deu oportunidades aos mais hábeis, mas provocou enorme desigualdade social, por não proteger os mais desafortunados. “Deu-se o direito de ser livre, mas não o poder de ser livre” (DALLARI, 2003, p. 277). A liberdade não assegura a justiça, como provou o Estado liberal.

A questão social imposta ao final do século XIX surpreendeu a burguesia pela intensidade e multiplicidade das exigências apresentadas e que ainda não foram sanadas pelo Estado moderno. Entretanto, esse fato foi o gerador do nascedouro do Estado interventivo, cada vez mais envolvido no financiamento e administração de programas de seguro social (BOBBIO, 2000, p. 403).

Segundo Dallari (2003, p. 55), Engels nega que o Estado tenha nascido com a sociedade, mas diz que é um produto dela quando atinge determinado grau de desenvolvimento. A partir deste pressuposto, a teoria marxista do Estado revela os seguintes aspectos: o Estado foi criado para legitimar o direito da classe possuidora – burguesia – de explorar a classe não possuidora – proletariado – e justificar o domínio da primeira sobre a segunda; e, ainda, uma vez que o Estado nasceu

independente da sociedade, surgiu como uma criação artificial, ele poderá ser extinto por uma sociedade do futuro para atender às necessidades de uma nova minoria privilegiada.

O Estado socialista prega ser dirigido pela maioria, que é o proletariado, afirmando este controle como verdadeiramente democrático porque exercido pela maioria. Contudo, ao ser colocada em prática, essa teoria se subverteu, pois o Estado passou a ser o único capitalista, dando origem ao capitalismo de Estado.

Para Weber, o Estado liberal regido pelo capitalismo, que não pode ser entendido, em termos econômicos e materiais, somente como um modo de produção, mas como um “espírito”, isto é, uma cultura, encontra um aliado na ética protestante. “A ideia do dever que tem o indivíduo de se interessar pelo aumento de suas posses como um fim em si mesmo” (WEBER, 2004, p. 45). Esta afirmação remete a um dever que, não cumprido, poderia ser considerado uma falta. Assim, o “espírito” do capitalismo passaria a constituir um ethos.

O Estado contemporâneo se reveste de complexidade que envolve as múltiplas relações que se criaram entre ele e o complexo social. A questão que perdura é: Os direitos individuais podem se contrapor à intervenção do Estado, ou seja, a liberdade pessoal deve prevalecer em detrimento dos direitos sociais? É função do Estado garantir a liberdade ou a participação? “Se os direitos fundamentais são a garantia de uma sociedade burguesa separada do Estado, os direitos sociais representam a via por onde a sociedade entra no Estado, modificando-lhe a estrutura formal” (BOBBIO, 2000, p. 401). O Estado tradicional foi sendo alterado pela nova composição social e, ainda, foram agregadas funções econômicas orientadas pelos setores do capital.

A economização e a socialização do Estado acabaram na privatização do seu aparelho e na subordinação a grupos específicos de interesse. Este deixou de ser um órgão com poder de decisão para se tornar um executor dos interesses dos grandes blocos econômicos do planeta.

Após a Segunda Guerra, pelas necessidades que se impuseram, o Estado passou a ser novamente intervencionista, não mais preocupado somente com as questões sociais, mas extrapolou suas funções financiando, fabricando, comercializando e gerando economia. Passou a ser produtor e consumidor, associando-se aos grandes empreendimentos.

Em consequência, pode-se considerar um novo tipo de intervencionismo do Estado na vida social. Desapareceram os limites entre o público e o privado. O Estado, considerado um mal necessário, passou a ser um grande financiador e consumidor muito apreciado pelo mesmo grupo que se opunha a ele e defendia a existência de um Estado mínimo.

Esse novo modelo de Estado concomitantemente mínimo e intervencionista exerce um autoritarismo exacerbado e imperceptível à maioria da população, por estar difuso, presente em vários setores. Há a percepção de algo que influencia e controla todas as ações das pessoas, interferindo diretamente nos direitos fundamentais, mas é difícil a determinação da origem da intervenção, pois, assim como os grandes blocos econômicos, o Estado está presente de forma mimetizada em todos os setores da vida social.

Foucault considera que, no século XX, apareceu algo inédito na história: os Estados-filosofias, que se organizaram a partir das premissas de filósofos. O grande paradoxo dessa situação peculiar é que pensamentos de liberdade se transformaram em forma de terror. Foucault afirma que, mais do que o apoio dogmático das religiões, a filosofia autenticou Estados sem freios. O Estado-filosófico torna-se “literalmente inconsciente na forma de Estado puro” (FOUCAULT, 2004, p. 42).

Em *A sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres, há o anúncio de que “a ausência do Estado nas chamadas sociedades primitivas não deriva, como se pode imaginar, de seu baixo nível de desenvolvimento ou de sua suposta incompletude, mas de uma ativa recusa do Estado, enquanto poder coercitivo separado da sociedade” (CLASTRES, 2003, p. 9).

A ideia de uma sociedade sem classes remete à ideia de uma falta, algo como um não ser. A sensação reinante é de como ser por um não ser. Entretanto, ao refletir sobre uma sociedade com Estado, observa-se uma descontinuidade, uma divisão entre os que mandam e os que obedecem, o que não acontece na sociedade sem Estado: por ser indivisível, nela há uma coesão social, sem perda de poder. O poder é articulado a partir de um status atribuído por meio de relações de sangue. Para o pensar das sociedades não arcaicas, há uma impossibilidade de viver na ausência de um poder centralizado, que determina regras e leis. Enfim, sem o direito instituído para gerenciar os conflitos oriundos da escassez dos bens materiais e

imateriais que suscitam o desejo de muitos, pode-se imaginar um mundo de barbáries.

Contudo, as sociedades sem Estado estão distantes da barbárie. Talvez, paradoxalmente, as sociedades com Estado estejam muito mais vulneráveis à violência e à incivilidade. Há uma lógica nas sociedades primitivas que favorece a convivência. Um exemplo é a exogamia, que, além de assegurar os inconvenientes genéticos advindos da endogamia, propicia o bem-estar nas relações com a vizinhança, evitando possíveis conflitos territoriais. A troca de mulheres entre grupos distintos cria laços de parentesco, impedindo as atrocidades por desejo ou necessidade de expansão de terras.

Outro diferencial que a sociedade dita civilizada tem dificuldade de compreender é a inexistência do acúmulo. Não havendo a necessidade de acumular e, portanto, inexistindo o excedente, inexistente o mercado. A ausência de mercado obriga a uma postura não de competição, mas de colaboração. Todos estão envolvidos na manutenção da vida do grupo e há uma recusa pelo excesso inútil.

Certamente, o número de indivíduos nessas sociedades deverá ser limitado, até mesmo para garantir a alimentação do grupo, mas sua organização peculiar permite a manutenção da ordem e do equilíbrio social, que seriam as funções do Estado.

Na atualidade, discutem-se as redes colaborativas e a capacidade de autogestão, na qual haveria uma relação horizontal sem hierarquia, sem a necessidade de um mediador ou de um personagem que liderasse os demais elementos do grupo para garantir a colaboração. Não seria uma ousadia ou atrevimento afirmar que as sociedades sem Estado conseguiram desenvolver um sistema político-social autônomo para o qual o mundo civilizado ainda não encontrou o caminho.

É possível, sem a tentação de julgar as sociedades como mais ou menos “evoluídas”, a existência e a convivência harmoniosa entre os homens na ausência do Estado.

2.2 Parcerias público-privadas – PPPs

Para Hanna Arendt (2008), o conceito de público pode ser considerado de duas maneiras. Primeiramente, o público é o local em que o homem pode ser visto e ouvido por todos. Como a ação não pode ser imaginada fora da sociedade, na qual os homens vivem juntos, o público é o local em que o homem age e, em consequência, garante a realidade do mundo. É o local de existir. Em segundo lugar, o público é o espaço em que o mundo é comum a todos e cada um ocupa um lugar distinto. É o local em que se dá o reconhecimento da igualdade da condição humana acrescida da singularidade, da especificidade de cada um. O desejo do homem de ser público é a possibilidade de se tornar imortal.

Nesse contexto, o conceito de privado remete à ideia de privação de algo e, sendo o público o local de existir, o privado passa a ser a privação de algo essencial. O homem que habita somente na esfera do privado não existe, por não compartilhar seus pensamentos e sua voz com os outros.

Para os gregos, o público deveria sobrepujar o privado, estando sempre em condição de superioridade, uma vez que o homem público era o homem livre. Os romanos pensavam que seria necessária a coexistência entre o público e o privado, pois havia a necessidade de um local de refúgio da exposição pública suprido pela família, que assumiria um papel social relevante.

Na sociedade de massas, esses conceitos de público e privado foram diluídos, e o Estado desaparece em uma esfera meramente administrativa, fragmentada, suscitando o desejo, até mesmo não consciente, de estabelecer a expropriação desse expropriador do poder político.

Na relação público/privado é possível o surgimento de um fenômeno intitulado fragmentação, que pode ser definido como uma descontinuidade ou incoerência entre o comportamento do indivíduo na esfera pública e privada. Todorov (1995) relata inúmeros casos de soldados nazistas que cometem atrocidades indescritíveis nos campos de concentração e, ao mesmo tempo, escrevem cartas amorosas à família, ou de intelectuais que pregam a tolerância, a generosidade enquanto indivíduos solidários na esfera pública, mas que no âmbito familiar são pessoas irascíveis e mesquinhas. Essa descontinuidade pode ser uma forma de

suportar situações extremas, em que a virtude de uma esfera da vida compensa os vícios da outra.

Contudo, para Foucault, a atitude política pessoal não deve ser procurada a partir das ideias, como se pudessem ser daí deduzidas, mas sim em sua filosofia como vida, sua prática, sua vida filosófica, seu ethos. “É preciso, a cada passo, confrontar o que se pensa e que se diz com o que se faz e o que se é” (FOUCAULT, 2004, p. 219).

O Estado contemporâneo estabeleceu normas gerais para uma nova forma de contrato administrativo denominado de Parceria Público-Privada – PPP, a ser celebrado entre o Poder Público em qualquer esfera e a iniciativa privada. O Poder Público, em acordo com seus interesses, concederá à iniciativa privada, que poderá fazer uso da rápida, eficiente e desburocratizada lei de mercado, a responsabilidade de execução de serviços, sendo que o usuário direto ou indireto será o próprio Poder Público.

Como os serviços oferecidos pelo Estado, frequentemente, não atingem a qualidade esperada, alguns segmentos da população aplaudem a interferência do setor privado, na esperança de obtenção de melhoria dos serviços ofertados. Desta maneira, o limite entre os deveres do público e do privado se mostra cada vez mais tênue. Em algumas PPPs, o dever político e o dever moral se encontram de tal forma imbricados e entrelaçados que há dificuldade em se delimitar as competências e as ações executadas entre as duas esferas.

O estabelecimento de parcerias entre o setor público e privado passou a constituir uma ação corriqueira, principalmente entre as escolas estaduais e o empresariado local. A escassez de recursos, atrelada à imensa burocracia demandada para a prestação de contas, às limitações e obrigatoriedades exigidas pelos órgãos centrais para a aplicação do dinheiro público, que limitam enormemente a autonomia da unidade escolar, bem como à falta de experiência em gerenciamento administrativo e visão pedagógica ampla de alguns diretores de escola, fazem com que essa instituição se encontre em estado perene de falta de recursos, ou seja, é a lógica da eterna escassez, mesmo fictícia, que perpassa todos os níveis e integrantes da escola.

A solução encontrada para solucionar os problemas imediatos e que dificilmente estão previstos nas orientações, elaboradas muitas vezes por pessoas que desconhecem a rede pública, sobre como a escola deverá gastar o recurso

público, é recorrer ao setor privado. “Os que exercem funções governamentais, desde os ministros aos mais humildes funcionários de repartições locais, têm os seus próprios interesses privados, que de forma alguma coincidem com os da comunidade. E assim vem a parecer, e até certo ponto ser, o inimigo daqueles que ele tem obrigação de servir” (RUSSELL, 1956, p. 79).

A utilização do recurso privado não exige uma infinidade de licitações, tomadas de preços, notas fiscais e prazos, o que agiliza imensamente todo o processo e atende à singularidade da demanda da escola.

O nosso grupo de participantes, desde o início, estava muito entusiasmado com o projeto, com as reuniões e toda a proposta de trabalho, mas infelizmente não conseguimos ir à estação de tratamento de água e esgoto, receberemos a visita do laboratório móvel da Ecosama, pois só conseguiríamos agendar para 10 de dezembro; além disso, não foi possível todo o grupo participar das visitas por não termos transporte suficiente.

E. E. PROF. MARIA ELENA COLONIA
Mauá – SP
17/10/2006

A política educacional das últimas gestões incentivou a busca de parcerias locais para a execução de projetos específicos das escolas. No projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*”, em especial, ocorreu algo que merece menção. As escolas envolvidas, para melhor desenvolverem suas propostas, com o objetivo de contemplar um programa oriundo de uma PPP firmada por um órgão central e, em consonância, com a tônica das políticas públicas educacionais daquele momento, estabeleceram novas parcerias locais, acatando o modelo adotado. Houve um efeito cascata: o mesmo tipo de ação desencadeada no centro do sistema atingiu as bordas.

Os grandes blocos econômicos têm interesse em estabelecer parceria com o Estado em suas atividades econômicas como negociadores igualitários, pelos benefícios fiscais obtidos por ações sociais e, ainda, pelo ganho publicitário em associar sua marca a projetos sociais relevantes de grande amplitude e divulgação.

O setor privado há muito tinha percebido que, sem uma escola pública de qualidade, o seu fazer estaria comprometido. Não é mais viável se esquivar da

problemática matriculando os filhos em escolas privadas tidas, no imaginário coletivo, como melhores, porque é inevitável sofrer as consequências decorrentes do fornecimento, pela escola pública, de uma mão-de-obra desqualificada para a manutenção do seu capital.

Não é vantajoso somente formar bem os futuros gestores das empresas se não existem outros recursos humanos com as qualificações mínimas exigidas pelo mercado. Desta maneira, corre-se o risco de vincular estritamente a educação com a geração de riquezas. A escola estaria atrelada somente à reprodução do modelo econômico vigente.

Diferentemente de um passado próximo, em que o Brasil era um grande fornecedor de mão-de-obra barata e desqualificada requerida pelos empresários, fato que atraía multinacionais para o país, a atualidade se configura pela demanda de competências básicas que permitam ao sujeito estar apto a resolver diferentes situações que se apresentam em seu cotidiano.

O passo seguinte foi a implementação. Para tanto, o estabelecimento de parcerias foi fundamental, principalmente através do apoio material e humano.

E. E. DO JARDIM ARAPUÃ
Jales – SP
26/10/2006

O setor privado observou também que se encontra à mercê da violência crescente e brutal que contaminou a sociedade, advinda, entre outros fatores, da falta de uma educação pública de qualidade, capaz de desenvolver competências, habilidades e atitudes que auxiliem os jovens a criar e desenvolver seus projetos de vida, uma escola que ensine a viver seguindo valores que permitam a convivência pacífica entre os homens. Assim, não somente por uma questão de consciência social, mas também para atender a seus próprios interesses, o setor privado tem se mostrado aberto para auxiliar as escolas públicas a se tornarem mais atrativas, mais prazerosas e, portanto, mais eficazes, a fim de que possam cumprir sua tarefa, ou seja, educar de forma integral as próximas gerações.

Para a realização do projeto contamos com materiais de laboratório emprestados da Sucen, Folha de S. Paulo, Correio Popular, Diário do Povo, consulta na Internet (Embrapa), livros didáticos e paradidáticos.

A parceria ocorreu com o Centro de Saúde Tancredão e Sucen SR-5. E a partir do esforço e união de toda coletividade, muitos problemas foram solucionados em relação à preservação da saúde.

Finalmente, houve avaliação positiva do projeto, pois os alunos têm mantido a preocupação em deixar o ambiente escolar fora da área de risco e a continuidade das ações de prevenção e preservação da saúde, isso tem sido uma constante nas atividades escolares.

E. E. "PROF. MARIA DE LOURDES CAMPOS FREIRE MARQUES"
Campinas – SP
19/10/2006

O sucesso das parcerias já realizadas corrobora para que outras sejam incentivadas e efetuadas, com o aval da população local que, frequentemente, faz uma avaliação satisfatória dos resultados. O setor privado pode se encarregar de incentivar, oferecer visibilidade e divulgar as atividades elaboradas pelas escolas públicas. A oportunidade de ser ouvido e visto fomenta um sentimento de orgulho e pertencimento na comunidade escolar, aumentando a vontade do fazer, na busca pela aprovação do grupo.

Foram efetuadas atividades no "Jornaleco", jornal ambiental da empresa Votorantim Celulose e Papel S.A.; também foi apostado no talento artístico, com produção de desenhos de animais em extinção, pesquisa em sites e revistas eletrônicas foram exploradas, e foi realizado da escola um multirão da limpeza.

E. E. PROF. ADHERBAL DE CASTRO
Jacareí – SP
26/10/2006

O Estado neoliberal mínimo e intervencionista na economia pretende transferir suas responsabilidades sociais para a sociedade. As PPPs, além de atenderem a essa expectativa, podem também conferir um critério justo na distribuição de poder

entre as forças sociais envolvidas, gerando um controle mútuo entre o público e o privado.

Parece que há um consenso sobre a necessidade de se manter um Estado mínimo, assessorado pelo setor privado, tido, em alguns casos, como mais eficiente e próximo dos anseios locais. O Estado, assim ciente, procura obter vantagens dessa situação. Contudo, críticas são feitas a esse modelo, por exemplo, que o Estado está se eximindo de seus deveres primordiais em relação à oferta de uma educação de qualidade, havendo alguns que chegam a imaginar que essa nascente e talvez bem sucedida relação híbrida possa ser o esboço de uma possível terceirização da educação pública no futuro.

O projeto teve seu início no ano de 2004 com o apoio da Construtora Camargo Corrêa, a qual forneceu mão-de-obra e terra especial, aplainando uma área nos fundos da escola e construindo os canteiros...

No final do ano de 2005 a professora Ademilde conseguiu junto ao Instituto Arcor a aprovação de financiamento para a construção de um sistema de irrigação da horta o qual aproveitaria água das chuvas e dos bebedouros...

Verificamos que a participação dos alunos no desenvolvimento do projeto tem se tornado muito estimulante na melhoria dos hábitos dos alunos, os quais aprendem a importância da conservação dos recursos naturais, melhoram seus hábitos alimentares, aprendem como preparar a terra e plantar hortaliças para consumo próprio, ajudando na alimentação de suas famílias.

E. E. PARQUE SÃO JORGE
Campinas – SP
20/10/2006

As parcerias locais firmadas pelas escolas, bem como aquelas estabelecidas por meio dos órgãos centrais da SE, são muito diversas, podendo se estabelecer por meio de fornecimento de dinheiro, oferta de prestação de serviços, cursos de formação para professores, viagens, visitas, manutenção dos computadores, prêmios para alunos e/ou professores.

Quando a escola percebe os benefícios advindos da gestão do dinheiro desvinculado do controle central, sente-se motivada a criar ações para gerar maiores recursos a serem utilizados em outros projetos que atendam aos anseios da sua comunidade escolar.

Neste primeiro ano de parceria com a Radio Eldorado, a escola recebeu R\$ 500,00 como incentivo para continuar trabalhando o Projeto e que foram gastos na compra de materiais pedagógicos para a escola.

Em 2005, com o início de novo ano letivo, novos professores foram chamados a participarem do projeto, e ao final do ano, com os produtos recicláveis, a escola arrecadou cerca de R\$ 1.000,00 que foram utilizados na implementação do projeto da Rádio Meirelles, com a compra de um aparelho de som e instalação de caixas de som pela escola.

O ano de 2006 começou com o planejamento de várias atividades, com o propósito de consolidar a escola como Posto de Entrega Voluntária. Projetos foram desenvolvidos no decorrer do ano: a Sala Floresta (espaço de sensibilização sobre o meio ambiente), palestras sobre o uso racional de produtos descartáveis, gincanas de arrecadação, ação de panfletagem na comunidade, instalação de faixas e banners no frontal da escola, criação de animações sobre a ação do lixo no meio ambiente, entre outras inúmeras ações implantadas.

E. E. PROFESSOR AUGUSTO MEIRELLES REIS FILHO
São Paulo – SP
25/10/2006

As PPPs podem ser criticadas no que se refere ao seu conceito e origem situada na lógica do capital. Entretanto, o grande elã dessa proposta pode ser a capacidade dos grandes grupos econômicos, em associação com o Estado, de trazer benefícios mútuos e ganhos reais para a população. Cabe, em parte, aos técnicos responsáveis pela implementação desses programas a procura da maximização e otimização de todos os recursos disponíveis para que a população possa usufruir dos melhores benefícios possíveis.

O Estado democrático deve mostrar-se flexível, não sendo possível uma forma fixa para todos os tempos e lugares. As PPPs permitem uma interferência maior nas decisões, podendo representar melhor a vontade da população. O maior perigo não se encontra no conceito das PPPs, mas na forma como serão gerenciadas. O Poder Público não poderá simplesmente delegar suas funções ao setor privado, mas deverá ser corresponsável em todos os níveis das ações.

Um dos quesitos para a eficácia da parceria reside na percepção da necessidade de haver uma cogestão entre os parceiros, com um diálogo amigável e o estabelecimento de uma cumplicidade para o enfrentamento dos desafios que se

colocação no percurso da jornada. É preciso haver uma predisposição para a partilha de poder, inaugurando uma nova cultura política, com uma participação mais complexa e qualificada para as tomadas de decisões no coletivo.

Uma reflexão final se impõe. É difícil negar os benefícios advindos das PPPs que a escola, como um todo, usufrui. É difícil também repudiar as vantagens que alguns alunos poderão receber do setor privado, tornando-se capazes de criar ou recriar seus projetos de vida, os quais dificilmente seriam concretizados se ficassem somente na dependência dos recursos do Estado. Não obstante, há de se pensar que tipo de sociedade se formará com a afirmação desse modelo, quem será realmente beneficiado e qual será a função de um Estado que se descompromete, em termos, com a educação.

A educação não pode se permitir formar indivíduos desprovidos de capacidade de pensar e julgar por conta própria, assumindo responsabilidades para que não se tenha uma sociedade composta por um conjunto de pessoas que se configuram como uma massa amorfa, insensível e burocrática, incapaz de pensar por si mesma.

O papel mais importante a ser prestado pela educação pública é o de mediar o desenvolvimento dos educandos com relação à cidadania, levando-os a serem mais críticos e participantes junto às comunidades em que se encontram inseridos.

Nossa escola encontra-se localizada em uma comunidade carente, de baixa renda, o que torna o papel da cidadania fundamental para que esses indivíduos materializados neste contexto social possam ter uma perspectiva, com relação a um futuro melhor.

A ideia básica que fundamenta o nosso projeto social é que as implicações sociais podem ser melhor exploradas nas escolas, partindo de necessidades reais da comunidade escolar e da comunidade que forma a escola (bairro).

E. E. SÃO JUDAS TADEU
Mogi Guaçu – SP
23/10/2006

Na atualidade, como já mencionado, a complexidade que caracteriza a instituição Estado atingiu níveis inéditos na história. Não somente pela sua fragilidade, ilustrada pelas PPPs, que são consequência e não causa, mas pelo modelo social e político de um capitalismo tardio e ampliado em que o limite entre o

local e o global adquire novos contornos, fomentando diversas formas de existir, de ser, de se relacionar com a verdade, com o poder e de conviver consigo mesmo.

Pensar sobre o Estado e suas relações é procurar entender melhor a cultura global e local em que se está inserido, ou seja, é procurar não se emaranhar na teia convidativa da ingenuidade e traduzir o mundo para que se torne mais compreensível e, portanto, permita uma fruição mais clara, fluida e intensa.

O crescimento

SE
ESSE QUE
ERRE
ERRE SE

ESSE
E
ERRE

ESSE QUE
ES
SE ERRE
SE R

Parte III – O CRESCIMENTO

Capítulo 3 – O local e o global

3.1 A cultura local

“O mundo e o universo são lugares extremamente belos, e quanto mais os compreendemos mais belos eles parecem.”

Richard Dawkins

Darwin formulou o conceito de seleção natural como um processo que seleciona os indivíduos mais adaptados ao ambiente, sendo assim visto como um selecionador, e não como causador, ao contrário do que Lamarck preconizava. O conjunto de genes que os indivíduos portam determina o genótipo que, ao interagir com o ambiente, gera o fenótipo. Os mais bem adaptados possuem um genótipo mais apropriado à sobrevivência em determinado ambiente. Desta maneira, a competição advinda da seleção natural aconteceria em nível de genes, e não de indivíduos, como afirmou Dawkins (2007), que acrescentou, em 1976, uma inovação: a existência de “memes”, que seriam os “genes”, a unidade mínima transmissora da herança cultural. O imbricamento entre os genes biológicos e os memes garantiria a sobrevivência e influenciaria o processo evolutivo. Nessa visão, o indivíduo seria apenas a “máquina de sobrevivência” dos genes imortais.

Os memes podem ser ideias, línguas, sonhos, imagens, sons, valores estéticos e morais ou qualquer outra unidade capaz de ser apreendida ou transmitida de forma autônoma. Para Dawkins, eles são replicadores de comportamentos.

Como os genes biológicos, os memes são vulneráveis a mutações, mas, diferentemente da genética darwiniana, as características adquiridas do meme são retransmitidas aos seus descendentes, o que permitiria afirmar que a memética é Lamarckiana. Nessa visão, as mutações do meme originariam as diversas linguagens em suas variações simbólicas.

Uma das características primordiais do meme é sua propagação por imitação. A informação do ambiente é enviada ao cérebro e, após a análise do potencial dos

benefícios obtidos, é praticada e imitada. Caso a ação seja bem sucedida, poderá se propagar para muito além do tempo de sua origem; como exemplo, o design de uma ferramenta ou rituais de acasalamento.

A pergunta obrigatória advinda dessas afirmações é: a cultura evolui? Este foi um dos engodos do conceito de evolução social, segundo o qual as culturas passariam por vários estágios de evolução em sentido único, até atingirem um ápice, identificado como a cultura moderna europeia. Talvez o equívoco esteja no uso da palavra “evoluir” com a conotação de algo primitivo que passa a ser mais sofisticado. O melhor seria a utilização do conceito de transformação horizontal, causadora da diversidade, sem hierarquias predeterminadas e valoradas por alguns grupos que se autointitulam mais “evoluídos”.

As histórias, contos, crendices e mitos populares, os memes, são sempre floreados, adornados quando recontados para serem melhores recordados, e assim continuamente contados, recontados, reproduzidos e transformados. São os indivíduos que induzem a “mutação” do meme com a intenção de melhorá-lo, para garantir sua permanência.

O projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” teve a intenção de resgatar a efervescência da riqueza cultural esquecida, não valorizada e não divulgada dos municípios do estado de São Paulo.

Outra atividade que veio proporcionar uma grande interação entre todos da escola/ comunidade foi a festa do pastel, em um momento de harmonia e lazer onde todos da escola se dispuseram a confeccionar e servir os pastéis, que foram vendidos a um valor irrisório, isto para que todos pudessem se confraternizar e “saborear o dia”.

Por conta do projeto em questão foi realizado com as 8as séries trabalho sobre Literatura de Cordel, lembrando e valorizando os nossos escritores, nossa cultura, fazendo com que os alunos se motivassem e produzissem várias releituras dos textos de literatura populares já conhecidos.

O projeto do EducaRede contribuiu bastante, pois através dele percebeu-se a necessidade de trabalhar, resgatar os valores e a cultura de nossa terra, onde nos sentimos motivados e estimulados para realizar todos esses projetos.

E. E. "JARDIM BOA ESPERANÇA"
Mogi Guaçu – SP
24/10/2006

O conceito do meme não é bem visto pela comunidade científica, por não se enquadrar nos critérios de cientificidade exigida no presente. Entretanto, poderá servir como uma boa metáfora para representar as pequenas mutações, replicações e permanências de unidades de herança cultural.

Muitas vezes, o jovem se sente inseguro e solitário por querer conhecer ou viver sua cultura, propagar seu meme, podendo até mesmo ser ridicularizado por outros segmentos sociais mais autoritários e preconceituosos ou já irremediavelmente massificados pela cultura global dominante. Essa prática de negação e desvalorização da cultura local é herança de uma elite eficiente e mantenedora do poder utilizado para a propagação de ideias que menosprezam o modo de ser de qualquer outro que não sirva a seus interesses.

Quando o jovem se percebe livre desses grilhões historicamente inculcados pela cultura dominante, pode se deleitar com algo que lhe pertence, que faz parte da sua história. É preciso apenas desencadear o processo, oferecendo as mínimas condições para o renascimento da segurança que permitirá a exposição do “eu” sem constrangimentos.

Nós e nossos alunos somos ávidos em relação a querer mais e mais cultura. Não há como parar.

E. E. PROFESSORA ZITA DE GODÓI CAMARGO
Rio Claro – SP
06/11/2006

A definição de cultura é bastante diversificada e complexa. Pode ser aqui entendida como o conjunto de todas as práticas sociais de um grupo humano, em determinado período. Essas ações conferem uma identidade comunitária, com delimitações dos comportamentos desejáveis.

O projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” pretendeu valorizar as pequenas coisas do cotidiano que fazem a diferença na vida da população, coisas singulares e que propiciam um prazer algumas vezes não mais percebido, além de evidenciar a necessidade da utilização da tecnologia com um valor agregado, para não se direcionar ou incentivar a formação de tecnocratas. É importante reviver a

percepção da beleza do cotidiano, a capacidade de dialogar com a subjetividade, a manutenção de uma interlocução com a desrazão e a competência de olhar esteticamente e eticamente para o mundo.



A cultura é algo presente e importante para todos, ela faz parte da nossa história, do nosso cotidiano. Porém, nossos alunos bem pouco têm esse contato, muito menos noção da proporção e da falta que ela faz; foi pensando nesses valores que nos propusemos a vivenciar esse tema juntamente com eles, passar um pouco do seu valor e extensão. Sabemos que muito ainda temos para vivenciar, aprender e expandi-la, após as portas do conhecimento terem sido abertas.

E. E. PROF DANIEL PAULO VERANO PONTES
São Paulo – SP
03/11/2006

A indústria cultural pode estar vinculada ao empobrecimento, à desconstrução e transformação da cultura popular em mercadoria, com valor de troca no mercado, e passando de uma forma de resistência para se configurar como mais uma maneira de dominação.

Falar da cultura do estado de São Paulo é pensar no caipira e seus costumes. A formação do caipira apresentou peculiaridades diferentes da formação do sertanejo ou do caboclo. No Brasil colônia, a cana-de-açúcar era uma das riquezas nacionais e sua exploração permitiu a construção de um poderio, na Região Nordeste do país, firmado por uma relação fortemente definida entre o amo e seus escravos, diferente da sociedade paulista, mais pobre, mais igualitária e na qual a miscigenação era mais livre.

Esse modelo gerou relações menos agressivas entre índios e brancos que já não pertenciam mais aos seus grupos de origem. Era o nascedouro ainda amorfo, indefinido, de uma nova sociedade, com a participação particular dos bandeirantes, que mantinham uma espécie de conluio com sua índiada, a fim de dominar e manter em cativeiro outros índios e quilombolas. Esse grupo assim formado acabou por se fixar, falando a língua portuguesa, e tornou-se responsável pela produção artesanal e pelo suprimento de animais de serviço, em meio a missas, leilões, bailes, rapadura e queijos. Era o início da cultura caipira.

Os vínculos familiares entre os indivíduos dessa associação recém-formada foram fortemente firmados no enfrentamento conjunto de situações econômicas adversas, e houve o despertar de um sentimento de solidariedade na execução das tarefas, feitas em regime de mutirão, que não foram somente uma maneira de agregação para o trabalho, mas uma oportunidade de prover festas com música e pinga.

Na semana do folclore, foram feitos pratos típicos da culinária nacional e os alunos pesquisaram sobre quais as manifestações folclóricas que tinha em nossa cidade e descobriram que há na comunidade grupos de folias de reis e de congada. Dentre os alunos foram descobertos vários talentos e encontramos alunos que tocam diversos instrumentos musicais e outros com muito talento para dança e canto. Também montamos grupo de teatro e foram feitas diversas apresentações para os alunos da escola integral. Dentro das atividades culturais foi feito na escola um gráfito por um ex-aluno que quis mostrar que esta arte tão apreciada por adolescentes pode ser feita de forma não agressiva e com viabilidade econômica e cultural

E. E. FRANCISCO ANTÔNIO GONÇALVES
Mogi Guaçu – SP
27/10/2006

Lobato descreve o caipira “em sua postura característica, acororado desajeitadamente sobre os calcanhares, a puxar fumaça de pito, atirando cusparadas para os lados” (RIBEIRO, 1995, p. 387). Este estereótipo tão amplamente divulgado pode ser a fonte de várias injustiças cometidas, pois se associou a imagem do “Jeca Tatu” a uma indolência e preguiça não justificadas, uma vez que foi o caipira que construiu, inicialmente, todas as riquezas deste estado. Foram desconsiderados seu

modo de falar, sua vestimenta, seus utensílios, sua música, e tudo isto virou motivo de chacota. Esse mesmo caipira “vê desaparecerem, por inviáveis, as formas de solidariedade vicinal e de compadrio, substituídas por relações comerciais. Vê definhar as artes artesanais...” (RIBEIRO, 1995, p. 387). O caipira, ao longo da história, foi sendo espoliado de suas terras, marginalizado e quase confundido com o escravo, enquanto a cultura popular foi empobrecida pela indústria cultural, que a transformou em mercadoria com valor de troca.

FILHOS ILUSTRES – TOM MAIA – desenhista

Quais são suas obras publicadas?

Foram mais ou menos 46 obras, já desenhei o Brasil todo e agora vou desenhar Portugal.

Qual obra sua você considera a mais marcante?

Vale do Paraíba – Velhas Fazendas feito pela USP.

Existe algo que você gostaria de nos dizer que não foi perguntado?

Não tenho muito mais a falar para vocês, apenas que os achei ótimos entrevistadores e escolheram boas perguntas. Mas peço que lidem com as crianças com exclusividade, ensinem a elas a preservarem as suas identidades culturais

E. E. DR. FLAMÍNIO LESSA
Guaratinguetá – SP
06/11/2006

Resgatar e valorizar o artesanato, a religiosidade, o modo de ser do caipira paulista é rever as origens e procurar entender as causas reais de todo o atraso e deformações da sociedade paulista, heranças da oligarquia cafeeira, segmento para o qual a culpabilidade da pobreza estaria no próprio pobre, o caipira, pela sua preguiça inventada, amplamente divulgada, e que tantas consequências funestas acarretou.

Escolhemos o tema: Cultura e resolvemos apresentar os "artesanatos feitos com Bambu", pertencentes ao Distrito; o qual foi elogiado pela equipe do EducaRede...

E. E. PROFESSOR ARISTIDES GURJÃO
Mogi Mirim – SP
23/10/2006

A história da nossa sociedade deverá ser reescrita a partir de novos olhares, o olhar caipira, que certamente contará as mazelas sofridas pela dominação eficiente das oligarquias que não só se apropriaram do poder econômico, mas desqualificaram a cultura popular, local.



O levantamento e a catalogação das Capelas e Igrejas Torrinhenses do município de Torrinha foram um passo fundamental para a formação do cidadão torrinhense, pois estão voltados para o conhecimento da cultura local, testemunho vivo da religiosidade do nosso povo. A preservação do patrimônio arquitetônico e religioso local, bem como a história que o acompanha, pertence ao povo de Torrinha e torna-se agora um documento que servirá de pesquisa para todos os que quiserem saber um pouco mais sobre nossa história. Para a elaboração desse projeto foi feito um trabalho de campo, visitando os sítios onde se encontram as capelas, fazendo um levantamento junto aos proprietários. Organizados os dados, fizemos um livreto contendo todo o conteúdo estudado pelos alunos.

E. E. LÁZARO FRANCO DE MORAES
Torrinha – SP
06/11/2006

Divulgar a cultura atrelada à funcionalidade, como mercadoria que possui valor de troca, é menosprezar ou ignorar as pequenas coisas da cultura do cotidiano que rompem a rotina, trazendo prazer. O olhar precisará estar direcionado para as coisas que são feitas ou olhadas, mas que já não são mais percebidas. As peças do artesão à venda na calçada, o cheiro que inunda a praça vindo dos doces da quituteira, o sanfoneiro que toca e canta alegremente, os idosos que se encontram diariamente para jogar dominó, a banda que toca no coreto aos domingos, o pastel de carne do bar do “Zé”, o jardineiro que faz do seu jardim a expressão do belo são

alguns exemplos da riqueza do fazer que desvela a condição humana imersa no seu modo de ser e estar, ou seja, em sua cultura.

Suscitar a vontade de valorizar essa riqueza cultural, essas especificidades regionais, não significa fazer uma apologia ao surgimento de sociedades utópicas pueris e rurais.

Jameson explicita que o surgimento de sociedades utópicas, nas quais haveria a reconciliação, também utópica, entre o sujeito e o objeto e nas quais, ainda, o humano teria o controle total de seu destino, é assustador para as mentes dos indivíduos deste mundo administrado em que se vive.

“Uma simplificação da vida, o desaparecimento da diferença estimulante da vida urbana e o abafamento dos estímulos sensoriais (o medo da repressão sexual e dos tabus é explicitamente acionado aqui), um lugar, enfim, de uma volta às formas da 'idiotia rural' e da vida 'orgânica' dos vilarejos, de onde tudo que fosse complexo e interessante na civilização ocidental tenha sido amputado” (JAMESON, 2004, p. 337).

Apesar de haver um anseio e talvez até um pequeno movimento de migração no sentido contrário, ou seja, dos grandes centros para as localidades menores, e mesmo se tratando de uma utopia que pode expressar um desejo, um devaneio a ser atingido, uma volta espontânea a um nível de civilização a estágios menos desenvolvidos, não apresenta nenhuma repercussão significativa. Os setores privilegiados jamais abdicariam de todos os seus confortos urbanos.

Aquilo considerado por Jameson “idiotia rural” e “interessante na civilização ocidental” é passível de questionamento. Desconsiderando o estreitamento do pensamento provinciano e os preconceitos dele decorrentes, a idiotia rural pode trazer mais prazer que toda a complexidade urbana, pela capacidade de ressignificar o mesmo, atribuir novos sentidos ao cotidiano, pela relação peculiar com o tempo, que confere a oportunidade e a capacidade de deparar com a beleza do mundo.

Contudo, é inegável que o contato com culturas diversas permite, por alteridade, compreender melhor a própria cultura e a do outro. O multiculturalismo prevê a competência de conviver na sua cultura, na do outro e na cultura dominante globalizada. Diferentemente do previsto, a globalização não gerou perda de produção cultural local e, conseqüentemente, de identidade, mas fortaleceu o sentimento de pertença, valorizando o específico, o peculiar, o singular, que convive com a uniformização do global.

Na sociedade dita pós-tradicional por Giddens (1997), não existe mais o estranhamento pelo outro, ninguém é mais um forasteiro; a cultura do outro é tão desconcertante e estranha como a cultura de origem. Fica estabelecido um diálogo cosmopolita do gênero humano, revelando e reconhecendo a própria humanidade.

A cultura local será respeitada quando a população local, mesmo imersa em um multiculturalismo, respeitar-se, conhecer-se e valorizar-se em sua diversidade. Em cidades turísticas bombardeadas constantemente por inúmeras identidades, a construção de uma identidade capaz de servir como amálgama que funda toda a população local, de forma a se impor como algo específico, singular, é tarefa árdua, principalmente para os jovens, que se encontram em constantes conflitos sobre o que são em relação ao outro. É preciso criar uma identidade não a partir de um estereótipo, como alguém que se olha no espelho, inventado por outro. A dificuldade é potencializada pela força avassaladora da cultura dominante, que insiste em prevalecer em absoluta soberania, desvalorizando o tido como diferente.

É um trabalho espinhoso suscitar nos jovens a capacidade de se comover, de se inflar de indignação perante atitudes que desfaçam o fazimento daqueles “zês-ninguém” que geraram essa hibridação, ainda não tão bem decifrável, da incomensurável riqueza das culturas locais paulistas e, certamente, brasileiras.



A primeira ideia de trabalho foi formulada a partir da indignação a respeito do tratamento que nós mesmos damos aos nossos amigos, vizinhos, professores, pais e, pior ainda, como muitas vezes somos tratados pelos turistas.

Com debates em reuniões de monitores de classe, grêmio estudantil, monitores do Projeto e a prof. Hilda Ballai chegamos à conclusão de que: “Somos de uma cidade com uma beleza natural e com um povo muito diversificado entre si, mas muitos de nossos habitantes não se conhecem ou não foi, ainda, despertado um olhar mais lírico, mais significativo.” Ou seja, nós

somos responsáveis por tudo que envolve nosso viver em sociedade e se não valorizarmos e respeitarmos a cultura de cada um, certamente, entramos em colapso social.

Precisávamos valorizar as tradições culturais e familiares. Foi muito difícil, pois a memória é curta e quando fazíamos perguntas simples, muitas vezes, as pessoas não sabiam responder ou só pensavam no imediato, no agora e o passado é velho demais.

Painéis e frases foram feitos para a decoração do evento e os vencedores da Gincana Caipira, que também faz parte da Cultura Nacional, fizeram passeios aos pontos turísticos de Guarujá.

Pensávamos que o trabalho havia acabado. Estava começando, pois os resultados chegaram.

E. E. PROF. THEREZA SILVEIRA DE ALMEIDA
Guarujá – SP
07/10/2006

Essa cultura local que, de modo enganoso, se oporia à cultura globalizada, justamente pelo global, pelo massificado, pela padronização, é valorizada e destacada por apresentar o particular, o singular e o específico. É a externalização da diferença na igualdade.

Destacar as especificidades é reencontrar as histórias de vida, é remeter pela sensibilização das ordens sensoriais a situações que compõem a existência de cada um. São as boas memórias que sustentam o tempo de espera, o tempo do encistamento decorrente das crises externas e/ou internas. Durante o período de encistamento, o ser regula todo o metabolismo para funcionar em condições mínimas somente para garantir a sobrevivência e se volta inteiramente para si. É nesse diálogo solitário consigo mesmo que as memórias são revividas e povoam o isolamento. São palavras, cheiros, sorrisos, gestos, imagens do passado que são ressignificadas no presente para atribuir novo sentido ao viver.

Como as possibilidades de interação são infinitas, as construções das diversas identidades são inúmeras. Deleuze (1995) diz que “cada um de nós era vários, fomos multiplicados”. Assim, o eu se torna vários, assumindo muitas identidades que permitem diferentes relacionamentos e a construção de infinitas realidades, que aumentam o nível de abrangência da consciência. Essa amplitude permite ver por meio do outro, existir por meio de seus múltiplos agregados aos múltiplos do outro.

Para Benjamin (1994), o conceito de “Erfahrung” – experiência e arte de contar – se encontra enfraquecido na lógica do capital moderno, em detrimento da “Erlebnis” – experiência vivida, característica do indivíduo solitário. A proposta seria uma reconstrução da experiência e da narrativa, oriunda de uma organização social comunitária centrada no artesanato. Não há mais tempo para se ouvir ou narrar, tudo acontece velozmente, no ritmo da máquina, impedindo a sincronicidade entre a voz do narrador e a mão do artesão.

Aquele que conta, transmite um saber ser, um saber conviver, uma tradição, um saber fazer que se esvaziou de sentido pela vida solitária moderna e pelo desconhecimento sobre o que fazer com esse conhecimento, uma vez que o comum se esfacelou e o prazer de criar uma história que desencadeia outras e outras histórias perdeu o encanto, como se perdeu também a figura singular do contador de histórias. “Em outras palavras, o esfacelamento da tradição implicou na perda da sabedoria...” (LAFER, 2003, p. 52).

Contudo, uma experiência individual, solitária, vivida tão profundamente, pode se transmutar em um desejo de uma experiência universal. Para Benjamin, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Proust viveu uma “Erlebnis” tão desesperadamente que ela foi transformada em busca universal. Ele não se deteve no passado, mas buscou a presença do passado no presente, alterando concomitantemente um e outro. Pretendeu impedir o esquecimento do já ocorrido pela revisitação ao passado a partir do atual e revelou a realização do possível – o presente antevisto no passado.

A cultura local, fundada em fontes orais, deixou de ser mera informação para se transformar em origem e provimento de significados, valores e práticas sociais. Na atualidade, resgatar as memórias locais é criar ou recriar uma maneira mais dinâmica, aberta e flexível do conceito de história, visto que as memórias não são estáticas, como também não o são os agoras. “Na verdade, a consciência é sempre um agora vivido a condensar incessantemente o passado e o futuro” (PENNA, 2001, p. 47). Entendidas dessa forma, elas não pertencem ao passado nem ao futuro, mas ao presente, fato que as encharca de importância e sentido.

“Quando uma alma sensível e culta se lembra de seus esforços para desenhar, de acordo com seu próprio destino intelectual, as grandes linhas da razão, quando

estuda, pela memória, a história de sua própria cultura, ela se dá conta de que, na base das certezas íntimas, fica sempre a lembrança de uma ignorância essencial. No reino do próprio conhecimento há, assim, um erro original: o de ter uma origem; o de faltar a glória de ser intemporal; o de não despertar a si mesmo para permanecer como si mesmo, mas esperar do mundo obscuro a lição de luz” (BACHELARD, 2007, p. 11).

Para entender o presente, é preciso revisitar as memórias e as tradições locais, das quais o “eu” mesmo faz parte, uma vez que a ação passada pode ser experimentada no presente.

3.2 Memória e tradição

Maurice Halbwachs criou o “termo memória coletiva, que se distingue da memória individual, visto que é construída por um grupo ou sociedade” (GIDDENS, 1997, p. 81). Essa memória envolve rituais e tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. A conservação dessa memória do passado se mantém no inconsciente e, quando se manifesta, é a reconstrução do passado com base no presente. Para Halbwachs, o passado não é conservado, é somente reconstruído, diferente do pensamento de Giddens, que acredita que o passado continua a existir no inconsciente.

Se o passado não existe e é reconstruído por meio das experiências do presente, a memória é um processo dinâmico, ativo, mutável e social, enquanto “a tradição é um meio organizador da memória coletiva. A tradição passa a ser um trabalho contínuo de interpretação para identificar laços que ligam o presente e o passado” (GIDDENS, 1997, p. 82).

A somatória das memórias do passado que rói o provir é o que somos. As memórias insistem em tomar espaço no consciente, mas são barradas por um vigilante eficiente que as mantém no inconsciente, recebendo permissão para a entrada no consciente somente em situações peculiares, “para ajudar a compreender o presente ou a prever o porvir” (BERGSON, 2006, p. 61). Assim, “nosso passado continua presente” (BERGSON, 2006, p. 48).

“A imagem pura e simples não me remeterá ao passado, a menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar, seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz” (BERGSON, 2006, p. 49).

Resgatar as tradições e as memórias é uma forma de compreender o atual, entender o que somos e o que estamos fazendo, dar-se conta de que o importante está no olhar e não na coisa olhada. É importante como são redescobertas as memórias para que elas se transformem em tempos fortes, em tempos de criação, de imersão profunda em si. Contudo, viver de memórias não basta, é preciso fazer delas uma força capaz de impulsionar o caminhar rumo a novas paisagens, a tornar-se a cada dia um ser renovado, eternizando os encontros no mundo.

Como já dissemos, nossos leitores serão toda a comunidade, pois achamos que nosso tema, apesar de parecer um tanto quanto sisudo, falando de Patrimônio Histórico, cremos que seja de alguma maneira de interesse público, pois todos fazemos parte dessa história, e queremos que eles, alunos, comunidade, repensem suas atitudes e ações, em relação ao tema abordado como um todo, sem esquecer da dignidade e do respeito, que faz parte de nossa memória.

Vamos continuar juntos procurando nossas respostas,... Pois “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”.

E. E. MONSENHOR NORA
Mogi Mirim – SP
20/10/2006

Freud propunha que, para entender o momento atual, seria necessária uma imersão no passado. Entretanto, o passado é essencialmente virtual, está condenado ao próprio passado por fortes amarras, tornando-se impossível apreendê-lo após a somatória de outras memórias que foram agregadas ao longo do tempo. Guatarri (1988) argumenta que é possível fazer o percurso ao contrário, por meio das memórias atuais, com todo o passado acumulado; olhar um pedaço desse passado com um novo sentir que poderá ser, inclusive, um olhar curador, de cumplicidade para consigo mesmo.

Bergson (2006) diz que existe uma força que empurra todas as memórias do passado para o presente. Desta maneira, existe uma impressão ou uma sensação de que se age livremente. No entanto, o agir é decorrente dessa avalanche de memórias que impelem e condicionam a ação. Certamente, não poderia existir apenas essa situação, porque se negaria o presente, entendido, neste contexto, como um recomeçar sem cessar indefinidamente.

A ideia básica de Bergson é de que a realidade é a duração real, e a consciência é o local em que isso se evidencia e onde se interconectam a experiência e a intuição. A intuição é o ato que nos coloca dentro das coisas, é uma atividade viva, a própria duração da realidade. O tempo dos filósofos e cientistas seria um tempo esquemático e espacial, incompatível com o tempo que é o próprio tecido do real, ou seja, o tempo que Bergson define como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação.

O que significa tempo foi e continua sendo um enorme questionamento e algo bastante inquietador para o pensar filosófico e científico. A partir do pressuposto de Bergson, os conceitos de tempo e memória podem ser hibridizados, confundidos, se o saber-se vivo ou saber-se ser pressupõe sucessão e, portanto, tempo, se é uma sequência de memórias atualizadas pelo agora. Contudo, o que habita o desconhecido é a pergunta: o que é ser? Talvez seja somente aquele que possui memória, independente do tempo convencional linear, ou ainda aquele que questiona ser, por meio de suas memórias.

Bachelard faz um paralelo entre o pensamento de Bergson e o de Roupnel. Para o último, a verdadeira realidade do tempo não se encontra na duração, que é desprovida de realidade absoluta, mas no instante. “A duração é feita do exterior, pela memória, potência de imaginação por excelência, que quer sonhar e reviver, mas não compreender” (apud BACHELARD, 2007, p. 29). O autor continua: “O tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nada. O tempo limitado no instante nos isola não apenas dos outros, mas também de nós mesmos, já que rompe nosso passado mais dileto. É do presente, e só do presente, que temos consciência” (apud BACHELARD, 2007, p. 18). Pode-se imaginar que a duração de Bergson seja a somatória dos infinitos instantes de Roupnel.

Todas as tradições possuem caráter normativo ou moral, representam o que a sociedade deve fazer. Tradição é repetição e possui caráter de verdade, que se sobrepõe à razão. Este é um dos perigos das tradições: a perpetuação de valores inquestionáveis que podem estar impregnados da cultura dominante e de dogmas religiosos, reforçando os estados de alienação e de falta de criticidade. Muitas vezes, é fundamental questionar o que sempre foi e por que deverá continuar a ser.

Desta forma, há dois pontos de convergência entre os conceitos de tradição e memória coletiva. O primeiro se refere ao caráter normativo, às normas exigidas que regem o comportamento de determinado grupo, por um período preservadas pelos guardiões informal ou formalmente institucionalizados. Não há como negar que são formas de controle social, mas constituem também fatores de coesão social, porque criam uma identidade, uma noção de pertencimento e orgulho. Algumas questões merecem uma reflexão: quem fez as normas, por que e quando as fez. A análise das origens dessas regras é prioridade para a decisão sobre a validade de sua perpetuação e divulgação.

Contudo, a tradição, por definição, gera a traição, porque está comprometida com o passado e não é fiel ao futuro, havendo uma constante tensão entre o bom e o correto, que nem sempre coincidem para o indivíduo ou um grupo, ocasionando, inevitavelmente, uma transgressão, uma traição a favor do futuro. Esta traição pode ou não se transformar em uma nova tradição, dependendo dos valores, naquele momento, do grupo social.

O segundo ponto a ser considerado é o conceito do que se entende por individual sobrepujado pelo coletivo. A tradição e a memória coletiva contêm uma ideia de uma verdade respeitada pelo grupo que deve se impor a todos. Aqui pode estar uma das origens dos preconceitos em relação às pessoas que não seguem a norma como critério de ser, ficando então à margem desta sociedade, sem direito a voz ou sem usar a razão para argumentar ou justificar seu pensar, seu modo de existir. Não lhes é permitida a manutenção da ilusão do que querem ser; simplesmente essas pessoas deverão ser e, se possível, o mais idênticas a todas as outras, sem questionamentos.

Freud trabalhou o conceito de inconsciente pessoal, derivado das experiências individuais, a partir da definição da transitoriedade dos estados de consciência: “um estado de consciência é, caracteristicamente, muito transitório; uma ideia que é consciente agora não o é mais um momento depois, embora assim possa tornar-se novamente, em certas condições que são facilmente ocasionadas” (FREUD, 1975, p. 24), enquanto Jung (1998) afirma o inconsciente coletivo, constituído pelo material herdado de toda a humanidade. Esse material funcional do inconsciente coletivo foi chamado de arquétipo e somente se manifesta por meio de imagens. Os sonhos podem ser a manifestação do inconsciente pessoal explicado pela própria existência do indivíduo, como podem ser ocasionados pelo inconsciente coletivo, que funciona como um depósito de imagens, símbolos e mitos.

Guattari afirma que não é mais fundamental investigar se o modelo de inconsciente de Freud explica os problemas da psique.

“De uma maneira geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias, e tenta gerir suas inibições e suas pulsões” (GUATTARI, 1992, p. 22).

Existe uma distinção entre os conceitos de inconsciente social, definido como a parte da experiência individual reprimida pela sociedade e impedida de chegar ao consciente, e o inconsciente coletivo, explicado como um conjunto de necessidades e potencialidades reprimidas de um conjunto de indivíduos ou de toda a sociedade.

É no mundo da fantasia que esses inconscientes habitam. É nas aventuras e nos heróis inventados que a ilusão de poder, de liberdade e de felicidade pode ser sentida como uma pretensa verdade, facilitando o viver em sociedade com determinada organização e com mecanismos de repressão e controle. Os heróis possuem qualidades humanas apreciadas por aqueles que os criam. Em geral, são solitários, envolvem-se em grandes abstrações e não com indivíduos, que pela simples condição humana já são vulneráveis.

Uma inundação do inconsciente coletivo pode atingir a consciência coletiva ou comum, definida por Durkheim “como o conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria”. Essa consciência coletiva independe do indivíduo: “eles passam, ela permanece. É a mesma no norte e no sul, nas grandes e pequenas cidades, nas diferentes profissões. Da mesma forma, não muda a cada geração, mas, ao contrário, liga uma às outras gerações sucessivas” (DUKHEIM, 1983, p. 40). Quando há uma supersaturação das necessidades reprimidas contidas no inconsciente coletivo que pressionam a consciência coletiva, isso significa a necessidade de liberdade. Marx afirmou que a consciência do que não é consciente é fundamental para a libertação humana:

“É preciso tornar a opressão real mais opressiva, acrescentando-lhe a consciência da opressão; é preciso que a vergonha se torne ainda mais vergonhosa, apregoando-a. (...). É preciso mostrar e ensinar ao povo a assustar-se de si próprio, para infundir-lhe coragem” (www.espacoacademico.com.br/025/25cviana.htm).

Durkheim (1983) afirma que a consciência coletiva é uma identidade moral, havendo a sobreposição da sociedade sobre o indivíduo. Para ele, o homem deixou de ser selvagem porque se tornou social, capaz de aprender hábitos e costumes para conviver. Neste modelo, espera-se que o indivíduo se integre aos valores, sentimentos e crenças de um grupo social que influenciará suas atitudes e escolhas individuais. Assim, a sensação de liberdade e poder de decisão que a pessoa experimenta pode ser apenas a força de um coletivo exercendo sua ação sobre o

indivíduo. O comportamento estabelecido e exigido por uma sociedade não é algo imposto a alguém especificamente; existia antes e continuará existindo, independente da pessoa.

Durkheim acreditou nas instituições como mantenedoras da ordem, o que lhe conferiu reputação de conservador. Entretanto, ele acreditava que as instituições são fundamentais para que o homem se sinta seguro e protegido, porque em estado de anomia – ausência de regras – ele se desespera. Para proteger a sociedade, Durkheim estabelece a necessidade de estabelecer uma solidariedade orgânica entre seus membros, análoga a um organismo biológico com seus respectivos órgãos exercendo, cada um, suas funções para garantir a sobrevivência do todo.

As instituições são também organizações traiçoeiras, visto que sua função primeira é guardar e manter o conhecimento produzido. Contudo, há um forte processo de cristalização nas instituições que encapsula apenas o já existente, tendendo a eliminar os novos conhecimentos, fato que, por si mesmo, é uma contradição e nega a necessidade da sua existência. Parece haver a falta de uma instituição que proteja a sociedade das próprias instituições.

Embora não seja pretensão deste item distinguir o conceito de memória e tradição, entende-se que memória está mais relacionada ao indivíduo, às suas subjetividades, às suas histórias e vivências, ao consciente e inconsciente pessoal, enquanto a tradição encontra-se mais ligada ao coletivo, às funcionalidades e ao consciente e inconsciente coletivo ou social. Não há como valorá-las ou julgá-las como certas ou boas, atitude desprovida de sentido, visto que ambas existem e compõem o humano, em sua condição.

Entretanto, as tradições, como já foi mencionado, estão previsivelmente vulneráveis à traição, enquanto as memórias, por habitarem o nível dos sentimentos, encontram-se mais próximas da verdade.

Na pré-modernidade, as grandes tradições, apesar da escrita, não tiveram grande impacto nas sociedades locais que permaneceram orais e distantes da ordem simbólica centralizada. A modernidade pretendia destruir as tradições locais, por meio de sistemas de integração com a população em geral e pelo fortalecimento das instituições. A modernidade, por definição, opõe-se à tradição. Entretanto, a permanência dessas tradições, preservadas por guardiões informalmente

institucionalizados, desvela a fragilidade dos mecanismos de controle e disciplinador da sociedade moderna.

Na atualidade, muitas tradições podem ser consideradas bizarras, principalmente as que apresentam caráter religioso, visto que a sociedade mudou. Entretanto, desde um passado muito longínquo até o momento presente, uma característica se mantém inalterada: desde sempre, os contos, frutos da tradição oral, procuram triunfar sobre a finitude humana, ou seja, visam transformar o homem em um ser imortal. O homem não só inventa histórias para procurar burlar a morte, mas aprecia contar histórias de sua própria vida, como uma forma de se eternizar, registrando, mesmo que oralmente, sua existência.

O homem só pode entender o mundo ao se considerar parte integrante dele; não há como imaginar um mundo na ausência do “eu”. Se é difícil o indivíduo compreender o que é ser, torna-se absolutamente impossível compreender o que é não ser, pois já se é ao estar no mundo, e não há mundo sem o ser.

O projeto desenvolvido em nossa escola para a integração dos alunos com o EducaRede possuía um tema ligado à memória. Para desenvolvê-lo os estudantes entrevistaram as pessoas mais antigas da cidade (a maioria foram idosos): isso fez com que elas se sentissem valorizadas e despertou nos alunos a vontade de conhecer mais do lugar onde vivem. Os entrevistados contaram sua vida pessoal, que na época era bastante sofrida, e sobre a evolução da cidade. Os alunos adoraram desenvolver o projeto, se envolveram bastante e estão buscando mais informações. É emocionante o empenho deles.

E. E. ANSELMO BISPO DOS SANTOS
Taiapu – SP
01/11/2006

A modernização reflexiva⁴ altera a relação entre modernidade e tradição. A tradição e a globalização, inerente a esta fase, relacionam-se com a organização do

⁴ Beck define a teoria da reflexividade da modernidade: “quanto mais avança a modernização das sociedades modernas, mais ficam dissolvidas, consumidas, modificadas e ameaçadas as bases da sociedade industrial. O contraste está no fato de que isso pode bem ocorrer sem reflexão, ultrapassando o conhecimento e a consciência” (GIDDENS, 1997, p. 210).

tempo e do espaço. A tradição, por meio do controle do tempo, controla também o espaço, enquanto a globalização age à distância; sua presença é distante, ou seja, controla o espaço e, por este controle, controla o tempo.

O “aqui” não existe mais sem a influência do distante, sendo que a comunidade local, na atualidade, atingiu o ápice da destruição, mas não as práticas locais, que adquiriram novo sentido. Para Giddens, os artefatos na ordem pós-tradicional tendem a se tornar relíquias. “As relíquias não são simplesmente objetos ou práticas que vivem como um resíduo de tradições que se tornaram enfraquecidas ou perdidas; estão revestidas de significado como exemplares de um passado transcendente” (GIDDENS, 1997, p. 125). Uma relíquia se mantém inalterada pelas mudanças do entorno.

As tradições procuram transmitir valores, desvelam uma moral, uma conduta a ser seguida. Conta a lenda que a mula-sem-cabeça era uma mulher que teve relações sexuais com um sacerdote. Esta foi uma forma de proibição, de sanção sobre a mulher, para que ela não mais atentasse o padre, fazendo-o quebrar seu voto de castidade. É importante observar que o castigo foi direcionado somente à mulher, que virou uma mula-sem-cabeça, símbolo do demônio, enquanto o padre ficou totalmente isento de qualquer culpabilidade, visto que representa o sagrado. Esse é um exemplo da maneira como as tradições orais procuram e podem disciplinar uma população, carregadas implicitamente de ideologias. Esses valores foram eficientemente inculcados nas pessoas que, muitas vezes, não sabem por que pensam ou agem de determinada forma e, ao serem questionadas sobre as razões, dão a resposta imediata: “porque sempre foi assim”.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Houve a preocupação de narrar e descrever as diversas formas de violência a que a “mulher” é submetida ao longo de sua vida.

No final das atividades propostas, um representante de cada grupo leu para a classe a sua produção, emocionando a todos os presentes.

A partir desta atividade oral e escrita, foi pedido para a classe confeccionar um painel informativo com fotos e textos abordando a fragilidade e a submissão da mulher em todos os meios em que está inserida.

Os alunos chegaram à conclusão de que a mulher passa por processos de transformação ao longo da sua vida e adapta-se a realidade que a cerca.

Notou-se uma modificação no comportamento dos homens em relação às mulheres na sala de aula. Eles as vêem com mais respeito e admiração.

E. E. PROF. VERA LÚCIA TORRES RODRIGUES AFFONSO
Poá – SP
21/10/2006

Trabalhar com as tradições pode ser uma alternativa para resgatar valores que precisam ser reencontrados e atribuem um sentido ao fazer pedagógico. Os jovens apreciam atividades desenvolvidas em grupos e que possam ser apreciadas pela comunidade. Muitas vezes, é mais produtivo fazer um projeto de prevenção sem falar dela, bastando apresentar novas possibilidades que satisfaçam os desejos e preencham as carências. O jovem seguro de si, aceito em seu ambiente, será capaz de delinear um plano de vida que contemple as necessidades individuais e sociais. A tradição pode ser legitimada por favorecer a criação de uma sociedade com determinada organização, por se configurar como um mecanismo de controle.

Jongo: As quintas séries escolheram este tema porque alguns participam da dança, no Bairro do Tamandaré. Dança essa herdada de nossos antepassados e que encontrou abrigo no bairro próximo da escola. Confundida por alguns com “Macumba”, guarda os mistérios de uma raça que, caçada na mãe África, fez do nosso Brasil sua outra pátria. Antes, dançada e tocada nos terreiros, hoje ganha, em Guaratinguetá espaço para suas apresentações e sai daqui para outras cidades, levando e promovendo particularidades à apreciação de pessoas que desconhecem o batuque e os passos que pisam firmes, no compasso da batida forte da percussão. Os jovens da comunidade, enquanto de envolvem com o Jongo, ficam longe de drogas e delitos.

E. E. DR. FLAMÍNIO LESSA
Guaratinguetá – SP
17/10/2006

O projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” sugeriu o desvelar das memórias e as tradições do estado de São Paulo.

O paulista foi um andeje, esteve presente em vários lugares, não somente como conquistador ou desbravador de fronteiras, por meio das bandeiras, mas também como povoador, e aquele que povoa também conta as suas memórias. Contar histórias, conservadas pela tradição oral popular, é deparar com o extraordinário, alterado pela imaginação e pela fantasia coletiva das várias gerações que se sucedem.

São Paulo recebeu uma quantidade significativa de imigrantes, principalmente italianos e japoneses, que influenciaram fortemente a cultura paulista. Em algumas regiões do estado, é difícil delimitar as origens do modo de ser das pessoas, visto que a hibridação entre o caipira e o imigrante se consolidou de tal maneira que se constituiu algo diferente das origens, algo novo, particular. Talvez, em um ímpeto de ousadia, pode-se dizer que surgiu o paulista.

Semelhante aos viandantes que se emocionam, que alargam horizontes e se transformam, assim nos sentimos nós, alunos da E. E. Prof. Dr. Antonio de Benedictis, nesta etapa do projeto "Pedrinhas Paulista, um pouco de seu povo e de sua história".

Pedrinhas Paulista é um município pequeno, conhecido como "um pedacinho da Itália no Brasil" e que chama a atenção pelas construções atuais, cuja arquitetura assemelha-se à italiana. Tais características parecem procurar dar uma identidade ao seu povo.

Sendo assim, o projeto baseou-se em entrevistas com os pioneiros do município, italianos e migrantes de todo o país. Causou-nos surpresa conversar com um nativo da nossa região, o senhor Sebastião Domingues Ferreira. Com este material, sob a orientação dos professores, redigimos relatos. Estamos realizando a leitura dos mesmos, no estúdio de gravação da Rádio América 87, pois serão divulgados aos domingos no programa "Italianíssimo Bravíssimo".

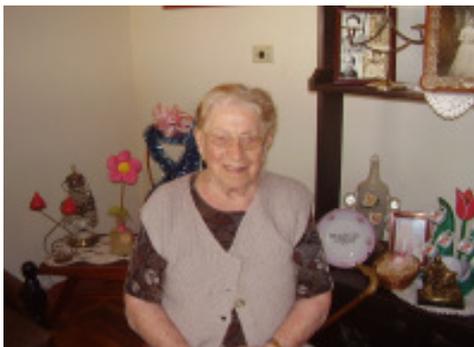
O projeto demandou esforço, disciplina e trabalho em equipe, coordenados pelos professores, que também compartilharam, pacientemente, das nossas brincadeiras e dificuldades. Por outro lado, nós também compreendemos as dificuldades deles diante das novas tecnologias. Confessamos que neste quesito os superamos.

Observamos que se nós vivemos a oportunidade de sermos protagonistas na veiculação destas memórias, estas pessoas também sentiram emoção semelhante vendo registrados suas dificuldades, os embates vividos, as conquistas realizadas. Este envolvimento levou-nos a homenageá-los com a elaboração de três vídeos.

Na noite do dia 22 de setembro, como parte dos eventos em comemoração ao aniversário da cidade, a comunidade e os pioneiros, acompanhados de seus familiares, assistiram a apresentação que mostrou a escola e a comunidade escolar. A presença de todos deixou-nos

lisonjeados e orgulhosos, mas queremos ressaltar a presença da senhora Helena Craco Mettifogo que, aos 96 anos, fez questão de comparecer.

E. E. PROF. DR. ANTONIO DE BENEDICTIS
Pedrinhas Paulista – SP
24/10/2006



As memórias trabalham o passado por meio de um tempo presente, e o presente se atualiza pela visitação ao passado, transformando-se em uma rela o bivalente que permite viver um agora que já se transfigurou em passado. O tempo despendido para ouvir ou contar memórias   o tempo de viver.

Aquele que perdeu o tempo para conviver com as memórias perdeu o tempo da vida, pois o tempo não pode se limitar  aquele despendido para o que   considerado útil, em um presente inexistente. O tempo precisa gerar novos tempos, de outras dimensões. A utilidade das coisas   valorada, na lógica do capital, pelo mercado, embora as memórias não tenham valor de troca no mercado, pois já são a troca, a partilha propriamente dita do ser.

Resgatar as memórias   assumir o mais possível de humanidade,   permitir formar-se em si o novo ser que será após uma nova revisita o ao passado.

Neste projeto   uma beleza ver a democratiza o de nossas a es para o Distrito. Situarmos nele nos traz uma alegria imensa aos nossos cora es. Momentos, ainda que fugazes, transportamos ao Distrito, sentindo o viver da época, amando todos e tudo. "Os tempos mudam, os homens também" – M. Am lia Rezende Martins.

Redescobrir o distrito é desvendar um tempo, uma vida. Você levanta o véu do passado. Este Projeto foi idealizado de forma a democratizar uma nova lenda “Boi-falô”. Restrita à escola e ao distrito, além de instituir a semana ‘Boi Falô’ no calendário da cidade de Campinas e resgatar a memória histórica do cotidiano de Barão Geraldo.

Esta ação já foi entregue ao sub-prefeito Thiago, que sugeriu a inauguração no próximo ano, durante a realização da semana do Boi Falô.

E. E. BARÃO GERALDO DE REZENDE
Campinas – SP
09/10/2006

Apreciar uma obra de arte é apreender o que ela diz do mundo, é a exteriorização daquilo que já se encontrava no interior de quem a vê, acrescido de sua cultura, sua história, suas memórias e tradições. O observador passa a fazer parte da obra que lhe toca a alma, estabelecendo um diálogo com o autor. A releitura da obra é um desfazer e um refazer, um conhecimento plural, a revisita do passado por meio do presente. Passa a ser um saber sentido. “Toda a coisa é e não é nesse lugar, todo lugar desaparece e reaparece de novo, a alma supera e nega toda limitação espacial, assim como a temporalidade ordinária” (MARTON, 1985, p. 32).

A durabilidade de uma obra de arte é superior àquela de que as coisas precisam para existir. Uma obra de arte é a memória, é a permanência do humano. A arte é o imortal feito por um mortal, imortalizando a mortalidade humana, ou seja, a arte contém todas as memórias da humanidade, e privilegiá-la é transferir ao mundo o que estava contido no ser.

“A condição subjetiva da fruição estética tem uma grande participação na alegria que o belo nos proporciona” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 96).



O aluno Lucas Correa Bueno reescreveu a pintura do pintor Seth. No desenho os quilombolas mantêm vigilância para não serem atacados de surpresa pelas forças do governo e dos senhores de engenho.

E. E. DARCY VIEIRA
Itapetininga – SP
03/11/2006

As memórias podem ser dilatadas, expandidas pela sua elasticidade, que permite não somente criar de novo o objeto, mas todos os sistemas a ele vinculados. Conseqüentemente, pode criar uma nova realidade também mais expandida e complexa, dependendo do patamar atingido pelos esforços crescentes e incessantes de ampliação intelectual. A maneira de acessar a realidade e nela agir está diretamente relacionada à capacidade de relacionar o repertório individual construído na vida, que são as memórias.

Se resgatar as memórias e as tradições significa compreender melhor o atual, garantir o direito ao esquecimento também se faz necessário para viver o presente e o porvir.

3.3 O direito ao esquecimento

Se o homem precisa das memórias para entender, tolerar e acessar sua posição atual, tem direito também ao esquecimento. Para Platão, o homem vivia em um mundo ideal, da verdade, e ao sair dele esqueceu a verdade, existindo somente para alguns a memória desse mundo. Nesse pensar, o esquecimento poderia ser interpretado como algo negativo, talvez até como uma punição, como uma falta de algo que precisa ser reencontrado, que se encontra à espera de ser redescoberto.

No entanto, o esquecimento pode ser uma forma de viver. Passar pelo rio Lete, o rio mitológico do esquecimento, seria o alívio para muitas dores, seria a possibilidade de um novo começo, da inovação e da renovação. Não seria necessário recorrer a fatos como Auschwitz, aos navios negreiros, à matança desumana dos regimes autoritários para justificar a necessidade e o desejo da humanidade de se banhar no Lete. Basta olhar ao redor para sentir as infinitas dores fruto das microviolências diárias de todas as ordens que são praticadas. Quantas dores as pessoas suportam heroicamente, em silêncio, até por tentarem poupar aqueles que amam. O esquecer seria, então, o bálsamo que curaria e daria o alento.

O homem deseja vencer o esquecimento, como se a valorização estivesse apenas na memória, mas é pelo esquecimento que paradoxalmente se dá o progresso. É pela falta de memória que o homem se organiza para superá-la, buscando sempre uma tecnologia para impedir o esquecimento desprestigiado.

Um exemplo da relação estreita entre a memória e o esquecimento envolve Kant que, já doente, queria esquecer o seu mordomo de toda uma vida que havia sido mandado embora pelo seu curador. Para apagá-lo de sua memória, ele escreveu o nome do mordomo para lembrar-se do desejo de esquecer-lo. Foi a intenção de esquecer que fez Kant escrever, mas foi exatamente essa escrita que imortalizou o mordomo.

Nietzsche usa sua eloquência para afirmar “a arte e a força de saber esquecer” (WEINRICH, 2001, p. 180). Uma interpretação possível do que Nietzsche gostaria de esquecer com arte e força seria o acúmulo desnecessário de dados e informações que os jovens deveriam memorizar para se apropriar de uma cultura valorizada, em detrimento da construção do conhecimento contextualizado, que auxiliaria na interpretação do atual e, conseqüentemente, a viver de forma mais feliz. Seria

obrigatório ter um esquecimento higiênico de toda a história que foi construída por homens do passado, fora da atualidade, para que se pudesse agir com uma motivação nova. Um fato elucidativo dessa prerrogativa está na história de Dom Quixote e Sancho Pança, de Cervantes. Dom Quixote não é o homem das memórias; é o imagético, a ação e o ímpeto que o movem, que permitem a busca do onírico e da realização de suas fantasias, enquanto Sancho Pança é o homem das memórias, dos provérbios da mesmice da história espanhola.

É fundamental ressaltar que Nietzsche não menospreza a história, pelo contrário, argumenta que não é possível o homem e um povo viverem sem saber o seu passado. O que ele critica é “o espetáculo repulsivo de uma cega fúria de colecionar, o reunir incansável de tudo o que um dia existiu” (WEINRICH, 2001, p. 181).

Seria possível analisar de duas formas a seguinte frase: o direito de ser esquecido. A primeira conotação estaria centrada no fato de que uma pessoa não desenvolveu a capacidade de memorizar, ou melhor, não memoriza o que não lhe interessa, o que não é necessariamente aquilo considerado obrigatório e relevante por outros. Como a memória, a capacidade de armazenar informações foi e continua sendo valorizada como erudição, como premissa de escolarização; a falta dela é considerada uma falta, um demérito. Desta maneira, é válido reivindicar o direito de ser esquecido, de não querer armazenar ou colecionar dados que não possuem sentido ou valor para o indivíduo.

Uma segunda possibilidade de entender a mesma frase seria o direito de alguém não mais querer fazer parte de determinado grupo ou local e reivindicar o direito de ser esquecido por essa comunidade. Um exemplo comum seria o de um jovem que pertenceu a um grupo de pequenos infratores e que não se identifica mais com esse grupo. Ele deseja esquecer a si mesmo e ser esquecido pelos seus antigos companheiros; é o direito de um recomeçar, de ser esquecido.

Durante a trajetória da vida, há acontecimentos que precisam ser esquecidos até como forma de garantir a sobrevivência. O homem criou mecanismos mentais que permitem situar algumas memórias em territórios não acessíveis, não como forma de alienação, mas para que possa suportar o insuportável. Afinal, como qualquer ser vivo deste planeta, o homem desenvolveu e selecionou fatores adequados a perpetuar a espécie e salvaguardar a vida incondicionalmente.

É por esquecimento de determinados fatos que se faz a renovação do modo de existir, que se torna si mesmo, em todos os instantes e em diferentes situações. É um eterno renascer em uma única vida. Talvez o “eu” seja sempre o mesmo, a mudança está na forma de esse “eu” se manifestar em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo.

O direito ao esquecimento, visto de uma forma radical, pode ser a busca frenética de esquecer tudo o que foi aprendido pelo processo cognitivo, com a racionalidade e objetividade, e dar início a uma nova educação que vise o sair do “eu”, o esquecimento de si para a perfeita realização de si, expondo a nudez total do “eu”. A nudez não revelará o bruto, mas o mais puro abstrato e simbólico. Essa busca pode amedrontar o outro, não mais o que busca, visto que, para chegar a esse nível de percepção, não haverá mais nenhuma liberdade guiada pelo dever; restará somente o querer, que é a descoberta de si por si.

Contudo, esse esquecimento de toda a individualidade é a dominação absoluta do querer por uma disposição inteira e interna, é a chegada da tranquilidade sempre procurada, é o homem livre do serviço da vontade e alcançando o conhecimento mais profundo, o intuitivo. Esse estágio é a elevação sobre o próprio indivíduo, a passagem para o sublime.

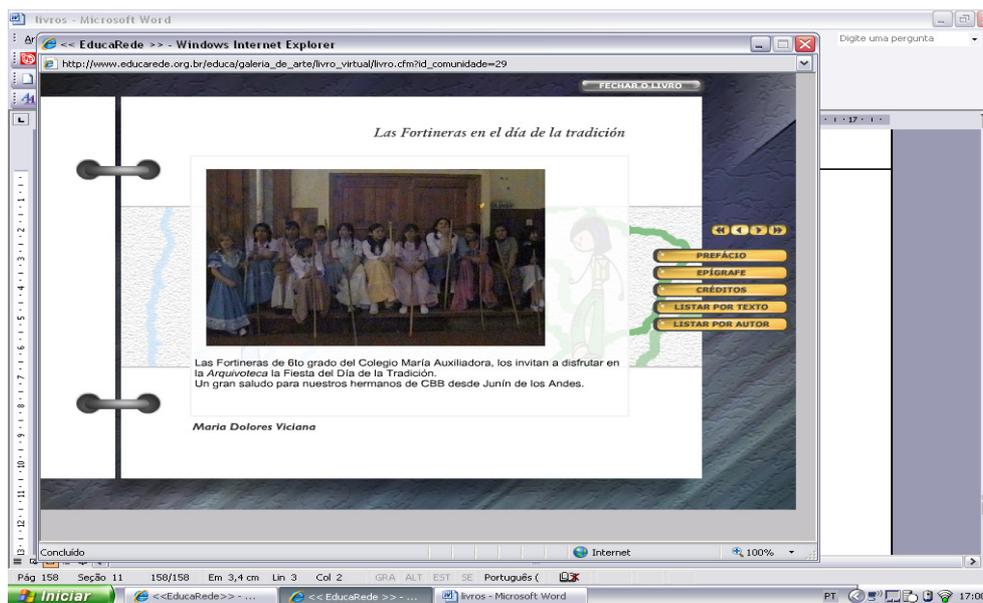
Não obstante, há acontecimentos que precisam ficar registrados na memória como fonte de energia para suprir os entraves do cotidiano e, inclusive, para sustentar o esforço requerido para o tempo de esquecimento, visto que esquecer talvez demande força maior que memorizar.

Tenho a certeza de que as coisas boas da E. E. “Senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho” ficarão registradas para sempre nas páginas da vida de cada um deles. É gratificante saber que estamos semeando uma geração de talentos, em terra fértil, plantando uma formação que possivelmente produzirá bons frutos para a construção de um mundo melhor.

E. E. "SENADOR APULO EGYDIO DE OLIVEIRA CARVALHO"
São Paulo – SP
26/10/2006

Na imagem que se segue, ilustrando uma festa tradicional argentina, muitas crianças poderão guardar as ricas memórias que sempre serão associadas ao

prazer, enquanto outras talvez precisarão ou desejarão esquecer esse dia, por fatos desagradáveis ocorridos, relacionados ou não à festa propriamente dita. A imagem em si remete a algo a ser comemorado, lembrado, festivo, o que não será necessariamente um sentimento partilhado com todos. O esquecimento está mais direcionado ao individual, de como os fatos são sentidos e percebidos pelo indivíduo.



Se o inconsciente for entendido como o esquecido e, de acordo com Jung, há um inconsciente coletivo, existirá, desta forma, um inconsciente coletivo que contém o esquecido, situado na antessala que o abriga. Isto porque o esquecido do inconsciente quer se fazer conhecido, mas, por existir uma resistência selecionadora que categoriza o que poderá ser memorizado no consciente, conclui-se que no inconsciente coletivo há um conteúdo que este quer que permaneça esquecido. A pergunta que se impõe é: o que não pode se tornar consciente para esse coletivo? Talvez seja a origem descabida dos preconceitos enraizados na sociedade, que não possuem nenhuma explicação lógica, mas insistem em se perpetuar.

Para que a poesia da vida continue, é necessária uma dosagem equilibrada e harmoniosa de memória e esquecimento. Os movimentos são complementares e, se houver alguma tendência para qualquer um dos lados, o equilíbrio será desfeito e, com esta ruptura, haverá a fratura na estrutura da poesia.

O homem com suas memórias e tradições e, ainda, empossado de seu direito ao esquecimento viverá na atual cultura global.

3.4 A cultura global

“Não penso que seja necessário saber exatamente o que eu sou. O mais interessante na vida e no trabalho é o que permite tornar-se algo de diferente do que se era ao início. O jogo vale a pena na medida em que não se sabe como vai terminar.”

Michel Foucault

Este tópico trata da cultura global, resultante do exacerbamento da modernidade denominada modernidade tardia ou reflexiva. Contudo, será priorizada a causa e não o efeito, ou seja, para se entender melhor a cultura global, faz-se necessário compreender o processo de transformação da modernidade simples ou precoce para o atual modelo social, conhecido também como pós-tradicional, pós-moderno, pós-industrial, globalizado, sociedade da informação, do conhecimento ou comunicacional.

Prolongar a discussão sobre modernidade *versus* pós-modernidade e globalização não contribuirá para a melhoria da sociedade atual. Entretanto, um dos ganhos dessa exaustiva discussão foi separar nitidamente esses movimentos que, assim isolados e dissociados, permitiram uma análise mais criteriosa, o estabelecimento de relações e mais clara distinção entre eles.

Há uma supersaturação, capaz de se precipitar a qualquer momento, na utilização dos termos mencionados que acabaram quase se banalizando, e ainda causam desconforto, pela insistência em se repetir. Talvez a melhor maneira de definir esta tão discutida atualidade seja uma sociedade líquida, como sugere Bauman (2008), capaz de assumir infinitas formas, mas que por si não possua nenhuma. Assim, o foco deste tópico será uma reflexão sobre como o humano se posiciona nesta nova realidade que se apresenta.

Ao fazer uma caminhada pelo passado da história da humanidade, verifica-se que o modo de vida da população humana foi se alterando devido aos avanços advindos do acúmulo de conhecimento construído e disponibilizado. A integração das diversas culturas, facilitada pelos meios de comunicação, pelas novas tecnologias e pela mudança na relação espaço/tempo, permite a produção de identidades plurais e provisórias que convivem na atualidade, caracterizada pela velocidade vertiginosa, em relação ao passado, das alterações no *modus vivendis*.

Neste momento, em que todas as instituições estão fadadas a ser questionadas e não mais respondem às expectativas das pessoas, fica evidente a

necessidade de mudança nas relações humanas. Todo o sistema deverá se tornar plenamente aberto, um intervalo aberto em que nada é reduzido, nenhuma restrição é imposta nem são determinados limites, e no qual todas as direções podem tender ao infinito. Assim, a vida se situa e passa a ser percebida em um mundo plenamente aberto, com possibilidades de interações e conexões em todos os pontos. Como os sistemas abertos, a vida sofre influência externa e interna, flutuando entre a organização e a desorganização, na qual a desordem gera a ordem, e vice-versa.

Em consonância com o pensar de um mundo aberto, sem restrições, é direito dos jovens, habitantes deste pequeno e insignificante planeta, estabelecer contato e troca de experiências com seus pares, inclusive com aqueles que habitam em diferentes espaços, a fim de enriquecer a diversidade de olhares para o mesmo ponto, ou seja, multiplicar a unidade múltipla.

Estimular projetos de cooperação em um mundo aberto pode ser uma solução para procurar conter a avalanche que assolará o mundo pelo sucesso da lógica do capital, no qual a exclusão e o desemprego são inerentes. O jovem precisa compreender que seu excesso pode ser a falta do outro e que as relações podem ser mais solidárias, inclusive as econômicas.

A função da escola é conhecer e pôr em prática os direitos e deveres de alunos e professores. Nesse aspecto, o aluno é a figura mais importante da escola e tem o direito de ser preparado para ser crítico, desenvolvendo habilidades que o capacitem a atuar com bom senso em qualquer situação neste mundo globalizado.

A escola é fundamental para a formação da cidadania e, além de conferir conteúdos e habilidades necessárias à participação na sociedade, deve levar o aluno a compreender sua própria realidade, situar-se nela, interpretá-la e contribuir para sua transformação.

Percebemos então que críticas e discussões improdutivas não promovem mudanças comportamentais. É preciso que todos busquem alternativas para realizar o que esteja ao seu alcance, ainda que seja investindo em pequenas ações, mas que sejam passíveis de promover grandes transformações. Só conseguiremos atingir esses objetivos por meio da sensibilização, uma vez que, conhecimentos apenas não bastam, são necessárias ações.

E. E. VER. VALTER DA SILVA COSTA
Itaquaquecetuba – SP
25/10/2006

Seguindo a lógica da modernidade reflexiva, nesta ampliação do espaço e do tempo, a equipe responsável pelo projeto *“As coisas boas da/para a minha terra”* procurou inovar e iniciou uma interlocução com o EducaRede da Argentina para viabilizar um diálogo entre os jovens brasileiros e argentinos das escolas públicas sobre as coisas boas de suas respectivas localidades.

Apesar de esses jovens estarem imersos na cultura global, na sociedade de consumo, na massificação da indústria cultural – na qual tudo mantém-se sempre igual, tudo possui a mesma aparência, independentemente do local em que se esteja no mundo, um único padrão legitimado por um discurso de preservação da qualidade, por exemplo, as redes hoteleiras, os *fast food*, os alimentos enlatados – eles gestam o desejo de expressar sua singularidade. É muito mais tranquilo, valorizado e aceitável viver como a maioria, mas é infinitamente mais gratificante conseguir trazer à luz sua especificidade, o produto do dobramento sobre si mesmo.

Para se permitir viver simplesmente como mais um em uma massa sem identidade, não compensará despender o esforço necessário para atingir o infinito prazer de procurar o isolamento do instante único, absolutamente particular, para que esse instante possa ser vivido como uma vida plena. Uma massa compacta, indeterminada e homogênea nem conseguirá perceber a presença ímpar desse instante.

O desafio é conseguir manter o jovem nessa solução homogênea e insípida da cultura global. Não é possível isolá-lo de seu tempo, mas deve-se favorecer ou apontar para a visibilidade de seus componentes, ou seja, as especificidades de cada integrante dessa solução, ainda não vistos.

Um dos primeiros sentimentos suscitados pela proposta de diálogo foi a curiosidade. Os jovens e os professores queriam saber “coisas” dos vizinhos por meio de uma linguagem acolhedora e respeitosa.

Olá somos alunas da 7ª série A e nós nos chamamos Elisandra e Daniela. Este intercâmbio vai nos ajudar muito queremos aprender as línguas argentina e várias coisas sobre vocês.

E. E. João Bernardi
Monte Castelo – SP
14/08/2007

Comentários

15/08/2007 – Primero Segunda Polimodal "Figliera" Grupo 2: Hola! Nos parece muy interesante este proyecto y esperamos involucrarnos, relacionarnos y conocerlos mucho más. Les mandamos saludos los chicos y las chicas de Primer año Polimodal Modalidad Sociales.

O contato com o outro obriga, induz a uma reflexão sobre o próprio “eu”. Desta forma, Foucault interroga: “O que somos hoje?” (FOUCAULT, 2004, p. 301). A questão primeira que se impõe não é o que somos hoje; na verdade, não se sabe o que é ser, independente do tempo. Shakespeare já fez essa pergunta: “*Ser ou não ser?*” Esta frase foi infinitamente reproduzida, banalizada e, muitas vezes, utilizada até como chacota, e traz à tona uma questão ontológica fundamental: O que é ser, afinal?

A pergunta é um convite a uma imersão em nós mesmos. Fernández-Armesto, em seu livro *Então você pensa que é humano?*, afirma que, entre as várias incertezas, havia uma certeza que nos conferia certa tranquilidade: sempre seria possível afirmar que somos humanos, mas o autor questiona essa certeza por meio da biologia, por meio de relatos históricos que evidenciam que aquilo considerado humano na atualidade já não o foi no passado, por estudos em laboratórios com chimpanzés, com robótica, e ainda poderiam ser citados os bonobos, que contemplam quase todas as características tidas como exclusivas do humano.

Contudo, se para “ser” é preciso saber que se é, então somente o homem tem essa percepção, assim como de sua finitude, que foi o conceito fundante de toda a cultura. Desta maneira, talvez ser implique saber-se.

A pergunta que se sucede é: O que é saber-se? Pode ser algo de cunho individual, imerso em um contexto social e histórico. Na ânsia pela procura do saber-se que lhe permitisse a continuidade da vida, o homem criou crenças e mitos diversos para atribuir um sentido à existência, uma razão para ser, um modo para viver – criou a cultura. Talvez o ápice do saber-se seja saber a total inexistência de sentido de ser, mas continuar a ser somente por ser e aproveitar plenamente esta condição.

Essa percepção da ausência da razão de ser desencadeia uma solidariedade imensa com o outro, por uma identificação partilhada da nulidade, e se contrapõe ao

desejo de obtenção exacerbada de poder por aqueles que não perceberam ainda o quão efêmero e frágil é ser.

Como o homem é um ser cultural e precisa saber-se, é um dever seu procurar entender o momento em que vive, não sendo possível ignorar as mudanças vividas, percebidas e sentidas que modificam o cotidiano, visto que o mundo pode ser a representação do ser. “Não há um sol, uma terra, mas o olho que vê o sol, uma mão que toca a terra... Ser é ser percebido” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 9).

A dicotomia entre o eu e o nós na sociedade atual pode ser interpretada não como uma forma de egoísmo. A individualização como uma maneira solidária, não no âmbito local, mas global, terá uma intensidade e temporalidade diferente do conceito de “nós” da modernidade. O eu, na cultura global, passará a questionar o próprio eu e, com este movimento, haverá a ampliação da consciência para orientar a relação imbricada e não delineada do eu e do nós. O transbordamento de vários “eus” reflexivos na sociedade pode se transformar em um coletivo, em um nós, capaz de pensar e agir. “Não temos escolha senão fazer escolhas” (GIDDENS, 1997, p. 223).

A atualidade se caracteriza por uma mobilidade maior em um espaço indefinido, no qual as relações de poder não são mais pela força, mas se encontram nas vias culturais e econômicas, e os elos sociais precisam ser efetivamente construídos e não herdados do passado. O sistema democrático provavelmente não será suficiente para ser aplicado a essa realidade que tende a se organizar por redes assimétricas decorrentes da insegurança social e do movimento crescente da política internacional.

Uma das várias pretensas definições sobre inteligência afirma que esta é a capacidade de estabelecer relações, identificar semelhanças e diferenças entre coisas para melhor entendê-las. Só se entende algo em relação a alguma coisa. Aprender um conceito, pelo contrário, é incorporar saberes. Espera-se que os jovens brasileiros e argentinos estabeleçam comparações entre suas culturas e, desta forma, entendam melhor sua própria cultura para agirem nela, pois só se faz algo que se é capaz de compreender. É preciso salientar que não há como valorar culturas como melhores ou piores, visto que inexisteste este conceito ou sentimento em relação à cultura. Afinal, não é importante o local em que estamos, mas onde em nós está o local.

¡Hola a tod@s! Somos alumn@s de una de las escuelas que participamos en Aulas Unidas Argentinas desde 2003, y ahora, en este intercambio. En la primera etapa, "Um passeio virtual por Coisas Boas Brasil", aprendemos a conocerlos. Nos está gustando cada día un poco más su Tierra. Nos entusiasma mucho poder relacionarnos y descubrir señales que nos diferencian y otras que nos hermanan. La próxima semana subiremos nuestra presentación con textos e imágenes. Un abrazo enorme. Juliana, Leonel, Nadia, Vanesa, Araceli, Elba, Jesús y compañeros/as...

Tercero Segunda de Polimodal
Escuela de Enseñanza Media nº 3007 "Figliera"
15/08/2007

Fica evidente, por esses dois depoimentos, que existe uma convergência no pensar dos jovens. Com a consciência do dever de preservar o ambiente como forma de cidadania e preservação da vida, os jovens brasileiros e argentinos demonstraram competência para pesquisar, propor soluções, procurar parcerias e, ainda, manifestaram habilidade nas negociações, desvelaram o desejo de criar uma identidade, planejaram os futuros passos e evidenciaram a vontade de partilhar experiências utilizando as TICs.

Esse é o perfil daqueles que pretendem viver em uma cultura global, na qual o transbordamento do "eu" poderá se transformar em um "nós", uma inteligência coletiva a serviço do todo. O futuro na modernidade reflexiva é absolutamente incerto; nele o imponderável terá condições ideais para se sobressair, mas pode-se esperar o inesperado de uma maneira esperada, ou seja, preparar competências para habitar o incerto.



Um dia percebemos que a cidade de Osasco é rica em praças, umas bem cuidadas e outras, esquecidas. Vimos que bem perto de nós, alunos da Escola São Paulo da Cruz, havia uma praça conhecida popularmente como Largo do Salgado, esquecida, quase abandonada; havia se transformado em moradia de mendigos. Poucas pessoas passavam por ela, devido a seu uso inadequado, seu piso danificado pelo tempo e árvores muito antigas com raízes profundas e grandes. Ninguém a utilizava como espaço de leitura, pois bancos não havia, além de existir um córrego que, em período de chuva, enche, transborda e deixa sujeiras por toda a praça.

Ao iniciarmos o projeto "Coisas boas para minha terra" do EducaRede, vimos, após as reuniões, a oportunidade de tentar recuperar, ou melhor, "Reviver o Largo do Salgado", que é a "Praça Walter Cazellato Battiston".

Fomos atrás da história da praça pelo seu nome e não encontramos quase nada. Então resolvemos procurar pelo seu nome popular, "Largo do Salgado"; e encontramos o principal personagem dessa história, o Sr. José Salgado, um senhor de origem portuguesa que está há muito tempo no Brasil, adotando nosso país como sua segunda pátria.

Com a parceria da Secretaria do Meio Ambiente de Osasco conseguimos a reforma da praça, replantando as árvores, mudando o piso, plantando mais árvores e flores nos canteiros já existentes.

Para que a praça volte a ser e permaneça um lugar bonito e agradável para nossa comunidade, buscaremos após a reforma, parcerias com comerciantes, supermercados, escolas do bairro, afinal: "A união melhora a nossa terra".

A nossa terra tem coisas lindas, e nós sempre devemos estar atentos como cidadãos, para melhorar as coisas boas dessa terra, Osasco.

Através deste projeto do EducaRede "As coisas boas para minha terra", nos conscientizamos de que "a praça é nossa" e que somos todos responsáveis por ela, e pelo meio ambiente

E. E. SÃO PAULO DA CRUZ
Osasco – SP
25/10/2006

¡¡Hola a todos!! Somos de la EEMPI N° 3007 "Figliera", provincia de Santa Fe, Argentina. En este momento, nuestro grupo investiga sobre las problemáticas ambientales locales y provinciales, para después trabajar colaborativamente con escuelas de todo el país. También es nuestro propósito, difundir una agenda y juntos encontrar posibles soluciones. A lo largo de los años, hemos participado y logrado aprendizajes significativos sobre como construimos nuestra identidad comunitaria, trabajos que se pueden ver en las distintas ediciones de AUA. Relacionado con ello, hemos emprendido la construcción de un portal en el que reconocemos, y publicamos en la red, las instituciones, organismos y empresas de nuestro medio, como un proyecto de investigación y servicio comunitario. Como grupo escuela representaremos además a la escuela Juan XXIII de Pico Truncado, importante ciudad petrolera, ubicada en la provincia de Santa Cruz, bien al sur de nuestro país, en la Patagónia. Esperamos interactuar, ¿por qué no visitan nuestras publicaciones y nos preguntan sobre lo que más les interesa? Desde nuestro lugar, un gran abrazo a todos. Nicolás y Jesús (en representación de 3º 2º del Polimodal)

Tercero Segunda de Polimodal
EEMPI n° 3007 de Figliera
22/08/2007

Apesar de se configurar como uma amostra não significativa em termos estatísticos, seria possível aventar uma hipótese: alguns jovens de todo o mundo, mergulhados nesta cultura global massificante, estão começando a perceber aquilo que a geração anterior tardou a perceber. Os mais informados e sensíveis sentiram a necessidade de executar um trabalho para resgatar o patrimônio cultural, as memórias, por meio de uma revisita ao passado com o olhar do presente, e a identidade local. Talvez o papel fundamental da educação seja o de sensibilizar o jovem para viver, não simplesmente sobreviver, o que, inegavelmente, em determinadas situações, já se apresenta como um grande desafio a ser superado.

As TICs propiciam a partilha e permitem maior visibilidade a essas culturas locais, ou seja, o local sendo privilegiado no global e, mais, o esforço individual divulgado para a sociedade mundial como uma rede de troca de experiências bem sucedidas, com o objetivo de incentivar novas ações, de clarear futuras investidas, de favorecer o sucesso das gerações futuras. O maior entrave da espécie humana é garantir sua permanência no planeta, o que ela própria contribuiu para tornar mais

inviável a cada momento. Partilhar experiências e incentivar a cooperação pode ser um caminho para encontrar soluções plausíveis.

Nosotras somos Florencia Barrionuevo, Tatiana Saucedo y Daiana Katz de Tercer Año de Humanidades y Ciencias Sociales del Instituto Santa Catalina de Bolonia.

En esta ocasión hemos estado trabajando con los patrimonios culturales de nuestra provincia, Salta, y elegimos la Festividad del Señor y Virgen del Milagro.

Cabe preguntarnos entonces qué es un patrimonio cultural. Es un legado del pasado, que sigue manteniendo vigencia en el presente y cuya relevancia se transmite a las generaciones del futuro, y lo más importante, forma parte de nuestra identidad.

¿En qué consiste esta celebración? A modo de síntesis, consiste en participar activamente durante la ceremonia de las imágenes, de la novena, procesión y sobre todo, del pacto de fidelidad, donde aclamamos: "NOSOTROS SOMOS TUYOS, TU ERES NUESTRO."

Utilizaremos este tema (patrimonios culturales), para que los chicos de nuestro país vecino, Brasil, conozcan un poco nuestra identidad, para que la comparen con la suya, y nos pregunten y comenten sus dudas e inquietudes.

Esperamos que esto, sea de gran ayuda y utilidad, tanto para nosotros, ya que profundizamos e interiorizamos mas sobre nuestros preciados patrimonios y para nuestros amigos brasileros que seguro están ansiosos por aprender un poquito sobre lo característico de Argentina.

Aulas Unidas Argentina
Instituto Santa Catalina de Bolonia
18/10/2007

O objetivo deste projeto é buscar o resgate da E. E. Maria da Glória e o bairro Vila Industrial. Buscamos as origens destes, desde o nascimento do bairro ao seu crescimento, envolvendo moradores antigos, igrejas, comércio, indústrias e tudo que estivesse contido ao redor da escola e sua comunidade, fazendo assim com que seus pesquisadores e pesquisados pudessem estar resgatando suas próprias histórias, através de fotos (do antes e depois), arquitetura, troca de informações e roda de causos para vir à tona lembranças dos moradores mais antigos. Este trabalho fez com que boa parte da comunidade estivesse emergindo suas próprias raízes, estas que muitos não conheciam. Mostramos à comunidade quanta evolução, ao longo dos anos, eles obtiveram, graças aos seus próprios desafios e empenho, fazendo com que

fosse trabalhada a autoestima desses cidadãos, e também o quanto foi importante a participação de cada um para este desenvolvimento e por terem uma escola participativa junto à sua comunidade.

E. E. PROF. MARIA DA GLÓRIA COSTA E SILVA
São Paulo – SP
26/10/2006

O tema da violência é recorrente em quase todos os ambientes, visto que a violência, o bruto, poderá liquidar o humano. As causas da violência, em âmbito externo e interno, são inúmeras e se retroalimentam. Novas formas de violência se apresentam, como o terrorismo internacional, a formação de gangues que travam embates desprovidos de motivo, ou seja, pelo mero prazer advindo da manifestação do violento e da propagação do medo, e, ainda, as pequenas violências do cotidiano, as microviolências, por meio da linguagem, de gestos e de olhares que, somados, resultam em ações belicosas, conflituosas.

Desta maneira, a instabilidade se instala, gerando uma sensação de impotência até no meio acadêmico, visto que existe uma dicotomia no pensar entre as ciências naturais, que exigem trabalhar com as certezas, e os humanistas, que escolheram trabalhar com as incertezas. O entrave não está na discórdia, mas na dificuldade de manutenção de diálogo para perceber que a instabilidade pode introduzir novos aspectos essenciais e, ao entender sua complexidade em conjunto, buscar soluções. A instabilidade é o prenúncio de uma nova estabilidade.

Com tamanha violência, o medo perpassa toda a sociedade. Todo ser vivo, ao se sentir acuado ou agredido, procura fugir ou opta pelo enfrentamento, pela agressão. O jovem está continuamente com medo, um “medo derivado”, como diria Bauman (2008), conceituado como a sensação de ser suscetível ao perigo não necessariamente definido. Este perigo está em todos os lugares, amorfo, indecifrável, mas fortemente sentido, e ainda possui a capacidade de se autorreproduzir de forma incontínente. Viver com medo passou a ser rotineiro, a compor o ordinário da vida.

Uma inconsistência se revela. Se houvesse uma forma confiável, isenta de preconceitos, de mensurar o grau de civilização de uma população, seria possível afirmar que, quanto maior o nível de civilização, menor o medo, uma vez que civilização pressupõe níveis de civilidade e, portanto, segurança e acolhimento.

Entretanto, é o inverso que ocorre. A civilização é acompanhada por um grau maior de vulnerabilidade, o que a torna mais propícia à geração de medos e, conseqüentemente, de violências. O humano, incompreensivelmente, temia menos os efeitos da natureza, os quais eram imprevisíveis, incalculáveis e incontrolláveis, até um passado recente, enquanto no presente teme mais intensamente o próprio humano. Talvez isso aconteça porque o homem tenha se tornado mais imponderável ou indomável do que ponderável ou domável.

A questão que se coloca é: se eu sou o outro, por que temê-lo? Uma alternativa para a resposta a essa pergunta pode ser que o “eu” deixou de se conhecer, deixou de ser o possível para se transformar no impossível, que nega todo diálogo e mediação consigo mesmo.

“Todo outro é um outro eu mesmo. Ele é como esse duplo que tal doente percebe sempre a seu lado, que se parece com ele como irmão, que ele jamais poderia fixar sem fazê-lo desaparecer, e que visivelmente não é senão um prolongamento externo dele mesmo, já que um pouco de atenção é suficiente para reduzi-lo. Eu e o outro somos como dois círculos quase concêntricos, e que se distinguem apenas por uma leve e misteriosa diferença. É no mais íntimo de mim que se produz a estranha articulação com o outro; o mistério de um outro não é senão o mistério de mim” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 168).

A sociedade global deverá se solidarizar para encontrar novas maneiras de gerenciar o medo que a está consumindo em suas entranhas.

Meu país assim como o mundo vive momentos de violência, violência urbana, verbal, gestual. Nossos jovens têm atitudes violentas até quando estão conversando numa roda de amigos. Daí o Projeto PAZ. Não é fácil orientá-lo, pois falar de forma agressiva ou ofender faz parte de um vocabulário que às vezes ofende e às vezes não. A solução no projeto é: professores e alunos serem mais amigos, usam palavras que direta ou indiretamente geram paz, e que os alunos não sintam que o projeto está sendo desenvolvido, pois para eles palavras que os agradam individualmente, em público, soam como "mico" e pode não dar certo. Nós acreditamos que dará um resultado positivo. E os jovens argentinos, qual é o comportamento deles em relação ao assunto paz? respondam tá?

E. E. JORN. PAULO EDUARDO OLINTHO REHDER
Poá – SP
27/08/2007

29/08/2007 – Tercero Segunda de Polimodal "Fighiera":

Hola! Con respecto a la violencia, podemos decirles que, en nuestro pueblo no se observa. En cambio en las grandes ciudades del país, la población convive a diario con ella. Éste es un problema difícil de solucionar. Por eso valoramos su proyecto "PAZ". Creemos que las familias, las escuelas, y los medios de comunicación deben educar para el respeto y la convivencia. Saludos de Nicolás y Loreley.

28/08/2007 – Tercero Primera Polimodal "Fighiera" Grupo 1:

Hola Marinalva!!

Te comentamos que en las grandes ciudades de nuestro país también existe violencia urbana. Por efectos de la globalización, los comportamientos juveniles de los distintos países suelen perecerse y, a veces, las adicciones provocan mayor violencia.

Nosotros vivimos en un pueblo pequeño, razón por la cual todos nos conocemos y nuestra vida transcurre tranquila.

Cariños de Eleonora, Melina, Evangelina y Gisela.

Habermas (2000) cuestiona se a modernidade foi um projeto concluído. Talvez a racionalidade privada da subjetividade, da desrazão que dialoga e negocia com a razão, tenha sido uma das causas de sua incompletude, se de fato não foi concluída. É a subjetividade alimentada pela objetividade, pelo imagético, pela fantasia e pelo onírico que antecedem a teoria, é a irracionalidade que nutre a racionalidade, é a espera esperada do inesperado que se opõe às certezas previsíveis. Negar essa interdependência é privar a racionalidade de sua totalidade, de sua potência, é torná-la aleijada.

Derrida (2007) propõe a teoria da desconstrução, que consiste em desfazer o texto a partir do modo como foi organizado para que sejam revelados seus significados ocultos. Essa dinâmica favorece a disseminação de possíveis e novas verdades, não legitima uma única interpretação e aponta para a necessidade de o discurso e o conhecimento serem construídos de forma diferenciada. Como os textos são fontes primárias dos discursos políticos, sociais e culturais, nos quais os atores sociais transmitem suas ideias, faz-se necessária a interpretação de sua estrutura e lógica.

“O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência em si” (FOUCAULT, 2004, p. 49).

A linguagem como ferramenta da comunicação não foi o empecilho na busca da compreensão do outro, como se receava no início do projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*”. “A linguagem oferece poderoso e indispensável suporte para a habilidade de inventar problemas, a capacidade para o pensamento imaginativo ou criativo, um dom encarado pelo explorador da evolução humana como a mais significativa característica da inteligência” (JAKOBSON, 1970, p. 17).

A língua se caracterizou como mais um dos interesses de aprendizagem no projeto e, ainda, passou a ser percebida e sentida em sua cadência e sonoridade, por meio das videoconferências. As fronteiras se tornaram flexíveis, uma vez que nem a diferença da língua conseguiu impor e cristalizar o limite.

“A linguagem é então definida aqui como comunicativa mais do que informativa, e é essa intersubjetividade, essa subjetividade propriamente linguística, que explica o resto, isto é, tudo aquilo que fazemos existir ao dizê-lo.” (DELEUZE, 1995, p. 15).

Hola San Pablo!!!

Queremos expresar que estamos ansiosos/as por iniciar el intercambio. Nuestras expectativas son muchas. A veces tememos no entenderlos, pero hoy descubrimos que no va a ser difícil, y que hay herramientas para posibilitarlo.

El portugués es muy dulce!!!

Y nos encantó la música del video de la E. E 9 de Julho de Dracena.

Cariños!!

Primero Primera Polimodal
Escuela de Enseñanza Media 3007 "Figuera"
15/08/2007

Felix Guatarri (1990) afirma a palavra desterritorialização para caracterizar uma sociedade dominada pela mobilidade, pelos fluxos, pelo desenraizamento e pelo hibridismo cultural, apesar de estar sempre conjugada à reconstrução de territórios, mesmo que sejam móveis e descontínuos, uma reterritorialização. Essa desterritorialização pode ser entendida não como um incremento da mobilidade ou da hibridação cultural, mas como um processo de perda de identidade territorial.

Ulrich Beck (apud GIDDENS, 1997) define modernização reflexiva como a autodestruição da sociedade industrial. O sujeito da destruição não seria nem a revolução, nem a crise, mas a vitória da modernização ocidental, a reincorporação das formas sociais industriais por outra modernidade. Assim, o momento social atual seria a radicalização da modernidade. Não se passou para uma nova sociedade pela dor, mas pelo excesso de riqueza, pelo dinamismo da própria sociedade industrial e pela vitória do capitalismo.

A transição de um modelo para outro se deu de forma involuntária, imprevisível, indesejada e despercebida no seio da eficiência da sociedade industrial e produzirá todos os efeitos colaterais previstos e imprevisos. Alguns efeitos previstos já são considerados prejudiciais, mas, quanto aos imprevisos, nenhuma previsão será ainda possível.

Uma confrontação com as bases e os limites da modernização se faz necessária para possibilitar um entendimento e uma oportunidade de controlar o supostamente incontrolável. Para Beck (apud GIDDENS, 1997), a modernização reflexiva, que não tem conotação de reflexão no sentido cognitivo, ou o excesso de modernização, é o momento em que a modernidade se assume como objeto de reflexão de sua própria força destrutiva.

Entretanto, para Lash (apud GIDDENS, 1997), a reflexividade deveria estar na ordem do cognitivo por sua natureza. Ele define a reflexividade estética, a qual na vida cotidiana, assume um modo de mediação não conceitual, mas mimético. Talvez as imagens, pela sua flexibilidade, permitam maior discernimento da verdade do que o conceito, em sua imobilidade. Na reflexividade estética, o foco está no objeto já reflexivo, como propriedade intelectual, como mercadoria e como propaganda, produzido pelas indústrias culturais e divulgado por meio da comunicação global, e não no sujeito reflexivo.

Para facilitar a visibilidade das formas diversas de pensamentos de Beck, Giddens e Lash, segue-se o quadro a seguir.

	Beck	Giddens	Lash
Modernidade	Simple Orientada por regras	Precoce	Reflexividade estética
	Reflexiva Altera as regras	Tardia	
Política	Subpolítica	Emancipatória	Algumas bases comunais

Apesar das visões diferentes sobre a atualidade, há algumas convergências, como a possibilidade do aumento de riscos globais envolvendo transações financeiras análogas a epidemias capazes de contaminar o mundo todo, o enfoque nas organizações supragovernamentais, as consequências da alta velocidade na utilização dos recursos materiais e imateriais e o problema do acesso à informação para as classes menos privilegiadas.

“O inimigo principal deixou de ser unívoco; trata-se, daqui em diante, de um monstro de múltiplas cabeças que pode assumir, alternadamente, a aparência de bomba demográfica, da droga, das máfias, da proliferação nuclear, dos fanatismos étnicos, da Aids, do vírus Ebola, do crime organizado, do integrismo islâmico, do efeito estufa, da desertificação, das grandes migrações, das nuvens radioativas, etc. Outras tantas ameaças sem fronteiras e de amplitude planetária que se propagam sobre o conjunto da Terra e não podem ser combatidas com as armas clássicas de guerra” (RAMONET, 1998, p. 18).

A sociedade sólida calcada nas formas definidas, calculáveis e com as certezas provisórias cedeu lugar à sociedade líquida, cuja forma se tornou flexível, maleável, com capilaridade e com as incertezas permanentes. Bauman (2008) discute o medo líquido: as pessoas sentem medo do medo, ou seja, não é mais preciso haver fatos concretos para que elas se sintam ameaçadas, bastam as ideias, o porvir; o que foi imponderável transformou-se no ponderável. O medo do desemprego, da violência urbana, dos ataques terroristas forma sombras visíveis, apesar da ausência do objeto em todos os lugares.

O mundo sempre foi incerto. O que diverge na atualidade é a origem da imprevisibilidade, que é o próprio desenvolvimento do conhecimento humano. “Este

mundo é marcado pela redescoberta da tradição, como também pela sua dissolução” (GIDDENS, 1997, p. 220). Todo o saber pode ser contestado pelo acesso à informação, dificultando as ações de controle dos especialistas. A ciência sendo contestada a todo momento e em todos os níveis. Os bens produzidos pelo capital gerando malefícios pela violência decorrente das desigualdades, e o conflito entre aqueles poucos que criam, produzem o conhecimento, e a grande maioria que serve à minoria.

Este novo mundo se envolve em situações que não sabe ainda como solucionar. Poderíamos denominar esta sociedade de sociedade de risco, visto que, além dos riscos de toda ordem que são divulgados diariamente, criando uma sensação de desconforto, instabilidade, incredibilidade nas instituições e impotência, a maior vulnerabilidade é a permanência da própria espécie no planeta. Como afirma Giddens, “o futuro está cada vez mais ameaçador e diferente do passado” (GIDDENS, 1997, p. 8). “Todos os novos tornam-se obsoletos antes de poderem se fixar” (GIDDENS, 1997, p. 12). A sociedade de risco deverá se tornar objeto de reflexão sobre ela mesma.

Surge um fenômeno peculiar no campo da política: o que era político na sociedade industrial deixou de ser político, e o que não era político tornou-se político, sem mudanças de instituições ou alternância das elites. Desta forma, como houve o desfacelar de todas as instituições, será preciso reinventar uma nova política porque a antiga morreu, apesar de alguns ainda não terem percebido e procurarem intensamente reviver o cadáver. “As formas de envolvimento político, protesto e retirada misturam-se em uma ambivalência que desafia as velhas categorias de clareza política” (GIDDENS, 1997, p. 33).

A política agonizante e desprovida de poder cedeu lugar à subpolítica que molda a sociedade de baixo para cima e se forma por grupos que não tinham voz na sociedade industrial.

Os processos de descentralização para o exercício de uma democracia participativa, em alguns casos, podem originar um efeito contrário, plenamente indesejado, que se traduz na legitimação da centralização imbuída de todo o poder outorgado pelas próprias instituições participantes do processo de descentralização. Um questionamento se faz pertinente: o exercício da sub-política não originará o surgimento de uma política centralizadora e autoritária?

A direção que o mundo pode tomar é absolutamente incerta, porque é mera ilusão pensar que o capitalismo e a democracia, por si, responderão às infinitas variáveis capazes de influenciar o social e o natural, não mais desvinculados pelo teor de complexidade que atingiu o humano. Pior que todas as previsões catastróficas, muitas delas de fundo sensacionalista, é o silêncio daqueles que poderiam contribuir para ampliar as discussões pertinentes e abrir o leque de possibilidades.

Ao contrário do que se possa imaginar, é um momento de crítica. A homogeneização total do modelo político e econômico no mundo não legitima a ausência da contra-argumentação, nem o conformismo que parte da intelectualidade assumiu e contaminou as pessoas.

Um dos problemas do século XIX foi o acúmulo de riquezas por alguns e o processo de pauperização da maioria da população que produzia essa riqueza. Durante o século XX, essa questão foi acrescida da superprodução de poder. Como afirma Foucault: “a questão do poder se colocou, ela nos foi posta” (FOUCAULT, 2004, p. 38). A relação de poder está tão fortemente enraizada em nossas práticas que deixamos de percebê-las; tornaram-se “normais”, não são mais fonte de indignação e contestação. De tão visíveis, transformaram-se em invisíveis, assim como o óbvio dificilmente é percebido justamente por ser o óbvio.

Neste fervilhar de infinitas alterações, incertezas permanentes, riscos, relações de poder, previsões nefastas, política agonizante, dicotomia entre o eu e o nós, violência, medos, desigualdades, suscetibilidade da espécie, escassez de recursos, efemeridade do ser é que se aloja a cultura global. Analisada desta maneira, pode parecer a um observador desavisado algo extremamente deprimente, uma vida imersa em uma cultura execrável. Entretanto, a beleza, como diria Paulo Freire, de todo esse caldo desolador é o fato de perceber a ausência total de sentido em tudo e, apesar dessa percepção, viver intensamente, plenamente, em toda a potência, o agora com o outro. Assim deverá se caracterizar a cultura global do século XXI.

A hiper-realidade contida na cultura global precisa ser desnudada para que a multiplicidade de olhares invente novas formas de convivência nesta simulação da vida.

3.5 A hiper-realidade

"O engano autêntico."

Umberto Eco

Outra característica da cultura global é a imersão das pessoas em uma hiper-realidade, definida por Jean Baudrillard (1991) como "a simulação de algo que nunca existiu realmente".

Como já foi mencionado, existe um controle que impede as memórias de saírem do inconsciente para o consciente. Entretanto, durante o sonho, esse "controlador" relaxa seus critérios de seleção, e as memórias são revividas no onírico. Como quer Bergson (2006), se as pessoas, ao invés de viverem a vida, somente sonhassem, a vida seria só uma sucessão de memórias, como uma sessão de fotografias antigas. Em contrapartida, ao negar as memórias e todas as suas consequências, as pessoas atuam em sua existência como um autômato consciente, em meio ao conceito de presente como um recomeçar incessante.

Essa atuação seria totalmente desprovida de sentido, visto que não seria possível acessar a realidade sem as memórias, entender o momento atual, muito menos atribuir valor à ação.

Existe outro tipo de atuação referente à vivência na hiper-realidade. Para Morin (2000), é preciso combater a ilusão e a racionalização como mecanismo que procura legitimar a ilusão. Para Benjamin (1994), na hiper-realidade a mercadoria teria um signo de valor dependente do contexto social em que estiver inserida. O objeto por si seria destituído de significado; o valor seria atribuído por alguma convenção, normalmente social, que permitisse ao não ser parecer ser. Viver na hiper-realidade significa a possibilidade de nada ser, embora simplesmente se pareça ser.

As pessoas não necessitam acessar as memórias para entender o presente, basta que atuem segundo um roteiro, de forma a fomentar a ilusão de tal maneira que convençam os outros de que sua falsidade é uma veracidade. Ao imergir nessa hiper-realidade, a definição do que é a realidade se torna cada vez mais difícil, comprometendo, muitas vezes, de forma irreversível, o questionamento sobre o que é real e o que é ilusão. É preciso um esforço intelectual e uma vontade inteira e interna para suscitar a reflexão sobre essa alteração de signos.

O consumismo é uma das consequências da hiper-realidade. As pessoas não mais adquirem bens pela sua funcionalidade ou necessidade real, mas pela imposição de uma publicidade que induz um desejo ao que não é necessário e uma garantia de simular um estado desejado, por exemplo, de riqueza, desvinculado do valor real do objeto. As pessoas consomem freneticamente para experienciar as emoções ocasionadas por esse estado de ilusão que se ausenta da consciência e, como a sensação é de uma satisfação provisória, procuram sempre mais, retroalimentando a própria hiper-realidade.

Uma das tarefas da educação seria convidar os jovens a olhar atrás dos aparatos para que vissem o que não veem. O homem associou trabalho e consumo em uma mesma categoria. Assim, para consumir, é preciso trabalhar, que se opõe ao lazer, entendido, desta forma, como algo não necessário; somente o trabalho é uma atividade séria e produtiva, capaz de produzir riqueza para consumir.

Entretanto, Confúcio dizia que é preciso arrumar um trabalho de que se goste, porque assim nunca mais será preciso trabalhar. Associar trabalho e lazer passa a ser uma tarefa da educação, pois o trabalho não deve ser visto como uma forma de alienação, e sim de emancipação. O produto final do trabalho não pode ser o consumo exacerbado da inutilidade imposta pelo mercado, mas o prazer da criação. Isso não significa que o trabalho deva ser fácil, pois dificilmente pode empolgar aqueles que, apesar dos grandes esforços despendidos e sem nenhuma recompensa salarial, queiram fazê-lo pelo prazer, a exemplo do xadrez, que se caracteriza como um trabalho altamente especializado e sem valor de troca.

As pessoas imersas na hiper-realidade e despojadas de qualquer crítica poderiam ter imprimido em seus corpos um código de barras para quantificar o quanto valem por se submeterem a ser vitrines vivas, expondo signos que simulam o nada.

No mundo em que vivemos as relações humanas tornaram-se distantes e frias. A sociedade de consumo dita as regras de comportamento das pessoas, vive-se para consumir, onde o ter é muito mais importante que o ser. Não se importa mais com o conhecimento, a educação, a humanidade, mas sim com a aparência, a estética, as grifes que as pessoas carregam e podem demonstrar.

Neste contexto, a escola e os educadores assumem papel vital na formação dos jovens, capacitando-os para uma vida cidadã plena. Através do conhecimento é possível encaminhar os educandos para destinos nunca antes imaginados, sem sair do ambiente escolar. Formar educandos capazes de interferir no seu espaço de vivência em busca de uma sociedade mais justa e plena é tarefa árdua, mas ao mesmo tempo muito prazerosa.

Em continuidade as ações desenvolvidas no ano anterior no projeto "Coisas boas da minha terra", que resultou na publicação do livro "Pilares da minha alma", a escola, no mês de outubro, em festividades de aniversário do município, continuará com a divulgação do livro, contando com a participação da comunidade no resgate da memória e da cultura local.

Outra ação importante dos projetos foi a utilização das novas tecnologias disponíveis aos alunos na escola, tais como a sala de informática e suas ferramentas, o manuseio de câmeras de vídeo e digital, possibilitando sua inclusão no mundo virtual.

Dar continuidade a estes projetos é tarefa diária e importante, para que este aprendizado seja sempre reproduzido e nunca esquecido, portanto, assumindo significado na vida cotidiana de nossos educandos.

E. E. ENGENHEIRO HAROLDO GUIMARÃES BASTOS
Fernandópolis – SP
04/10/2006

Interagir nessa realidade é semelhante a intervir nos sonhos, como se de alguma maneira o personagem pudesse mudar ou conduzir os destinos do roteiro no cenário dos sonhos. Entretanto, como tudo na hiper-realidade somente parece ser, a interação também é fictícia, porque o cenário e as pessoas não estão situados no real. Foram propositadamente programados para gerar mais ilusão na ilusão. Novamente, essa interação gera uma falsa sensação de felicidade que precisa se perpetuar, forçando a continuidade do processo indefinidamente.

O olho humano pode ser um grande traiçoeiro. Aquilo que o homem vê nem sempre é o que parece ser. Narciso foi condenado por uma ninfa a jamais alcançar o objeto de sua paixão. Quando viu pela primeira vez sua imagem refletida nas águas de um lago, apaixonou-se perdidamente. A imagem não era absolutamente nada a não ser ele mesmo. Se Narciso tivesse percebido que o objeto de sua paixão era ele mesmo e não sua imagem, provavelmente teria conseguido burlar a maldição, visto que viver apaixonado por si mesmo não é causa de maiores desconfortos. Pode até ser considerado uma virtude gostar de si e usufruir intensamente da sua própria companhia. Afinal, a solidão pode ser somente a ausência de si.

O fato que se pretende evidenciar não é se Narciso era narcisista, mas como foi enganado pelo que viu e acreditou existir. Atribuiu ao nada o valor máximo de sua vida. Na hiper-realidade, muitos ou, sem exagero, quase todos vivem como Narciso.

O capital condenou todos a viverem para servi-lo. Para tanto, condenou o homem a não mais poder ver os puros reflexos do que existe, como uma imagem refletida no espelho, e sim uma imagem ativamente condicionada por um aparato a serviço dele que deforma o pré-existente para atender aos seus caprichos. Assim, o homem fica não só condenado a servir ao capital incondicionalmente, mas também a não ver que não vê. O homem não pode mais ver que vive em um simulacro do que existe ou, quem sabe, do que já existiu. A solução para esse impasse seria procurar o que está refletido atrás desse aparato. Para tanto, seria preciso, em primeiro lugar, duvidar daquilo que se está vendo, o que se configura como algo que o homem também não quer ver.

Viver na hiper-realidade passa a ser a possibilidade de nada ser, embora se pareça ser, o que legitima o consumo exacerbado gerado e incentivado pela propaganda. As pessoas consomem sem saber a razão, sem necessitarem de fato, compram porque a televisão induziu-as a comprar. O capital vencedor não para de criar novas desnecessidades para se divertir observando o enorme esforço que o homem faz para obter o consumo do inútil.

“Vê-se que o que combate é o otimismo econômico: como se, com os gastos crescentes de todos, devesse, necessariamente, crescer também o ganho de todos. O contrário parece-me ser o caso: os gastos de todos somam-se numa perda de conjunto: o ser humano torna-se menor, de maneira que não sabe mais para que serviu esse enorme processo. Para quê? Um novo 'para quê' – aí está o que a humanidade tem como necessário...” (NIETZSCHE, apud MARTON, 1985, p. 15).

Sabemos que nossa sociedade de modo geral, seja através de veículos de comunicação, propaganda e toda forma de exibição áudio e visual, fazem com que a sociedade se torne consumista e de forma exagerada, muitos valores são deixados de lado pelo fato de acharmos que os mesmos não possuem valor algum.

Outro objetivo de nosso projeto é também estar resgatando alguns laços de valores, pois no mundo em que vivemos muitas dessas crianças crescem sem o senso de civilidade, cidadania,

moralidade, educação ambiental, e por isso sempre nos perguntamos: como poderá ser feito este resgate de valores? Muitas dessas crianças ficam deslumbradas quando pensam ou se deparam com algum brinquedo na vitrine de uma loja, em seguida vem a questão “dinheiro”, o brinquedo desejado muitas vezes é caro, neste momento entra em pratica nosso projeto.

Algumas crianças nunca tentaram criar seu próprio brinquedo e nosso objetivo é que essas crianças possam aprender a criar e a valorizar o que foi feito por elas, elevando assim sua alta estima e ao mesmo tempo contribuindo com o meio ambiente.

E. E. BATUÍRA

Poá – SP
25/10/2006

Afastar-se do cenário da interação nessa realidade é deparar-se com o real, que frequentemente exige um pensar e uma ação, o que incita ainda mais a alienação e o desejo de se ausentar do real, encharcado das memórias que propiciariam o entender do presente. Talvez, nessa situação, o desejo do esquecimento seja uma forma de se alienar.

Baudrillard afirma que “dissimular é fingir não ter o que se tem e simular é fingir ter o que não se tem” (BAUDRILLARD, 1991, p. 9). Toda a hiper-realidade simula o que não se tem e, com esta simulação, é capaz de articular inúmeros esquemas de manipulação. O capital é um bom exemplo dessa afirmação. “O capital imoral e sem escrúpulos só pode exercer-se por detrás de uma superestrutura moral, e quem quer que seja que regenere esta moralidade pública pela indignação ou pela denúncia, trabalha espontaneamente para a ordem do capital” (BAUDRILLARD, 1991, p. 23). Desta maneira, torna-se muito difícil escapar das artimanhas dessa lógica.

Descobrir onde está a verdade em tudo isso e quais os verdadeiros mecanismos de manipulação é uma tarefa impossível, mesmo porque nem seus autores sabem mais onde se iniciou a verdade ou a simulação. Para Baudrillard, a ilusão não é mais possível porque já não existe o real. Assim, todas as forças devem estar concentradas no resgate do real, apesar de não ser mais possível prová-lo.

Embora possa parecer ingenuidade, a proposta para conviver nessa hiper-realidade seria: uma vez que não se pode mais achar o real, talvez a solução seja um questionamento perene sobre os fatos, individual e coletivamente, sempre duvidando de suas próprias ideias, as quais podem ser a origem da manipulação,

para ao menos perceber a existência de simulações criadoras de verdadeiros fantoches que imaginam ter vida própria.

Deleuze fala em “zonas de escape”. Uma metáfora para exemplificar isso seria a membrana semipermeável das células. Ela as envolve e controla o que deve entrar e sair pelos microporos. Entretanto, há momentos em que acontecem movimentos de entrada e saída da célula, livres de controle e sem gasto de energia. Evidentemente, após determinada quantidade de moléculas movimentadas por esse transporte passivo, a célula volta a exercer o controle para a própria sobrevivência. Assim, as zonas de escape seriam como os microporos das membranas plasmáticas das células.

Na hiper-realidade, há a prevalência da forma sobre os conteúdos, fato deflagrador de opiniões divergentes entre aqueles que desconfiam dessa hipertrofia e os outros que afirmam que a própria mensagem está na forma. De qualquer maneira, parece que é o reflexo tornado real que desperta uma indiferenciação entre o homem e a imagem. O desafio é fazer um apelo a uma autorreflexividade perante esse bombardeio de imagens e conseguir enxergar o belo nessa inundação visual. Pelo depoimento que se segue, pode-se verificar a riqueza do trabalho desenvolvido pela escola, não só pelo estabelecimento de parceria com uma artista plástica que ajudou a escola a desenvolver novos olhares para o entorno, mas pela competência em associar todo o trabalho artístico com o uso de diversas mídias como ferramenta a serviço da potencialização do fazer humano.



A questão em pauta é a leitura e interpretação dos códigos visuais existentes em vários locais da cidade. A cidade vira um suporte com múltiplas imagens, uma verdadeira galeria em céu aberto onde as pessoas fazem apropriações, recortes, colagens que são revisadas e refeitas em

todo momento. Deixando suas marcas por onde quer que vá, sem a menor preocupação de uma cotação no ambiente artístico. É necessário pensar em arte nas coisas simples da vida, como, por exemplo, na pipa que o vento sopra, nos brinquedos largados em qualquer lugar por uma criança que encontra algo mais atraente para deleitar-se, na mostra de uma coleção que aos poucos vai invadindo o cotidiano que chega a embasar a nossa visão, provocando uma cegueira cultural, de até mesmo não enxergarmos o valor do que está ao nosso redor, trazendo um sentimento de insatisfação e procura de multicores em um mundo distante, em países que produzem uma beleza artificial que foi construída pelos paradigmas fecundados. Temos que fazer com que as pessoas adorem olhar e decodificar toda a magia existente no ar através de uma contextualização que traga um incessante desejo de praticar habilidades diversas. Conseguir deixar as pessoas com desejo de absorver mais conhecimento faz com que elas sejam multiplicadores de uma geração alicerçada para as necessidades existentes, não deixando os sonhos de lado, com boas lembranças e força para um crescimento prudente. Fizemos uma parceria com a artista plástica Fernanda Russo que teve a ideia de iniciar um projeto de redescobrimto das obras de seu pai, através de propostas pedagógicas.

Ações:

Visitação de diversas exposições de artes visuais e locais estratégicos

Elaboração de textos diversos e publicação em veículos de massa.

Exploração do site: www.educarede.org.br – postagem dos dados selecionados na galeria de arte/imagens e comentários no blog dos amigos envolvidos no projeto.

Acompanhamento no www.centrodearte.com.br – para leitura das obras da artista plástica Fernanda Russo e utilização da comunidade orkut para entrar em contato direto com a artista.

Debater em aula a importância do conhecimento de informática na formação escolar atual.

Revitalização da “sala aberta” com montagem de um mosaico na mesa lá existente.

Fotografia das alunas para compor a nova pesquisa de rostos femininos da artista Fernanda Russo que irá contar com interferências expressivas.

E. E. PROF. GENÉSIO DE ASSIS

Araçatuba – SP

30/10/2006

Um dos aparatos que deformam a imagem são os meios de comunicação. A televisão brasileira é detentora de um poder incomum. Ela forma opinião, lança moda, questiona valores, cria modelos de atitudes, divulga notícias sensacionalistas e corrobora com o acirramento da sociedade de risco. O que é dito é tido como verdade para a maior parte da população, sem nenhum questionamento. As estatísticas são propagadas sem comparação e sem relação com o universo pesquisado, o que gera, muitas vezes, pânico, aumento do medo indefinido e do

perigo emanado de tudo. “São raros os dossiês montados pela imprensa que não sejam dedicados a anúncios catastrofistas: o fim da história, o fim das ideologias, o fim dos professores, o fim do pensamento, o fim do homem, o fim de tudo” (ROUDINESCO, 2007, p. 8).

Os meios de comunicação têm mostrado a realidade da população. A falta de orientação da família e as condições sociais têm levado a população ao “buraco negro” (drogas, DST, câncer, AIDS, diabetes e hipertensão). O que podemos fazer para mudar esse quadro?

Começamos nosso trabalho formando uma parceria com a Secretaria da Saúde de Itaquaquecetuba, oferecendo às mulheres da comunidade e às alunas do período noturno palestras e agendamento para exames.

Os projetos desenvolvidos foram baseados em observações feitas a respeito da realidade dos nossos alunos, da comunidade e de suas necessidades, seja por falta de informação ou falta de atendimento médico. Sentimos-nos muito felizes, pois o que foi proposto pela escola esteve a contento. Sabemos que o nosso trabalho é apenas uma gota d’água num oceano, onde o descaso com a saúde pública é bem visível

E. E. KAKUNOSUKE HASEGAWA
Itaquaquecetuba – SP
23/10/2006

Os meios de comunicação poderiam atuar de forma responsável, abrindo espaços para pensar sobre o que está sendo divulgado, o grau de veracidade da informação e as razões pelas quais está sendo divulgada naquele momento. Este ideal dificilmente será atendido, visto que a mídia é o próprio aparato que deforma a imagem a serviço do capital. Assim, caberia à escola educar para que a população conseguisse traduzir as mídias.

Esse projeto teve por objetivo contextualizar os alunos do 3º Ensino Médio no mercado de propaganda publicitária e possibilitar o desenvolvimento de uma capacidade de análise e criticidade sobre os diferentes meios de comunicação e utilização da persuasão sobre os seres humanos em sociedade.

Foram oferecidas bases para estudo e análise sobre a propaganda nos meios de comunicação: rádio, tv, internet e impressos. Os alunos também retomaram as teorias sobre funções da linguagem e aplicaram nas sobre os materiais em questão.

Uma vez concluídas as etapas de estudo e análise do processo de elaboração e do trabalho de orientação pedagógica, foi dado aos alunos autonomia para avaliarem seus próprios trabalhos: por acreditar que avaliando os trabalhos dos colegas e comparando-os aos seus próprios trabalhos, os alunos pudessem discernir entre os erros e os acertos e desenvolvessem a responsabilidade de julgamento. Uma bancada de alunos representantes de cada grupo foi formada para essa avaliação. Esses alunos se tornaram multiplicadores do conhecimento adquirido a partir dessa experiência.

E.E. PROFESSORA MARIA JULIETA DE GODOI CARTEZANI
Campinas – SP
20/10/2006

Neste mundo de aparências, em que não é mais possível distinguir entre o que é e o que parece ser, o medo passou a ser companhia permanente da vida humana. Todos os dias, são anunciados perigos de todos os tipos que poderão atingir qualquer um a qualquer momento, de forma indiscriminada, o prudente e o imprudente. Qualquer mudança, por menor que seja, suscita um sentimento de insegurança, de temor, de medo que paralisa o fazer. A escola não está isenta desse sentimento que contribui para a perpetuação de sua imobilidade confortável.

O projeto pretende auxiliar a escola a vencer esse receio, ao propor parceria com os próprios alunos, geralmente menos contaminados pela alta virulência do medo endêmico.

No início tivemos medo, pois nunca tínhamos desenvolvido um trabalho que envolveria a escola, a comunidade local. Procuramos sempre passar aos alunos o que estava acontecendo, desde a escolha do tema até a finalização. Em reunião com os alunos representantes de cada classe no dia 03/04 apresentamos o projeto aos alunos, fizemos a escolha do nosso tema a ser trabalhado. Depois planejamos como, quem, quando, onde e o que iríamos fazer para desenvolver a ação. Dias depois lançamos uma edição especial do “Jornal Interativo Escolar” a todos os alunos, que puderam levar para suas casas e mostrar aos pais, já que o projeto envolve a comunidade. Daí então nossa escola não foi mais a mesma. Os professores ficaram empolgados e passaram a desenvolver com os alunos trabalhos excelentes relacionados ao tema

e ao conteúdo curricular. Enfim, nossa satisfação é imensa, pois todos os nossos objetivos foram 100% alcançados e esperamos mais ainda do ano que vem!

Agradecemos a equipe EducaRede pela iniciativa.

E. E. DE NOVA LUZITÂNIA
Nova Luzitânia – SP
06/11/2006

Braudillard fala do sentimento de melancolia oriundo dos sistemas saturados e da falta de esperança para o sentido, visto que é mortal. Talvez o novo sentido seja viver e conviver na ausência de sentido e procurar não se deixar seduzir pelas aparências. Não viver com a sensação de falta ou ausência de algo, mas viver pelo que se é ou, pelo menos, pelo que se pensa que é, apesar da força de neutralização do sistema.

Merleau-Ponty diz: "se retirar-nos do mundo da percepção, nada nos prova que nele estivemos alguma vez" (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 18), porque o mundo é somente o que vemos. Se vemos somente a simulação do mundo real, e não vemos que não vemos, não seria a simulação a única prova de que estivemos no mundo? Para procurar responder a essa questão, é fundamental saber que a percepção é limitada, e até seria possível afirmar que cada um de nós tem um mundo privado. "Tais mundos não são mundos a não ser para seu titular, eles não são o mundo" (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 21). Então, como acessar o mundo se o outro, que poderia ver o que não vejo, possui as mesmas limitações? Talvez "essa certeza injustificável de um mundo sensível comum a todos nós é, em nós, o ponto de apoio da verdade" e "a nossa segurança de estar na verdade e estar no mundo é uma só" (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 23).

O estudo do funcionamento do cérebro humano com os cinco sentidos é um desafio não só para os neurobiólogos, mas também para profissionais das mais diversas áreas, principalmente os filósofos. Meyer (2002) escreve que a correção das cores no cérebro humano não é a mesma em todas as pessoas, que existe um modelo interno singular. Se for permitida uma extrapolação, talvez todo o sistema sensorial seja peculiar a uma pessoa. Caso se parta dessa premissa, o que se percebe do mundo é algo absolutamente particular.

Dessa forma, em relação aos aspectos referidos neste item, parece que o humano está condenado a viver em uma realidade que não é necessariamente real. Para reforçar ainda mais esta condição, as tecnologias da informação e comunicação propiciam ao homem contemporâneo habitar um “lugar” em ambientes virtuais, inaugurando a cibercultura.

3.6 A cibercultura

A cibercultura pode ser entendida como um modelo sociocultural inserido na cultura global, que abrangeria o conjunto de trocas entre as sociedades, as culturas e as tecnologias da informação no ambiente virtual. O ciberespaço é o “lugar” no qual haveria a representação realista do mundo e das atividades humanas; é o habitat e o nicho da cibercultura, que propicia a comunicação de todos com todos e já se encontra densamente povoado.

A cibercultura é a extensão, o prolongamento de uma nova cultura, de uma nova forma de sociabilidade: a cultura contemporânea, mediada pelas ferramentas disponibilizadas pela tecnologia, que não se configura como causa única dessa expressão cultural.

“Passamos da dominância analógica à digital, embora os dois campos estejam em contínua interface. Daí decorre a conformação atual da tecnocultura, uma cultura da simulação ou do fluxo, que faz da representação apresentativa uma nova forma de vida. Saber e sentir ingressam num novo registro, que é o da possibilidade de sua exteriorização objetivante, de sua delegação a máquinas” (SODRÉ, 2008, p. 17).

Ao longo da história do homem, o conflito entre gerações sempre foi uma evidência. Contudo, na atualidade, o distanciamento entre os pais e os jovens parece mais acirrado pela mudança no modelo sociocultural, que privilegia tecnologias das quais a geração da contracultura dos anos 60 não se apropriou na mesma intensidade que os jovens.

A dificuldade é ainda acrescida pela velocidade de todos os acontecimentos, a velocidade exacerbada que passou a ser rotina, até nos relacionamentos, nos quais tudo tornou-se efêmero e obsoleto. A lógica do pensamento de uma geração não é a mesma da outra. Esta situação desemboca na escola, com fortes e insolúveis desdobramentos, pois a escola tradicional, como instituição, insiste em manter a lógica já ultrapassada.

Uma das questões merecedoras de reflexão sobre a cibercultura é o efeito anestesiador ético que os ambientes virtuais podem causar aos jovens. Nesses ambientes não há limites nem regras; são um espaço de anomia no qual matar, morrer, desrespeitar, violentar são atos que não trazem nenhuma consequência; a tranquilidade do habitante deste espaço pode continuar exatamente a mesma. O

grande elã desse novo modelo sociocultural, que se impõe mais intensamente a cada dia, é transformar o espaço de anomia em um espaço de exercício de autonomia, com interdependência do outro.

O ambiente não é o causador e sim o selecionador das características desejáveis para a perpetuação da espécie. Assim, a sociedade e os próprios ambientes virtuais deverão selecionar as atitudes recomendáveis e criar situações que propiciem a reflexão sobre os comportamentos esperados para que todo o sistema não se autodestrua, em um processo autofágico. Uma possibilidade para viabilizar essa proposta seria construir ambientes de aprendizagem no virtual com toda a sua anomia exposta e discutir sobre ele, nele mesmo, um convite a sair do estado letárgico, anestesiado, para um estado de criticidade.



Os alunos e comunidade da escola MCL e bairro Morada dos Nobres estão todos se conscientizando sobre higiene e saúde; as ruas do bairro e terrenos baldios e córregos que passam pelo bairro estão sendo bem tratados e limpos estão parando de jogar sujeira pelas ruas; o pessoal não está sendo mais ignorante graças ao projeto EducaRede...

E. E. PROF. MARIA DO CARMO LÉLIS
Araçatuba – SP
06/11/2006

Esse novo modelo social está mergulhado na lógica do neoliberalismo, que impera no mundo atual, e, como tal, possui os mesmos mecanismos de dominação e exclusão previstos nesse modelo econômico. Não é de surpreender que haverá, também na cibercultura, todas as formas de manipulação, regadas por um discurso inclusivo e de direitos à igualdade e liberdade a todos, mas o modelo continuará se

perpetuando, muitos continuarão servindo a poucos e o fosso das desigualdades sociais provavelmente será aprofundado.

Não é possível, neste momento histórico, viver fora das artimanhas do capital. Entretanto, é possível e necessário refletir sobre a existência confinada dentro desse sistema e como ampliar o nível de consciência em relação aos mecanismos desenvolvidos para gerar tamanha eficiência.

A intenção do projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” era disponibilizar algo que tivesse sentido para o aluno, a fim de incentivá-lo a pensar, a criar, a transgredir a mesmice, permitindo-lhe alçar voos mais altos, criando-lhe novas possibilidades ao usar sua imaginação e seu potencial e, principalmente, oferecendo-lhe a oportunidade de ver a si e ao mundo de forma diversa.



Segunda, dia 10/04/2006, início da realização de uma proposta que vínhamos desenvolvendo desde 2005: um jornal virtual que permitisse a interação entre professores e alunos da parceria pedagógica criada por três escolas de São José dos Campos: E. E. Ayr Picanço, E. E. Elmano Veloso e E. E. Euclides Miragaia. E eles foram os protagonistas, avaliando a proposta do projeto, escolhendo o seu nome (PIRAMANO – PI de Picanço, RA de Miragaia e MANO de Elmano) e fechando a pauta do primeiro número (História das escolas e dos bairros, que foi proposta dos professores aos alunos, que já vieram com as reportagens prontas). Finalmente, queremos agradecer o apoio do EducaRede, que nos permitiu relatar essa experiência e nos deu suporte através das videoconferências e do diário do projeto.

E. E. PROFESSORA AYR PICANÇO B. DE ALMEIDA
São José dos Campos – SP
05/11/2006

A tecnologia permite maior visibilidade, auxilia na construção e representação do conhecimento, potencializa a busca das informações e a comunicação entre aqueles para os quais a distância espacial seria um entrave. A linguagem produzida pela interação entre imagens, movimentos e sons atrai os mais jovens muito mais que a linearidade do texto do livro. As memórias das sociedades contemporâneas ficarão registradas no ambiente virtual, diferentemente de outros tempos, em que as memórias de determinados grupos sociais foram extintas.

¡Hola a todos! Queríamos invitarlos a visitar la arquivoteca, donde se encuentra nuestra producción: "Tercero Investiga". Es un video con algunas problemáticas ambientales de nuestra localidad y sus alrededores: basural a cielo abierto, falta de protección de los patrimonios naturales y construidos, almacenamiento de cereales en el corazón del pueblo, quema de pastizales, entre otros. Esperamos ansiosamente sus comentarios. Muchos abrazos para todos

□ *Juliana, Elba, Leonel, Vanesa, Araceli, Nadia, Loreley, Natalí, Nicolás y Jesús.*

Tercero Segunda de Polimodal
EEMPI N° 3007 "FIGHIERA"
27/08/2007

A utilização da tecnologia interfere em todas as relações do fazer humano. Ter competência significa ser capaz de mobilizar todos os conhecimentos em busca da solução de um problema apresentado. A escola, na atualidade, deverá fazer seus alunos desenvolverem a competência de estabelecer inter-relações e intercompreensão entre o outro e o mundo. É preciso religar todos os saberes para estar no mundo, é preciso estar aberto a todos os possíveis.

Assim que todos os grupos trouxeram o resultado de sua pesquisa para a sala de aula, sob a orientação do professor Marco Aurélio (professor de física,) os alunos procuraram na internet o valor percentual do imposto que incide em cada produto pesquisado e fizeram o cálculo deste imposto. O resultado deste trabalho foi passado para os alunos monitores, que montaram tabelas e gráficos para serem afixados na escola e em alguns estabelecimentos comerciais de nossa cidade. Desta forma, esperamos contribuir para a conscientização de nossa comunidade que o

exercício da cidadania é o caminho para a construção de um mundo melhor e que todo cidadão deve saber que possui direitos que devem ser respeitados pelas autoridades constituídas e deveres que devem ser cumpridos por todos.

E. E."PROF. PEDRO AUGUSTO BARRETO"
Areiópolis – SP
25/10/2006

A cibercultura se impõe independente da vontade e do preparo do indivíduo para nela viver. A escola, fundada sobre os alicerces da linguagem oral e da cultura escrita, assiste, resistindo de forma errônea, a ruptura dos padrões conhecidos. Esse modelo de escola arcaico está estertorando, pois não atende mais aos desejos e necessidades de sua clientela, e o saber só é construído por meio do prazer advindo da satisfação de um desejo.

A comunicação e a transferência de informações precisas são as mantenedoras da vida, desde a reprodução exata, a mensagem e a transferência dos ácidos nucleicos que perpetuam as características da espécie, até a linguagem que permitiu ao homem, um ser sem grandes especializações, conseguir sobreviver. Sem a linguagem, instrumento de comunicação e troca de informação, que permitiu a vida no coletivo, provavelmente o homem já não existiria. Para ele, viver em sociedade é prioridade para estar protegido, visto que as limitações individuais são compensadas pela ação do outro.

A cibercultura pode potencializar a vida no coletivo, otimizando as relações de cooperação mediadas pelas TICs, criando uma interdependência entre os usuários advindos dos ambientes virtuais. A realidade virtual abrange duas características concomitantes: a subjetiva e a técnica.

Durante o ano de 2006, trabalhamos com uma grande equipe, sendo formada por várias escolas deste Brasil, e juntos descobrimos nossas escolas irmãs formando um único objetivo.

E. E. HELEN KELLER
Adamantina – SP
25/10/2006

Na atualidade, a mobilidade é uma obrigação. Mesmo não se compreendendo plenamente a natureza da mudança, é preciso acompanhá-la. Desta maneira, o acesso universal às TICs é fundamental para acompanhar as mudanças. Contudo, esse trânsito continua distante da maioria da população, e o fosso entre aqueles que possuem o privilégio do acesso e os demais, que não possuem, está sendo acirrado.

Todos os alunos participaram fazendo manchetes e dando opiniões, embora nem todos tiveram condições técnicas de acessar o portal, como desejávamos

E. E. MARECHAL DO AR EDUARDO GOMES
Guarujá – SP
04/10/2006

Hoje é diferente a relação emissor/receptor. No modelo tradicional, o comum era a existência de um emissor para vários receptores geralmente passivos. Isso foi alterado na cibercultura, na qual todos passam a ser emissores e receptores concomitantemente, aumentando o grau de interatividade e a externalização das fantasias de cada um. Este pode ser descrito como um espaço público em que se dá voz a todos. Na verdade, não verdadeiramente a todos: entre todos aqueles que têm direito ao acesso a esse espaço, como seria previsível, não estão incluídos os grupos que se encontram à margem da sociedade.

A realidade virtual, termo introduzido em 1980 com Jaron Lanier, faz parte da cibercultura e se propõe ser uma simulação da realidade mediada pela tecnologia, mas possui uma extensão de um mundo não real representado por ícones e símbolos que oferece ao espectador deste mundo irreal a sensação e percepções do universo real. As realidades podem se confundir, gerando no usuário a incapacidade de distinguir o real do virtual, com consequências imprevisíveis. A realidade virtual não é a causa de nenhum comportamento humano, seja ele qual for, apenas potencializa o que já existe. É um equívoco responsabilizar o ambiente virtual pelas atitudes não desejadas de seus usuários. A questão fundante está no humano, e não na tecnologia.

A relação entre o homem e o computador é peculiar, visto que o homem tende a supervalorizar as “coisas” feitas pela máquina. Inegavelmente, os programas informatizados potencializam o fazer humano, como determinar precisamente a

estrutura molecular das substâncias. Contudo, o que se fala da memória do computador não é propriamente memória, é um sistema de armazenamento capaz somente de reproduzir o que foi nele colocado pelo homem ou por outro sistema, ao passo que a memória é um processo em transformação. “Nunca teremos uma máquina capaz de escrever suas memórias” (PESSIS-PASTERNAK, 1993, p. 202).

Retomando a ideia do meme, o computador não o carrega, ou seja, não é capaz de selecionar e transmitir traços de uma cultura para futuras gerações. A máquina não tem competência para conhecer, reconhecer ou se divertir com o humor típico de uma população, entender as crenças, mitos e medos que povoam o senso comum, partilhar e se encantar com as culturas locais, porque só possui a lógica exacerbada do homem, sem as suas subjetividades, que lhe conferem o melhor do humano.

Há hipóteses de que um dia o computador poderá armazenar o conhecimento e as características do senso comum. A máquina poderá se apropriar de vários domínios e conhecimentos, mas não terá a intuição.

Ao aventar se a máquina seria capaz de reproduzir um “Einstein”, muitos afirmariam que sim pela capacidade lógica na resolução de problemas. Contudo, conta-se, uma vez Einstein foi interpelado por que havia escolhido uma equação em detrimento a outra, ao que ele respondeu: “porque achei mais bonita”. Este critério certamente não seria utilizado pelo computador, que também não criaria uma constante para “arrumar” uma equação que evidenciava oposições às suas convicções religiosas.

Parece que é específico ao humano refletir sobre sua própria reflexão, na linguagem de Heinz Von Foester: “computar as suas próprias computações” (PESSIS-PASTERNAK, 1993). Entretanto, o homem se entusiasma quando compreende o que o computador faz, quando muitas vezes não consegue compreender o que ele mesmo faz. A informática poderá mudar a maneira do homem refletir, até mesmo pelo simples fato de ele ser obrigado a raciocinar cotidianamente de forma analítica e sistemática para manusear a máquina.

A tela do computador absorve toda a atenção, obrigando o usuário a ficar concentrado em um mundo que clama por ser explorado e que promete sanar todas as necessidades. “É o sonho de um mundo de produtos, informações e serviços inteiramente acessível *on demand*, em qualquer tela ou visor ao alcance das mãos. O mundo a um clique” (COSTA, 2003, p. 31). Neste mundo superlotado de dados,

informações, interconexões, sem uma organização satisfatória, o usuário se sente impotente para desvelar não só o que procura, como aquilo que sabe intuitivamente, que se encontra oculto e, justamente por estar oculto, suscita um desejo de descobrir, de desvelar que dificilmente será satisfeito. Um desejo não satisfeito é a base do sentimento de frustração.

Uma das características mais acentuadas da cibercultura é a velocidade e a intensidade da comunicação, o que confere uma sensação de liberdade, de estar conectado com o mundo, de poder estar com o outro durante todo o tempo. As invenções que aperfeiçoam o fluxo da comunicação a custos cada vez menores são frequentemente divulgadas em todo o planeta e prontamente consumidas. Não obstante, essa liberdade pode ser fictícia, uma vez que, associados a essa efervescência comunicacional, surgem mecanismos de controle tão eficazes e otimizados quanto a própria liberdade desejada.

“A liberdade sem segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade. O compromisso entre elas, porém, já que implica inevitavelmente um sacrifício parcial, também não é garantia de felicidade. Os humanos necessitam tanto da liberdade como da segurança – e o sacrifício de qualquer um deles causa sofrimento. Mas o sacrifício não pode ser evitado, e assim a ânsia por felicidade está destinada a ser frustrada” (BAUMAN, 2008, p. 58).

Desta forma, as mazelas da humanidade não se originam nem decorrem dos aparatos tecnológicos criados pelo homem, mas podem ser potencializadas pela maneira como ele se utiliza delas. A sociedade tecnológica contemporânea conspira para o surgimento de uma nova forma de existir, inunda todas as áreas do fazer humano. Pode-se assistir ao acirramento das desigualdades, das exclusões e do reforço das cristalizações sociais em nível avassalador.

“Quando estruturas sociais e padrões de comportamento tornam-se tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar avante o processo criativo de evolução cultural. Entra em colapso e, finalmente, desintegra. A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre os seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social” (CAPRA, 1999, p. 26).

Não obstante, há uma possibilidade concreta de grupos diferenciados, de grupos criativos se associarem para fazer o contraponto, ao utilizar a tecnologia

como potência da vontade de existir, por meio de bons encontros, uma nova força cultural, com novos protagonistas.

As interações na realidade virtual podem estar alicerçadas no real ou se basear estritamente nas fantasias dos usuários, que podem assumir inúmeras identidades. Um dos desconfortos será o encontro do desencontro de identidades fictícias transpostas para o real, ocasionando o impacto da finalização de uma ilusão, com todos os ônus provenientes dessa fratura. As relações, na realidade virtual, tendem a ser mais complexas, caóticas e imprevisíveis, o que não significa necessariamente categorizá-las como melhores ou piores; podem, outrossim, ser mais intensas, pela inundação de subjetividade que propiciam e pela forte sensação de presença.

O real é maleável, existindo um real oculto que aparece com o deslumbramento advindo de uma fratura. O mundo virtual desnuda esse real oculto que se apropria do sujeito sem os perigos aparentes do mundo atual. Esse fato seduz e arrebatada, pois remete ao mundo da fantasia, do desejo, do imagético, ao mundo polifônico e policromo. É a entrada em um mundo exorbitante.

Nesse contexto da cibercultura e da hiper-realidade compondo a cultura global, a educação assume importância fundamental, por instrumentalizar o homem para fazer suas escolhas, de tal modo que o processo civilizatório, entendido em sua forma mais ampla e não tendenciosa, seja preservado. Um ser educado para viver, conviver e aprender com o outro em sua diversidade e com toda a natureza, capaz de usufruir de suas criações para viabilizar uma duração harmoniosa, compartilhada com outras durações, neste insignificante planeta.

A escola, como um microcosmo da sociedade, está afetada pelo modelo da cibercultura e, portanto, obrigada a adquirir competências para responder rapidamente aos desafios impostos pelas mudanças de paradigma.

A floração

Constela
supernova sincrética
renova
a policromia
da estrela bela

Pluripétala
florilabial
vem falar discreta
bem-me-quer

André Toledo Porto Alves

Parte IV – A FLORAÇÃO

Capítulo 4 – A comunidade escolar

4.1 Por que a inversão do sentido do vetor?

Tradicionalmente, as políticas educacionais, as diretrizes e as propostas pedagógicas emanam dos órgãos centrais na direção e sentido das escolas, que passam a ser meras receptoras, e não autoras de seus projetos e práticas.

Segundo Alarcão (2003), algumas escolas são simplesmente teleguiadas, submetidas a comando externo, mas a solução de seus problemas encontra-se dentro delas, produto de um processo de reflexão coletiva que contemple as especificidades da instituição. Esse processo suscita a participação de toda a comunidade escolar, que passa a se empenhar em diagnosticar seus entraves e a procurar junta possibilidades, alternativas de solução, com o estabelecimento das prioridades, das estratégias, dos prazos e dos responsáveis pelas ações.

A escola costuma gozar de liberdade somente para cumprir a lei ou os comunicados, sejam eles pertinentes ou não e oriundos de qualquer poder instituído. Nesse modelo, os educandos são ensinados a pensar e a agir seguindo padrões e normas já pensados e instituídos por alguém de fora do seu ambiente, sendo forçados a repetir o pré-estabelecido, a pensar dentro do já pensado e realizar no limite do já realizado.

Transgredir esse modelo não é tarefa fácil, porque a força do poder centralizador é destruidora da energia potencial que ainda não foi transformada em cinética. Assim, exigir resultados visíveis e rápidos é inviabilizar qualquer iniciativa de mudança, fomentando um sentimento de impotência que se alastra em todos os níveis da escola, com as consequências nefastas da baixa credibilidade em si e naquela atribuída pela comunidade escolar. O tempo para educar não é o tempo cronometrado, não segue a lógica de Cronos, deus do tempo, o qual devora vidas, impedindo que haja tempo para a construção da cornucópia, instrumento que possui o dom de fazer brotar de seu interior uma infinita quantidade daquilo que se deseja.

Educar é instrumentalizar para a construção de cornucópias individuais, processo que segue a lógica do kairós, do tempo sentido e vivido.

A possibilidade de elaboração do projeto político-pedagógico específico de cada escola, contemplando suas singularidades e o desenvolvimento de competências para customizar as propostas advindas da Secretaria da Educação, pelo pouco tempo que o país teve para aprender a exercitar a democracia, não foi realmente aproveitada e executada pelas escolas. Essa foi a causa pela qual todas as escolas passaram a ser categorizadas, por alguns, como incapazes de exercer sua autonomia pedagógica, legitimando ações mais centralizadas, gerais e até mesmo autoritárias.

Autonomia não é algo que se delega, é algo construído, processual, advindo de práticas, de erros e acertos, de um processo reflexivo e que demanda tempo. Portanto, pode ser muito precipitado esse julgamento superficial de uma situação que necessita ser contextualizada e analisada em suas origens.

Não se pode ignorar o percurso já trilhado e imaginar que a escola esteja permanentemente no tempo zero, negando sua história. A solução talvez esteja em estabelecer cumplicidade para o processo de construção da autonomia das escolas. O corpo da Secretaria da Educação poderá ser um companheiro de jornada, posicionando-se ao lado das escolas para o enfrentamento dos entraves encontrados no caminhar e propiciando espaços de formação e partilha.

O ato de assistir passivamente o rumo que poderá tomar uma sociedade regida por políticas públicas calcadas no mero assistencialismo e projetos educacionais reduzidos a currículos fechados e prontos, que inegavelmente são medidas emergenciais e, de certa forma, necessárias, origina um temor crescente e uma sensação de impotência. Essa ação imediatista pode ser aceitável como tática para suprir uma grande deformação no sistema, como maneira de minimizar a crueldade de uma situação, mas deverá obrigatoriamente vir acompanhada de uma ampla ação que vise educar a população para a vida, uma ação que possibilite criar uma sociedade que sabe onde está e para onde deseja ir, fazendo da educação o timoneiro na viagem rumo à construção de um grande projeto de inventividade social.

Muitas surpresas podem ocorrer ao se acreditar no potencial da escola. Pode-se admirar, de maneira perplexa e até incrédula, pela trajetória conhecida, a

participação e dedicação daqueles que haviam se ausentado das atividades por terem rompido com a exaustão da mera repetição do mesmo.

No dia da premiação tivemos uma grande surpresa. Nossa escola foi premiada com o troféu destaque de “compromisso e comprometimento com o público”.

Foi uma experiência nova e emocionante, porque sabemos que a maior parte das pessoas só participam pela “troca” de prêmios e nossos alunos mostraram naturalidade para participar pelo prazer em representar.

Podemos concluir que o ano foi muito produtivo para nossa escola, assim, podemos destacar a grande participação e colaboração dos alunos, agradecendo-os pela dedicação.

E. E. PROF^a BENEDICTA ARANHA DE OLIVEIRA LINO
Santa Barbara d’Oste – SP
25/10/2006

O desejo da equipe que idealizou “As coisas boas da/para a minha terra” era inverter o sentido do vetor: não mais o estabelecido dos órgãos centrais para a escola, mas a escola exercendo sua autonomia, ao construir seu conhecimento, fazer suas escolhas e tomar decisões. A escola como um lugar de encontros, negociações e do desabrochar da criticidade para favorecer a percepção de sua posição em relação ao mundo. A equipe apostou na capacidade da escola de pensar, criar, transgredir, viver outras lógicas, inventar sentidos, produzir subjetividades e construir felicidades.

A escola Prof. Valério Strang é uma das escolas públicas de Mogi Mirim, estado de São Paulo. Ela se difere por estar em uma área periférica da cidade, chamada de Zona Leste, porém, nossos alunos carregam, com orgulho, o fato de estar e ser presente nesta periferia.

A periferia, muitas vezes, é tratada como problema, violência, drogas, tráfico e roubo, mas, por trás das aparências, existe o ser humano, a criança que vem na escola com o mesmo intuito de todos, viver, crescer e aprender. Aprender a lutar pela sobrevivência natural de um mundo desigual, onde muitas vezes a escola faz o papel da família, fornecendo amor, carinho, segurança e até alimento. Bem, nesta escola, onde rola o som do Funk e Rap, um dia apareceram com este projeto com um nome meio esquisito, “EducaRede”; até então a única rede conhecida pelos professores e pelos alunos era a rede da velha quadra improvisada para jogar vôlei. Brincadeiras

à parte, a realidade educação com uso da informática é e sempre foi uma barreira para alunos e professores. No decorrer do projeto, várias ideias surgiram entre professores e alunos e, mais do que priorizar somente a sala de informática, foi decidido fazer uma gincana na escola envolvendo atividades físicas e sociais, onde cada sala de cada período se uniu em forma de grupos (bandeiras) promovendo uma maior interação escola-professor-aluno; acertadamente e de maneira quase que milagrosa hoje temos uma escola participativa, não vamos dizer que perfeita, mas unida. Várias atividades foram desenvolvidas com os alunos participando e tentando melhorar a nossa grande família chamada “Valério”.

Destas atividades, destacamos as atividades realizadas em uma praça perto da escola; os alunos fizeram uma prova de atletismo, revezamento quatro por quatro e, nestas atividades, todos os professores participaram, ajudando a acompanhar os alunos até a praça e, também, ajudando a demarcar o percurso a ser cumprido. Bem, dentro do projeto “EducaRede” foram feitas todas as tarefas, desde a criação do vídeoclip até a revista on-line; o problema é que a escola nunca teve Internet, aí vem a grande questão: “Por que fazer uma revista para a minoria?” Este é o ponto de vista da periferia.

É, coisas boas para minha periferia é diferente, pois o conto de fadas nem sempre termina na Internet (quer dizer final feliz).

E. E. PROFESSOR VALÉRIO STRANG.
Mogi Mirim – SP
26/10/2006

Quando a escola é produtora de seu conhecimento, tem a posse do processo de educar-se, a escolha de metamorfosear o ser e a chance de mostrar sua obra, ela passa da negação da domesticação para a manifestação da força arrebatadora da criação, do mistério de se tornar si mesmo. “O diálogo problematizador não depende do conteúdo que vai ser problematizado. Tudo pode ser problematizado” – Paulo Freire (apud SOUZA, 2001, p. 301).

A oportunidade de participarmos e a possibilidade de podermos mostrar o trabalho sério e comprometido de toda a equipe escolar já é uma vitória!

E. E. NELSON FERNANDES
Santa Rita do Passa Quatro – SP
10/11/2006

Quando a rotina do dia-a-dia da escola se transmuda em aventura, o processo de ensino/aprendizagem se desenrola por si. A lógica da escola deixa de ser a da falta para ser a do engrandecimento pelo conquistado. E, ainda, como o habitante da escola é um jovem repleto de vontade de vida, de espírito competitivo, uma conquista gerará muitas outras. A função da escola seria simplesmente criar um substrato para a proliferação dos inúmeros talentos que porta.

O planejamento das ações deve estar embasado no sucesso, e não na previsão de possíveis fracassos. O tom escolhido para a execução da sinfonia do conhecimento deverá estar à altura de todos, para que o conjunto esteja de tal maneira harmonioso que inunde o espaço de formas distintas de musicalidade, entendida como o ápice da abstração humana, capaz de elevar o coletivo a flunar.

Um grupo de alunos elaborou uma reportagem que objetivava conscientizar os governantes sobre a realidade que os cercam. A reportagem junto com as fotos tiradas do córrego e das ruas locais foram enviadas para o jornal e no dia 8 de agosto tivemos a surpresa de ver a reportagem elaborada pelos alunos, e inclusive dias depois os alunos receberam o prêmio "Repórter por um Dia"; isto repercutiu em toda a escola, refletindo, assim, em ações positivas.

E. E. PROFESSOR ELISEU JORGE
Poá – SP
26/10/2006

O educador que pretende estar em consonância com o atual modelo social precisará ter por objetivo mergulhar no interior do pensamento e nos sentimentos dos seus educandos, a fim de refazer o percurso vivenciado por eles. O professor sentirá o prazer advindo do prazer de saber do outro, contemplará as aspirações de seus alunos, para que a vida não precise, inutilmente, ser explicada, mas compreendida. "É tarefa essencial do professor despertar a alegria de trabalhar e de conhecer" (EINSTEIN, 1981, p. 31).

É preciso investir em uma escola que se preocupe em realizar os anseios de sua clientela, despertando para a ação. Não se ensina a vida, vive-se a vida.

Uma escola que se pretende de qualidade não focará sua prática na devolutiva da informação repassada, mas na criação, no despertar de talentos adormecidos e na capacidade de fazer o outro pensar, até mesmo criticar e propor mudanças para

a ação da própria escola. “O melhor aluno de filosofia não é o que disserta *ipsis* como na universidade, não é o que mais memorizou as fórmulas, mas sim o que percebeu a razão destas. O melhor aluno é o que pensa criticamente sobre todo o pensar e corre o risco de pensar também” – Paulo Freire (apud SOUZA, 2001, p. 301).

As atividades culturais desenvolvidas em nossa escola, envolvendo alunos, comunidade, professores, coordenação e direção. As atividades desenvolveram várias habilidades, como danças, teatro, coral e a busca de novos conhecimentos, pela arte. As datas comemorativas foram trabalhadas pela iniciativa dos alunos, tornando prazeroso e gratificante vê-los se empenhados no que querem realizar.

E. E. PROFESSOR HIROSHI SHIRASSU-SHIRUCA
Presidente Venceslau – SP
06/11/2006

Quando a escola percebe o desserviço que presta ao oferecer uma educação bancária, sufocando os alunos com uma quantidade injustificável e inútil de informações, estes, por iniciativa própria, auxiliam os professores a se afastar da lógica do simples saber para a lógica do querer saber, transformando a escola em um espaço de liberdade que gesta a vida.

Em uma visão psicanalítica, o saber passa a ser o objeto de desejo. Se a escola não desperta esse desejo, corre o risco de perder o sentido, uma vez que só há sentido no desejo que almeja ser sanado, e sua não concretização impulsiona o ser para uma ação; ou seja, é preciso manter um estado permanente de desejo não saciado. O desejo pelo conhecimento é, de fato, insaciável, uma vez que, quanto mais se sabe, mais se deseja saber e, ainda, quanto mais se conhecem as próprias limitações, isto gera incessantemente mais desejo pelo saber.

Os alunos idealizam um local que os instigue e contemple suas aspirações.



Foi muito gratificante fazer este trabalho, houve grandes mudanças na minha relação com os meus alunos, pois acredito que eles mesmos buscam no professor alternativas para tornar o ambiente escolar cada vez melhor, e, afinal, a escola seria (e é) um segundo lar para todos, tanto professores quanto alunos.

E. E. PROF^o EMÍLIA CREM DOS SANTOS
Mauá – SP
05/10/2006

A escola não pode ser o local de adestramento, em que uma única autoridade inculca saberes e valores com a intenção – que se tornará uma falácia – de formar mestres e doutores, como se o sucesso da escola fosse medido por esses parâmetros. A escola deverá formar personalidades, pessoas capazes de trabalhar no coletivo por vontade própria, e não corpos dóceis e servis.

Entretanto, se a escola, pela sua incompetência em criar situações de aprendizagem diferenciadas, ignorar e permitir que o jovem abandone os bancos escolares sem as competências que lhe permitam ler e compreender as diversas linguagens criadas pelo humano, essa será uma das ações mais intoleráveis, cruéis, dolorosas e injustas que se poderá praticar. A escola, ou melhor, toda a sociedade será corresponsável por toda a gama de atrocidades advindas dessa ineficiência irresponsável de total descomprometimento. Esse jovem passará a ser uma presa muito fácil na arena do mundo.



Poderia ter sido qualquer dia... Para nós foi o dia 25 de agosto, quando decidimos de forma coletiva a fazer um dia de fazer a diferença; tal título foi dado a este relato que é necessário para registrar o momento. Queríamos de uma forma organizada e coletiva desenvolver uma ação de limpeza no espaço escolar. Cada ambiente seria limpo por grupos previamente organizados.

As instruções de como seriam feitas as atividades do dia foram organizadas pelos professores, que contaram com a colaboração dos alunos do ensino fundamental e médio, que contribuiram com produtos e equipamentos de limpeza. Assim, constataram que cada um pode ser sujeito de uma ação coletiva e transformadora.

Mais que um ambiente limpo, desejávamos criar o hábito do trabalho coletivo, do sentimento de cidadãos preocupados com o seu espaço e com as possibilidades de pensar de forma mais ampla e muito além dos muros da escola.

Os alunos vivenciaram um momento rico e único, onde se percebia o sentir-se bem em estar sendo importante e útil. Houve a alegria do jovem presente, houve vida... houve a troca... a conversa informal embalada pela música como trilha sonora do momento.

E. E. PROF. MARIA JOSÉ DE MATTOS GOBBO
Americana – SP
26/10/2006

A educação holística, entendida como globalizadora e integradora do indivíduo, mantém uma relação bivalente entre o ambiente externo e o interno da escola. A problemática sofrida por sua clientela em âmbito social não pode ser ignorada dentro dos muros da escola, uma vez que um projeto de educação deve favorecer a vida “normal”, instrumentalizando o indivíduo para que consiga resolver os “problemas da vida” de forma apropriada. Quando a escola se compromete com esse tipo de

educação, muitas ações podem ser efetuadas em benefício de uma população que se encontra em situação de risco. A inventividade individual se manifesta no coletivo.

Achamos que a escola deve desempenhar um papel de reintegração crítica, proporcionando a recuperação da autoestima e do sentimento de pertencimento comunitário das nossas crianças e dos adolescentes. Buscando afastar nossos educandos muitas vezes já excluídos do tecido familiar da experiência desagregadora da rua, nossas ações aqui buscam uma intervenção criativa no campo da cultura e cidadania.

Tornar a escola um ambiente agradável, possibilitando a troca de questionamentos e indagações para o desenvolvimento crítico, sempre foi um diferencial em nossas ações. Sendo assim começamos a elencar problemas da nossa comunidade; um deles era o alto índice de gravidez na adolescência, e algumas situações de abuso sexual em relação às crianças

Ações:

- 1) Criamos um espaço nas aulas de português de reflexão usando a literatura, a escrita e a dramatização para a contextualização de histórias de vida.*
- 2) Nas aulas de arte abordamos temas para construção de esquetes teatrais e danças. Trabalhamos com grupos, jogos e dinâmicas e abordando os demais tipos de violência física, doméstica, psicológica, sexual e ainda casos de negligência.*
- 3) Foram montados textos poéticos e desenhos para uma panfletagem nas ruas do bairro sobre a importância da comemoração do dia nacional da conscientização contra o abuso e a violência sexual da criança e do adolescente.*
- 4) Fizemos apresentações de números de dança e de teatro criados pelos alunos sobre o tema “violência urbana”.*
- 5) Foi confeccionado um livro pelos alunos nas aulas de português de poemas sobre o assunto “Abuso sexual e violência”.*
- 6) Em parceria com o grupo do Programa Sentinela, as meninas em situação de risco têm reuniões uma vez por semana, com psicólogas e assistentes sociais, onde resgatam valores, a estima muitas vezes perdida e aprendem a conhecer o próprio corpo e a respeitá-lo. Modificamos o espaço da sala de recursos onde as alunas tem as reuniões. Durante a ação de cidadania o grupo também se engajou na educação de trânsito em parceria com o Sest-Senat.*
- 7) Os alunos assistiram a um filme sobre o ciclista e o trânsito, onde a partir de ensinamentos puderam se pronunciar através de poemas e paródias criados nas aulas de português.*
- 8) O grupo de teatro e dança de nossa escola montou um número de dança contemporânea usando as placas de trânsito como referência corporal.*
- 9) Os alunos com habilidades artísticas pintaram também nas paredes temas relacionados à educação de trânsito.*

Nosso objetivo durante as ações foram a valorização do ser, dando ênfase às necessidades emocionais dos alunos através da formação de grupos, dinâmicas, atividades lúdicas e inserções tecnológicas.

Tornamos assim a escola um organismo vivo na sua forma de interagir com a realidade. Aproximamos professores, alunos e comunidade em agentes sociais e culturais, capazes através de suas diferentes formas de expressão de criar, difundir e fruir a cultura e as diferentes linguagens, como elementos de direitos e comportamento, combatendo a exclusão social, cultural e digital.

Com a parceria do Portal EducaRede podemos efetivar o uso da comunicação através da língua, da escrita, do corpo e das tecnologias para integrar pessoas e mundo.

Agradecemos aqui mesmo depois de muitas dificuldades a possibilidade de termos trabalhado juntos, ao Portal EducaRede na comunidade “As coisas boas para minha terra” e todos os professores, alunos e parceiros envolvidos no projeto.

E. E. PROF. JOSÉ ARANTES TERRA
Araçatuba – SP
26/10/2006

Essa riqueza e diversidade de ações só foram possíveis pelo fato de a escola estar solta das amarras de um controle autoritário e centralizador. A escola foi capaz de pensar-se, de refletir sobre sua problemática e, internamente, encontrar soluções para sua especificidade. O espaço escolar é o local no qual novas competências devem ser adquiridas e desenvolvidas, competências para perceber objetos, pessoas, acontecimentos e todas as relações entre eles.

A escola livre para refletir sobre si mesma, para pensar suas ações e tomar decisões será um local de fomento de liberdade, de manifestação do extraordinário.

Hargreaves (2004) chama de “seitas de treinamento” o processo de formação de professores embasado em modelos e materiais pré-concebidos pelos órgãos centrais da administração. Ele denuncia que em países nos quais essa medida foi implantada, como a Coreia do Sul, o Canadá, os Estados Unidos e a Inglaterra, no primeiro momento obteve-se uma melhoria significativa dos índices quantitativos de aproveitamento escolar. Porém, sucedeu-se enorme descompromisso dos professores com a aprendizagem dos alunos, uma vez que já não eram partícipes do processo de elaboração de propostas, de materiais e nem mesmo da avaliação do processo. A avaliação externa foi priorizada sem a participação daquele que deveria avaliar para a tomada de novos rumos, uma avaliação de fato a serviço da

aprendizagem. A avaliação foi mediocrizada, restringindo-se a uma simples medição para gerar dados estatísticos que a justificassem.

Atualmente, a Inglaterra sofre com a falta de professores porque somente alguns, os menos preparados, se submetem à condição de se transformar em meros executores de algo construído por outros, sem o prazer fundamental advindo da reflexão, criação e inovação que permite o despertar do sentimento de responsabilidade e comprometimento com o fazer pedagógico.

No Brasil, a formação inicial e continuada dos professores, que deveria instrumentalizá-los para a elaboração, reflexão, avaliação e participação do coletivo na construção do projeto pedagógico, foi banalizada não somente pelo poder público, mas também pelas universidades, que desvincularam o fazer do professor de sua formação acadêmica.

Na formação de um professor, não lhe é permitido posicionar-se como tal para ser monitorado e criticado, para aprender fazendo; ele permanece sempre na condição de aluno. Analogamente, seria o mesmo contrassenso que formar um médico impedindo-o de examinar um paciente, ou formar um cirurgião impossibilitando-o de operar durante toda a sua formação e, repentinamente, deixá-lo sozinho em um centro cirúrgico com um paciente em estado grave e emergencial. Talvez seja essa sensação de desespero e impotência que um professor experimenta ao entrar pela primeira vez em uma sala de aula, com toda a complexidade inerente a ela.

Uma hipótese bastante aterrorizante é imaginar que o professor nem tenha a percepção da sua condição. Comparativamente, é imaginar que aquele mesmo cirurgião que nunca operou decida abrir sozinho a vítima indefesa, sem pedir ajuda, para não expor sua imensa vulnerabilidade, e sem considerar as consequências desastrosas de sua ação. Para piorar ainda mais o cenário, pode-se aventar que, para não assumir a responsabilidade pelo inevitável fracasso, passe culpabilizar a vítima por estar enferma e necessitar de cirurgia.

A proletarização e a feminilização do magistério contribuem para atrair alguns profissionais que não teriam outras chances no mercado de trabalho, encontrando-se absolutamente despreparados para atuar em sala de aula. O sistema permite “pegar” aulas sem que se comprove nenhuma competência ou experiência, nem se faça qualquer tipo de entrevista para conhecer o perfil do candidato, bastando apenas a apresentação de um certificado de graduação. Há casos, em caráter

excepcional, em que a conclusão do curso não se faz necessária, e nem mesmo a disciplina cursada, ou seja, é possível que um aluno de licenciatura em história esteja ministrando aulas de física no ensino médio da rede pública estadual. É fundamental salientar que um aluno de licenciatura em história poderia ministrar uma excelente aula de física, mas esta situação seria a exceção.

Outro fator a ser considerado encontra-se na forma organizacional da escola. Nesse modelo disciplinar, conteudista, compartimentado e arcaico, é muito difícil encontrar um professor de história capaz de ministrar uma boa aula de física porque o próprio sistema de organização escolar inviabilizaria, a começar pelos cinquenta minutos disponíveis para cada disciplina. Em outro modelo de escola interdisciplinar, contextualizada e que, segundo Zabala (2002), privilegiasse o enfoque globalizador, não causaria tanta estranheza esse mesmo aluno bem preparado comentando a história do pensamento científico, as mudanças das teorias da física e as decorrências para o homem comum desses diferentes pensamentos.

O professor não se reconhece como um agente político social. A rotina estafante da sala de aula, o trabalho solitário, a falta de motivação, a formação inadequada para inovar, a incapacidade de refletir a ação e sobre sua ação, os baixos salários, a falta de prestígio social, o sentimento de impotência pela não aprendizagem dos alunos, os desmandos dos órgãos centrais, entre outros fatores, tornam o professor descomprometido com sua função primeira, que é propiciar a aprendizagem de todos, como uma maneira de ser político e produtor de cultura.

A utilização das tecnologias para o fazer pedagógico, ainda que se venha discutindo este quesito nos últimos dez anos, continua não sendo uma realidade. As prováveis causas desse insucesso são inúmeras, tanto em relação à gestão em todos os níveis como de ordem pedagógica. Focando a discussão na figura do educador, esbarra-se, mais uma vez, na problemática da formação inicial e continuada, de sua cultura, que ainda não despertou para a necessidade do uso da tecnologia, nem mesmo para as tarefas do cotidiano, não havendo, portanto, um motivo, uma razão, um desejo para a utilização em sua prática pedagógica e, ainda, um misoneísmo antiquíssimo definido como o medo do novo e do desconhecido.

Desta forma, uma proposta que procure subverter todas essas considerações, com a inversão no sentido do vetor, na qual a produção da escola, da comunidade escolar seja disponibilizada, valorizada e discutida entre os pares, sem o comando dos órgãos centrais, poderia ser entendida como um começo para a formação

continuada diferenciada a todos os envolvidos e o despertar de um sentimento de pertencimento e comprometimento. Haveria uma “obra” elaborada e assinada pela escola, que desejaria mostrar o melhor de si a fim de poder se orgulhar da sua autoria, como todos os autores em relação às suas obras, nas quais manifestam e transbordam o seu próprio ser. O projeto pertenceria à escola, teria a sua identidade, os seus valores e, conseqüentemente, forçaria um pensar sobre o seu fazer.

A escola deverá ser vista como um organismo vivo, um sistema aberto, exposto às variáveis externas e influenciado por elas, mas que também responde, de forma singular e incerta, a essas ações, pelo nível de complexidade do próprio sistema interno. A escola, como espaço de produção de conhecimento, trabalhará com o conhecimento necessário, aquele que responde a um problema urgente, imediato, e com o conhecimento mais elaborado, capaz de contemplar um problema não premente, de forma a integrar as preocupações de seus alunos, aquele saber que auxiliará na execução dos projetos de vida de cada um, ressignificando a existência.

Há uma grande diferença entre o saber sabido e o saber sabido e vivido. Em várias situações, sabe-se sobre as “coisas” do mundo, sobre as transformações destas coisas que compõem a realidade, e por esse saber consegue-se enxergar um nível de amplitude. Entretanto, esse saber, geralmente de maneira inesperada, passa a ser vivido, experienciado, sentido, e a realidade se expande, ampliando o nível de consciência sobre si e sobre as “coisas” do mundo.

O fosso entre a realidade escolar e a sociedade está a cada momento sendo acirrado pelo descompasso entre a velocidade das mudanças no cotidiano da vida da população e a resistência da escola em mudar na mudança para a mudança (IBERNON, 2000). Talvez exista uma única possibilidade para reverter esse quadro desalentador. Certamente, não será por meio de propostas descontextualizadas da rotina da escola, vindas externamente, e nem mesmo com o envio de recursos materiais para as escolas, que normalmente nem os utilizam. A solução está no professor, nesse mesmo professor que se encontra atualmente em sala de aula.

Sua formação deverá ser, inicialmente, calcada na percepção de si mesmo, algo que favoreça o diálogo consigo, que revigore a vontade interna e inteira de ser professor, que permita rever seu papel e sua importância como educador, que evidencie um motivo que desperte nesse profissional o desejo de que o aluno aprenda, enxergando-se não como um competidor, mas como um cúmplice de jornada.

Uma formação que permita ao professor perceber que ele mesmo e o seu aluno estão “nesta canoa furada, remando contra a maré”, parafraseando Rita Lee. O professor não é vítima do aluno. Todos são vítimas nessa situação. Ele não pode se envolver no mar de lamúrias comum entre a categoria, visto que ser professor deve ser uma escolha, e toda escolha implica uma perda.

Iniciar um processo de formação continuada baseado diretamente em fornecer conteúdos que muitas vezes os professores não dominam, mas que são sem dúvida necessários, está fadado ao insucesso, pelo descrédito em que se encontra a instituição, pela ausência de sentido para alguns professores, sobretudo os efetivos da rede pública estadual paulista, que repetem o mesmo, ano após ano, sem a menor percepção da inutilidade do seu fazer, pela sua tradicional resistência, mas fundamentalmente pelo desconhecimento do que é ser e como ser professor na atualidade.

Enfim, deverá ser oferecida uma formação que otimize ao máximo a vontade de potência por meio de ideias não inadequadas, como diz Spinoza. A inversão do sentido do vetor possibilitará que a escola seja, de fato, um lugar público, um lugar para ser visto e ouvido, um espaço do extraordinário, um lugar de existir.

4.2 A escola como espaço do extraordinário

“O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível.”

Oscar Wilde

As ações mais comuns inseridas no ordinário passam despercebidas e vazias de sentido durante a maior parte do tempo vivido. Entretanto, a vida se manifesta, se faz notar, o inspirar e o expirar tomam novo sentido, transformam-se em um fato extraordinário após o encantamento gerado pela consciência da potencialidade de simplesmente ser e da beleza do vir a ser. O extravasamento da vida inunda a temporalidade, ocasionando um descompasso entre os diferentes tempos que são percebidos mais intensamente, o tempo da espera, o tempo de ser e o tempo do encantamento. No tempo do encantamento, todas as ordens sensoriais são estimuladas sincronamente, desencadeando, de início, uma fratura percebida como a quebra da continuidade do rotineiro e uma mudança na relação espacial e temporal. O tempo passa a ser o tempo sentido, em um espaço etéreo e fluido.

A escola está tão radicalmente imersa em uma rotina alucinante, por meio de cobranças de cunho burocrático desnecessárias e de metas a serem alcançadas estabelecidas externamente, muitas vezes esvaziadas de sentido para sua realidade, que ficou impedida de ver o visível, ou seja, ver os seus alunos, pessoas em formação, alguns totalmente desencantados, que anseiam e imploram silenciosamente serem encantados e tocados pela humanidade latente que brada por emergir.

As mudanças nas variáveis espaço e tempo criam a necessidade de procurar ver o invisível, de ver o que não se vê, de sentir o oculto ao seu lado e que clama por se tornar visível, desnudo. Aquilo que quer se mostrar, mas necessita ser ocultado porque sua revelação exigirá uma nova maneira de ver, de estar e agir no mundo.

Para Bachelard (2002), é preciso manter a vontade de contemplar, sendo que a contemplação determina uma vontade. Essa associação entre a vontade e a contemplação faz com que o homem queira ver, contemplar as coisas distantes, as mais longínquas metáforas, porque a contemplação mostra que a vida se ilustra, floresce, se cobre de imagens que transformam o ser. “Existe, a nosso ver, na raiz

dessa redenção contemplativa, uma força que nos permite aceitar, num único ato, a vida com todas as suas contradições íntimas. Colocando o nada absoluto nas duas margens do instante” (BACHELARD, 2007, p. 97). A escola poderia se propor incitar o jovem a desejar contemplar, a olhar atentamente para si mesmo, ver suas fragilidades, admirar-se de suas potencialidades, entender que no instante encontra-se sua única oportunidade de ser plenamente e, portanto, vivê-lo intensamente, da melhor maneira, ou seja, ser simplesmente feliz e total no agora, fora dos dois nadas que separam o instante presente.

O humano transborda de contradições, mas, ao conseguir reentrar em si mesmo, conseguirá aprender com os próprios erros, uma vez que traz em si os meios para o recomeço. “O coração humano é a maior potência de coerência para idéias contrárias” (BACHELARD, 2007, p. 98). O jovem que se tranca em um mundo próprio, repleto de condutas divergentes, encontrando ameaças, repressões e preconceitos, precisa ser apresentado a si como fonte de potência e sensibilidade, tornando o “eu” um fato inédito, capaz de se transformar em reconciliador das próprias inconsistências, apascentando seus ânimos. Esse estado conciliatório será atingido somente pela redenção contemplativa.

Essas variações de espaço e tempo exigem diferenciadas posturas, podendo assustar e potencializar o conflito entre o estético e o ético, criando o desejo pela volta ao cotidiano, à mesmice, ao programado, à rotina que em nada assusta, que nada pede, mas que também nada oferece além do já existente.

A continuidade segue o programado, o previsto, o provável, o ordinário, o ponderável e, portanto, a ausência do deslumbramento, do encantamento. O mundo visto como um incesto de matéria, no qual tudo é puramente feito, sem um acontecimento. É preciso que o ser que é deseje a vida que pulsa dentro dele.

O professor necessita ser auxiliado a desejar a vida, a ser o que é, a gostar de ser o que é, a viver intensamente com o outro que precisa dele para ser apresentado ao mundo, para que a escola deixe de ser um local do ordinário e da continuidade. Essa ajuda poderia ser uma primeira proposta de formação continuada para os educadores, começar pelo começo, ou seja, pela apresentação do “eu” a fim de ampliar e compreender o que se é, seguida da apresentação do outro, do mundo e da maneira como tudo está interligado.

A vida, que se alimenta da vida que se encontra externamente, é incorporada e modificada. É preciso ter a certeza absoluta de si para si mesmo para ser capaz de

ver as fraturas como rupturas do cotidiano que levam o ser ao deslumbramento. Os acontecimentos precisam ser a causa, o desencadear do encantamento e da capacidade de fruir.

A realidade vista como uma ilusão, como uma série de acontecimentos que estimulam as ordens sensoriais de formas diferentes, pode ser modificada pela presença do outro em um regime de contaminação. O contágio exige uma relação bivalente entre o poder de contaminar de um e a vulnerabilidade do outro em se deixar contaminar. Assim fala Eric Landowski (2005) em seu livro *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*: “Tudo acontece então como se houvesse uma eficácia performativa da copresença, como se nossa percepção das manifestações somáticas dos estados vividos pelo outro tivesse o efeito de fazer-nos contrair os mesmos estados”.

A escola como um local de contaminação de felicidade, de bondade, de desejo pelo saber, capaz de afetar o outro para ansiar e viver nesses estados. Os integrantes dessa escola contaminadora transbordam sua presença significativa nos espaços de forma a preenchê-los somente com bons sentimentos que se alastram, reproduzem e contaminam tudo e todos, com uma eficácia performativa desejada e desenvolvida de forma voluntária e consciente. A escola pode escolher ser um agente de contágio de vida plena.

A visão, o mais intelectual dos sentidos, é também o sentido que mais nos engana, uma vez que é por meio dela que percebemos alguns pareceres que dificultam a construção do ser: “todo parecer é imperfeito: oculta o ser” (GREIMAS, 2002, p. 19). A visão é cultural, visto que o olhar tem um sujeito, com uma historicidade e temporalidade. Ninguém vê o mesmo pela segunda vez. A visão é tendenciosa, ela nos remete facilmente a campos ilusórios, o que pode justificar a posição do cego de Diderot, que pronunciou sua preferência em continuar cego porque tinha a capacidade de enxergar melhor, ou seja, via o essencial, o que não parece; talvez visse o que é, o ser.

A escola necessita aprender a educar seu olhar para não se permitir ver somente o que parece ser, impossibilitando o surgimento do que é. Sua visão precisa estar descontaminada dos preconceitos oriundos da sociedade em que está inserida, porque, caso contrário, reforçará as injustiças cometidas pelo olhar contaminado pela virulência da intolerância e pelo desrespeito à diversidade.

O homem só se torna homem pela sua capacidade de aprender. Assim, o local de construção de conhecimento deveria ser o local de deslumbramento, de fraturas constantes do ordinário para o alcance do extraordinário, do encantamento. São os pequenos acontecimentos do cotidiano que contaminam todo o espaço, permitindo a fruição pelas novas descobertas. Não é somente o que se vê, mas o que é percebido que faz e refaz o sentido da ação.

A escola atual esqueceu sua origem fundada no prazer gerado pelo ócio, o tempo para pensar, criar e imaginar. Essa escola rodeada de uma violência incomensurável e centrada somente no dever ser se esqueceu de enxergar o belo, que insiste em se manifestar a todo o instante, e o querer ser das pessoas. Não se trata, de forma alguma, de externalizar a intenção de culpar a escola, visto que um dos grandes avanços da cultura ocidental seria banir o sentimento de culpa que insiste em acompanhar todas as esferas. Trata-se de sinalizar novas possibilidades.

Urge que essa escola se veja como se fosse a primeira vez, com um olhar absolutamente descontaminado de todas as mazelas que emanam do ranço da mesmidade do mesmo, que enxergue as crianças e os jovens em todo o seu potencial, em sua condição humana, como seres à espera do acolhimento que será o alento para continuar a viver, muitas vezes em situações adversas.

Para Bachelard (1993), o homem possui uma imagem de ninho como o lugar do aconchego, da proteção e do refúgio, como um sentimento atávico do animal que ainda habita o humano; fala-se que os apaixonados irão construir o seu ninho de amor. O ninho remete à primitividade da segurança, livre dos perigos iminentes do externo. Apesar de fazer parte do imaginário, de remeter a uma infância perdida e ser com frequência utilizado metaforicamente como a casa, até porque somos mamíferos, ele deveria preencher as necessidades de proteção. Entretanto, sabe-se que, para parte significativa dos jovens, a casa não representa um espaço de aconchego e acolhimento, e sim uma arena em que todas as hostilidades são depositadas.

Nesse sentido, não resta opção aos jovens, que se sentem privados de “recolher-se em seus cantos”, de repousar em um ninho vivo. A questão que se impõe é: por que a escola não pode se permitir cumprir o papel do ninho para as suas crianças? A escola como um ambiente aconchegante, não somente pela sua estrutura física, mas por ser local de encontro de pessoas abertas a esperar e

receber ternamente aqueles que querem e precisam sentir-se protegidos e repousados das adversidades do ambiente.

Morin (2000) acredita que o papel da escola é acabar com o erro, a ilusão e a cegueira. Talvez uma ilusão criada no coletivo passe a ser uma realidade, desde que vivida por todos. A escola poderia ser um oásis para aqueles que têm sede durante a jornada, ou até uma miragem, se permitisse o caminhar, se favorecesse a completude dos sonhos daqueles que acreditam e se abrigam nela.

Pela força arrebatadora oriunda do cansaço da rotina transformada em ações sem crítica ou reflexão, torna-se impossível olhar o sempre olhado e não visto como se fosse a primeira vez, possuir um olhar descontaminado dos pensamentos cristalizados pelos preconceitos, pelos julgamentos precipitados, pela desmotivação e pela descrença no outro, É fundamental colocar entre parênteses tudo o que já se sabe sobre esse outro, derrubar os pressupostos que legitimam erros, encantar-se com o inesperado, perceber que aquilo considerado previamente como um desafio pode ser simples, desde que imbuído de um novo espírito. Platão diz: “é verdadeiramente próprio do filósofo este phatos, estar cheio de admiração”, e Aristóteles afirma: “Os homens foram levados a filosofar, então agora, pela admiração, permanecendo primeiramente atônitos diante dos problemas mais óbvios, e depois foram progredindo pouco a pouco até proporem-se questões muito superiores, por exemplo, sobre as condições da lua e do sol, sobre os astros e sobre a origem de tudo” (MONDIN, 1980, p. 21).



Nasceu a ideia da implementação de um grupo de teatro, composto por alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, o grupo faria apresentações, não apenas no ambiente escolar, como também para toda a comunidade do bairro Parque do Café.

Era a oportunidade perfeita para inculcar nos alunos valores culturais, há muito perdidos, e ainda torná-los multiplicadores de tais valores.

Acreditávamos que despertar o interesse dos alunos seria nosso maior desafio, porém isso mostrou-se muito mais simples do que imaginávamos.

E mais, é certo que tal projeto terá continuidade dentro do ambiente escolar e, com o passar do tempo, os alunos envolvidos serão capazes de “andar com suas próprias pernas”, mantendo a união e a plena atuação do grupo tanto na escola como na comunidade.

E. E. CÔNEGO CYRÍACO SCARANELLO PIRES
Monte Mor – SP
05/11/2006

Para ver a escola pela primeira vez, após anos de vivência dentro dela, terá que ser formulada a pergunta: o que se quer olhar? O objeto não existe em si, ele é construído dependendo do desejo, do contexto e do foco da visão. A visão humana é limitada, deixa oculta a cor da obscuridade, e seria preciso um esforço para imaginar o que já está à mostra em outros espectros de luz.

O sujeito só pode ver do seu lugar e mostrar ao outro o que não vê quando faz ser. O olho que não vê o oculto é o olho da objetividade, do racional, mas o olho que desliza e flutua pelo ambiente é o sensorial, é o olho que vai perceber as novas formas e cores. Este olhar apreciará o inusitado quadro formado, romperá com a continuidade do ordinário e transformará o ser para que perceba a necessidade de trocar de lugar no mesmo lugar.

Para ampliar e modificar o olhar sobre o cotidiano, ver novos caminhos e aventar novas formas de agir, a mudança de espaço é primordial: visitar locais especiais, conversar com pessoas diferentes, apreciar obras de arte, usufruir da beleza da natureza. Esta prática de sair do ambiente escolar enriquece o fazer pedagógico, oferece novo fôlego para confrontar a mesmice e estratégias para combatê-la. É extremamente simplório imaginar que sair do espaço escolar é perder oportunidades de aprendizagem.



Para a realização do nosso projeto, contamos com a participação dos funcionários e alunos da escola, que se empenharam para realizar ações que com certeza fizeram diferença no processo ensino-aprendizagem tanto dos alunos como dos professores da “casa”.

Uma das propostas do nosso projeto foi inserir passeios e visitas a locais estratégicos, diversificando o nosso cotidiano escolar.

E. E. NILCE MAIA SOUTO MELO

Araçatuba – SP

26/10/2006

O exercício de olhar ao redor, as coisas que se veem todos os dias e não são mais perceptíveis, possibilita ver o antes não visto e, assim, transformar o ordinário em extraordinário, em uma manifestação do belo e da vida. “Merece ser um professor o homem que descobre o novo ao refrescar na sua mente aquilo que ele já conhece” (CONFÚCIO, 2007, p. 70).



O nosso projeto iniciou-se com a ideia de modificar um local da escola, escolhemos a jardinagem em uma parte morta da escola, ou seja, um local sem vida. Pretendemos estender o projeto para outros locais da escola. Com previsão para continuar nos próximos anos.

E. E. MARIA DO CARMO ARRUDA DA SILVA
Ourinhos – SP
06/11/2006

A mesma história pode ser narrada de forma diversa ao ser contada pela multiplicidade de olhares. “Como cada um de nós era vários, já era muita gente” (DELEUZE, 1995, p. 11). Aprender a ver o mesmo de forma diferenciada é educar-se para ter uma inteligência sensível, é desenvolver e libertar o sentir latente que ainda não se manifestou, mas que sempre se encontra presente no humano. Não é mais possível procurar refúgio para permanecer na continuidade e na unicidade no álibi estrutural, esperando mudanças que poderão nunca vir, e adiar o enfrentamento mais humano que propicia o frescor conquistado por meio do exercício das diversas potencialidades. Uma alma sensível é como uma terra arada, pronta para o plantio, para o recebimento, onde tudo é passível de deixar marcas perenes.

O objetivo deste era melhorar o espaço verde da escola, tendo como ideia principal a conscientização sobre as áreas verdes onde vivemos; resolveram aproveitar melhor o espaço reservado ao Meio Ambiente. Segundo a professora Kátia, os alunos passaram a prestar mais atenção nos locais onde vivem.

E. E. PROF. PAULA SANTOS
Salto – SP
06/11/2006

É função da escola mostrar e apresentar o mundo aos estudantes, mundo que não se resume, felizmente, ao prédio escolar, o qual, muitas vezes, não explicita a vida que abriga, pela própria rigidez da arquitetura, pela cor cinza, pela depredação ou, pior, pelas grades nas portas e janelas. Muitas vezes, são pequenos nada que fazem florescer o que há de melhor no outro, que passa a se sentir acolhido e receptivo para novas ações. O jovem necessita sentir que é valorizado por alguém,

para justificar sua existência, que não se configura necessariamente como um problema metafísico a ser respondido por ele. A questão está em algo mais simples, mas difícil de encontrar, alguém que se predisponha a se tornar presença significativa na vida do outro. Talvez o papel do educador seja tornar-se presença para seus alunos.

O projeto “As coisas boas para a minha terra” veio, mais uma vez, alimentar a sementinha que havia plantado em nós ano passado, com o projeto “As coisas boas de nossa terra”. Naquele ano, percebemos quantas pessoas e coisas interessantes rondavam nossa escola sem que déssemos conta. Este ano, o projeto nos mostrou o quão importante é fazermos parte da história de nossa escola e o quanto aprendemos com isso.

E. E. ANTÔNIO CARLOS DA TRINDADE
Osasco – SP
14/10/2006

Um evento pode se transformar em uma manifestação da presença estética, uma ruptura na continuidade da rotina de um coletivo, passando a ser um evento extraordinário, que realiza um projeto existencial, algo vivido, compartilhado e experienciado por todos. Um fato que atribui sentido à existência de um grupo de pessoas que partilham o sentimento de pertencimento, de forma a encontrar uma maneira de provar o mundo que as cerca, por meio de ações do cotidiano, desvela sucessos inesperados. É a competência de perceber o inédito nos eventos rotineiros que ressignificam o sentido da vida, pois viver é estar junto.



Visitamos a cachoeirinha, lugar que muitos deles e até a comunidade do bairro desconheciam. Um lugar muito agradável (lindo mesmo), porém um pouco afetado pela poluição de lixo, e outros. Trabalhamos a conscientização para que o lugar não fosse mais poluído, e que esses lugares tão bonitos estavam mais próximos de nós do que imaginávamos. A participação e a integração de alunos e professores foi gratificante. Tenho a certeza de que a participação no projeto só veio a somar conhecimentos e experiências a todos nós.

E.E.JARDIM SÔNIA MARIA
Itapecerica da Serra – SP

A constatação da presença do outro permite o construir e o reconstruir do ser, pois só quem está construindo a si próprio pode falar para e com o outro. Essa identificação aumenta a potência do humano por meio das relações sociais, propicia mudanças e induz mutações que podem ser o desencadear de eventos extraordinários, em um processo de retroalimentação contínuo entre os diferentes fazeres, um processo de aprendizagem solidária que desperta o desejo de continuidade, de um fazer, desfazer e refazer, em uma tentativa de encontrar ou reconhecer os encantamentos oriundos de pequenos fatos que nos surpreendem e nos fazem sentir o sentido, nos elevam à condição de flunar sobre nossa própria existência, como se passássemos de autores a observadores da nossa ação, um distanciamento que nos permite ver e perceber o belo de estar simplesmente vivo.

Aprendemos também com a generosidade do Sr. Sergio, que é voluntário da nossa escola, ele cuida dos nossos jardins, dedicando algumas horas do seu dia dando água e muito carinho para as plantas; faz a nossa escola mais colorida e cheia de vida; cultiva a terra e nossos corações com a semente da esperança de brotar mais cooperação entre as pessoas, pois todos nós podemos fazer um pouquinho para ter uma escola melhor, um bairro melhor, uma cidade melhor e no final um mundo melhor com pessoas mais felizes. Doar um pouquinho do seu tempo e receber em troca muita satisfação de ver o sorriso que provocamos no rosto de uma outra pessoa.

E. E. PROF. LUIZA MENDES CORREA DE SOUZA
São Paulo – SP
25/10/2006

A escola como espaço do extraordinário deverá ser um sistema aberto sobre si mesmo e para o mundo. Para se abrir, é preciso abrir para a relação de interdependência entre aqueles que a compõem. Desta forma, a escola não se verá se não der visibilidade. É preciso dar voz e visibilidade ao jovem mutante que habita esse espaço.

4.3 Protagonismo

“Sem porto de partida ou de chegada, os jovens singram seu itinerário lançando a âncora ao vento. Intermináveis, clandestinos, passageiros.”

Massimo Cevacci

Na década de 60, nasce um movimento chamado de contracultura. O prefixo “contra” remetia à oposição à cultura dominante ou hegemônica. Nesse período, houve uma conexão entre a política, o cinema e a música, que foram as formas de expressão do anseio de uma geração que sonhava com um mundo diferente e cujo slogan, “paz e amor”, era dirigido a todas as maneiras de dominação, violência e coerção. Contudo, na década de 80 inicia-se o fim da política, como era conhecida, surgindo um novo perfil de juventude, contida em culturas fragmentadas, híbridas, transculturais e imersa nos recursos comunicacionais midiáticos.

Esse jovem se tornou um mutante, não no sentido pejorativo e comum em que o termo é usado, mas algo estritamente pertinente à biologia. Mutações ocorrem a todos os momentos, mas as modificações que representam um sucesso adaptativo às novas condições ambientais tendem a permanecer para garantir a sobrevivência da espécie. Entender e, mais, conviver com esse novo perfil de jovem, que não mais corresponde à classificação etária, já que a juventude foi ampliada, tornou-se indeterminada e inexplicável para os critérios que a categorizavam, passou a ser um grande desafio para os adultos de hoje que viveram a contracultura.

Esse jovem não apresenta o fascínio pela luta por um futuro melhor. Seu desejo é fruir somente no presente. “A filosofia adulta do domínio explodiu” (CANEVACCI, 2005, p. 29). O discurso convencional dos adultos não encontra eco na psique desse jovem, considerado, por essa razão, alienado ou desmotivado.

A fragmentação social e a destruição de todas as instituições, principalmente da família nuclear, é o cenário da atualidade, o que confere ao processo de socialização desse jovem mutante uma importância ímpar. Hanna Arendt (2008) afirmava que o papel da educação é humanizar os homens. Não se nasce humano, mas, à medida que se mergulha na aventura humana, transmitida pela linguagem, dança, música, pintura, teatro, literatura, há a identificação e a partilha da humanidade.

Dessa maneira, o novo modelo de escola, como espaço de acolhimento, que urge nascer e se encontra em processo de gestação tardia, deverá estar atento aos

interesses das culturas específicas de comunidades sociais e culturais, com suas subjetividades, para cumprir sua função primeira de educar, de apresentar o mundo ao jovem, de criar homens, de humanizar e hominizar.

É extremamente comum a queixa, entre os educadores, contra a falta de motivação e participação de seus alunos nas atividades propostas e que esta geração que frequenta a escola, conhecida pejorativamente como a geração “coca-cola”, distinguida pela alienação em todos os aspectos, pelo desejo insaciável de consumo, violenta, sem projetos de vida, desrespeitadora de toda ordem e instituição estabelecida, não será capaz de uma ação por si mesma.

O prognóstico assim estabelecido por educadores que deveriam ser os portadores do anúncio de uma nova possibilidade, de uma alternativa, de uma solução, de uma esperança é aterrador. Esperança aqui entendida não como um sentimento gerador da imobilidade pela espera, mas como alavancadora efetiva de ações, pela crença de que, por menor que seja o resultado, sempre há algo a fazer, existe ainda como e por que acreditar no humano. Pode até ser uma ilusão, mas ilusões partilhadas podem ser realizadas e vividas, sem prejuízos para aqueles que se encontram imersos nela, até que se transforme em uma desilusão.

Esta falta de consciência da população está comprometendo a qualidade de vida de nossa cidade, como disse Rodolpho Telarolli – grande historiador da cidade. “Entfim, a memória da cidade aos poucos vai ficando apenas um bicho exótico, preservada somente em palavras de relatórios frios e em fotos esmaecidas” (Para uma história de Araraquara, p. 109).

Preocupados com esta triste constatação, agendamos uma entrevista com o prefeito municipal Edinho Silva, que gentilmente respondeu todas as questões levantadas e nos cedeu material impresso pela Prefeitura sobre a importância da arborização e de sua manutenção, que foi distribuído na rede municipal de ensino e na nossa escola juntamente com uma palestra de conscientização.

E. E. PEDRO JOSÉ NETO
Araraquara – SP
06/11/2006

O projeto “As coisas boas da/para a minha terra” acreditou piamente na capacidade do jovem de despertar para uma ação, desde que fosse contemplada a sua pré-ocupação, algo que o tirasse da inércia, que o colocasse em movimento e

contaminasse o grupo, semelhante aos homens da tribo Guayaki ao prepararem o canto para a meditação. Inicialmente, somente uma voz, quase imperceptível, mas a segurança chega e o canto jorra esplendoroso, o que faz uma segunda voz aparecer, seguida pelo canto de todos, seguros pela coragem daquele que entoou o primeiro som.

“No que se relaciona aos seres humanos, somos, talvez, realmente responsáveis por lidar com eles de uma forma que não os diminua como pessoas” (COULSON, 1973, p. 177).

Com essa didática, foi possível perceber que o aluno desenvolve seu espírito crítico vivenciando alternativas e realidades, percebendo, in loco, problemas ambientais que se sucedem em uma velocidade acelerada, possibilitando ao aluno se posicionar diante deles, tornando-se membro atuante na sociedade local.

Trabalhar desta forma foi muito gratificante, possibilitando, acima de tudo, novas relações interpessoais de amizade e respeito mútuo entre aluno/aluno e professor/aluno e de todos com a natureza.

E. E. ABÍLIO ALVES MARQUES
Bebedouro – SP
19/10/2006

É importante ressaltar que um dos primeiros estranhamentos que o projeto causou foi a proposta elaborada e incisivamente defendida pela equipe idealizadora de que uma das pessoas responsáveis por todas as ações do “*As coisas boas da/para a minha terra*” deveria ser o aluno monitor. Não era uma proposta para minimizar a importância da figura do professor, mas acreditava-se que, pela relação horizontal, o diálogo entre os alunos, o aluno monitor e a comunidade escolar seria mais facilmente desencadeado, por se retirar qualquer resquício de hierarquia. A sugestão da equipe continuava no sentido de que, se a escola optasse por indicar um professor responsável pelo projeto na escola, deveria ser o mesmo já nomeado responsável pelo programa aluno monitor para, mais uma vez, favorecer a interação e pelo perfil do educador que escolhe e aceita a função de ser parceiro de um aluno no trabalho pedagógico com o uso da tecnologia.

*Neste ano de 2006, nós da Equipe Casemiro e todos os participantes diretos do EducaRede tínhamos um importante e grandioso tema para o projeto: “As coisas boas **para** minha terra”.*

Seguimos o projeto a partir de uma importantíssima pergunta: “Como eu, aluno, junto com meus colegas, professores e comunidade escolar, posso aplicar meus conhecimentos a realidade local e assim, exercitar à participação social?”

A partir desta pergunta, envolvemos a comunidade escolar para que nos ajudasse na escolha do sub-tema que desenvolveríamos nossas ações. Fizemos um questionário perguntando qual sub-tema deveria ser escolhido e como ele poderia ser desenvolvido, para que dessem sugestões de atividades.

A participação foi total de todos os períodos, com sugestões muito interessantes.

Lógico que problema tivemos, como na realização de nosso vídeoclipe, a obra na nossa escola – que limitou muito não só o uso da SAI mas de outros espaços –, mas isso não nos fez desistir, e ao contrário do que poderia ser, continuamos o projeto, com o objetivo principal de transformar nossa escola em um posto de coleta seletiva.

Apesar de não concretizarmos por completo nossas intenções, acreditamos que o pouco que foi plantado é o suficiente, basta agora cultivar e com certeza no futuro poderemos colher bons frutos!

E. E. SENADOR CASEMIRO DA ROCHA
Ribeirão Pires – SP
19/10/2006

O papel desempenhado pelo aluno monitor foi imprescindível para o sucesso do programa. Não havia mais a justificativa emitida pelo professor tradicional de não desenvolver uma atividade diferente pela sua inabilidade com a tecnologia; para isto, contava com as habilidades do aluno monitor. Este, como previsto, inundou a escola com o seu fazer em benefício do “*As coisas boas da/para a minha terra*” e, posteriormente, nas ações desencadeadas pela comunidade escolar para melhorar o seu local de viver. Os alunos monitores se responsabilizaram, espontaneamente, por convidar a comunidade escolar a participar das videoconferências aos sábados, ficaram à disposição, em vários horários, de professores e alunos, participaram efetivamente de todas as ações pensadas e sugeridas pelo grupo e, finalmente, tiveram participação efetiva nos programas de televisão do Canal do Saber.



Pensando que o protagonismo juvenil é uma ação onde o personagem principal é o jovem e que o protagonismo não é um discurso de palavras e sim um curso de acontecimentos, diremos que em todas as escolas, inclusive a nossa, o protagonismo juvenil ocorre o tempo todo diante dos projetos desenvolvidos. Tecnicamente, o jovem participa como ator principal com problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade; ele é a fonte da iniciativa, que é ação, como fonte de liberdade, que é opção, e como fonte de compromisso, que é responsabilidade.

Em nossa escola, os alunos participam das atividades do dia-a-dia, criam trabalhos na área de informática, pesquisam temas a serem desenvolvidos durante o ano e através dessas informações montam desde cartazes a trabalhos com exposições.

Um dos projetos que marcou foi o de Show de Talentos, onde os alunos criaram o projeto, trabalharam na organização do evento, selecionaram o jurado, foram em busca de parcerias, pesquisaram na internet como organizar um evento e nós professores, coordenadores fomos participantes convidados

Tudo transcorreu na maior ordem, cada detalhe foi trabalhado com carinho e nós do Miss Browne temos a certeza de que os jovens de hoje precisam de espaço, de credibilidade, pois competência e criatividade eles têm.

E. E. MISS BROWN
São Paulo – SP
23/10/2006

O jovem precisa descobrir a verdade sobre si mesmo, que somente ele poderá desvelar, e libertar-se de tudo que lhe seja estranho, para poder desabrochar em sua plenitude. Apesar de ser um processo individual, interno, que requer uma grande vontade e incomensurável esforço, é papel da educação auxiliá-lo na conquista desse pretensioso objetivo. Um dos fatores facilitadores dessa busca é o

sentimento de pertencimento, de partilhar uma identidade, mesmo que seja provisória, com o grupo com o qual convive. Desta maneira, a escola poderá fornecer um substrato favorável para essa descoberta e fomentar a criatividade, que se apresenta como outro quesito favorável na procura da multiplicidade do uno.

Além disso, a escola, através de uma feira cultural, fez com que a comunidade local (pais e familiares dos alunos) conhecesse melhor o projeto. E o grande lance do projeto foi aumentar mais ainda a fama da escola em ser mesmo uma escola-família, ou seja, um lugar de todos e para todos. Ressaltamos também que avançamos muito na questão da conscientização da preservação da imagem de nossa cidade, a fim de promover uma campanha para a preservação de sua imagem (ruas e praças limpas) e despoluição visual (o fim das pichações de cada patrimônio público, a começar de nossa própria escola).

E, finalmente, o projeto nos proporcionou descobertas interessantes, como o alto nível de criatividade de nossos alunos.

E. E. PROF. CARLOS FRANCISCO DE PAULA
Campinas – SP
25/10/2006

Pretender imobilizar o jovem é tarefa fadada ao insucesso, visto que ser jovem é ser um caleidoscópio, uma infinidade de formas, cores, possibilidades, movimentos e instabilidades. Permitir o desabrochar de todas essas categorias na forma de criação é a função da educação, com a libertação do estreitamento exigido, até um passado recente, para educar o jovem. O mundo está saturado de um cientificismo exacerbado, no qual tudo precisa ser explicado pela razão, que não dá conta da essência das coisas; tudo precisa ter um causa, uma lógica, uma ordem. A insistência na permanência desse modelo é a causa de muitas frustrações e insucessos no processo educacional na atualidade.

Kant (s/d) procurava uma universalização verdadeira e rigorosa, que não admitia exceção alguma, que não deriva da experiência empírica e sem valor absoluto *a priori*. Contudo, essa busca se revelou muito frágil e, ainda, foi o substrato para o positivismo, para o qual a ciência, o racional, a objetividade seriam suficientes para explicar o mundo, o que ocasionou uma das maiores atrocidades da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial. “Só a caridade ou a piedade (sem a significação pessimista que lhe confere Schopenhauer) é uma ideia verdadeiramente

universal, que nada pode limitar e que apresenta ao nosso espírito, com ou sem razão, um caráter absoluto” (GUYAU, 2007, p. 27).

O conceito de como fazer ciência mudou. Não há mais uma busca pela única verdade universal, mesmo porque ela é inexistente. “Postulamos princípios concretos e aderimos a eles enquanto o material se justifica. Se a matéria demanda o aperfeiçoamento ou a mudança dos princípios, nós o fazemos. Neste sentido, sentimo-nos bastante livres em relação às nossas próprias teorias – tal como a ciência o deve ser, na medida em que teoria e convicção são coisas diferentes. Não existe ciência já pronta; a ciência vive não pela postulação de verdades, mas pela superação do erro” (BENSE, 1975, p. 14). Esse pensamento inundou o mundo, e a escola precisará absorver a ideia de que não há mais uma única maneira do fazer pedagógico, existem possibilidades a serem experimentadas e testadas em um movimento contínuo em diversas direções, mas sempre reflexivo e aprendente.

O mundo precisa reaprender a se debruçar no Dionísico, na flexibilidade, no exuberante, para ser melhor compreendido e, portanto, vivido.

Dentro do nosso projeto Cidadania, estaremos destacando a Rádio Thienne, pelo papel dinâmico, educativo, informativo e interativo.

A função da nossa rádio é proporcionar intervalos de forma recreativa. Os alunos oferecem músicas, recadinhos aos colegas e professores, solicitam músicas, respeitando os gêneros musicais, criam eventos como shows de calouros, danças, promovem sorteios de brindes, e ainda informam todos os eventos que estão ocorrendo na escola, como atividades da Escola da Família, Reunião de Pais, Peças de fantoches, dentre outros.

E. E. DR. JOÃO THIENNE
Nova Odessa – SP
23/10/2006



É o homem que cria seus próprios valores, que não são externos a ele, estão contidos no ser. Não somente as coisas úteis proclamadas pela razão, mas também as agradáveis podem ser valorizadas, a despeito de permanecerem distantes da procura da verdade única. O prazer suscitado pela vida em si estimula o pensamento, a criação, a formação do ser pensante, que não mais julga que mede a vida, mas simplesmente a interpreta e cria novos valores para atender a multiplicidade do humano.

O mundo ideal não está mais distante, longe dos sentidos. Pode ser aquele mundo percebido pelos sentidos que, apesar de falhos, tornando a percepção imperfeita, limitada, permitem o vislumbre da imanência do mundo. O humano transpondo os limites humanos.

E a professora Neusa disse:

"Acredito muito na capacidade dos alunos, eles só precisam ter um objetivo para serem alcançados; e devem tornar-se cidadãos atuantes em sua comunidade."

Desde então, não tivemos mais tempo vago, sempre estamos fazendo alguma coisa e envolvidos com algo, exigindo de todos nós disciplina, companheirismo, dedicação, criatividade, civismo, respeito, capacidade de interpretação, e principalmente domínio sobre a língua materna.

Todas as atividades foram merecedoras de aplausos, não há um só aluno que não queira rever o que foi feito, todos adoraram. O que foi bom também é que trabalhamos com materiais antes pouco utilizados em sala de aula, como computadores, retroprojeter, slides, músicas, passeios, aulas fora da sala de aula.

Exigiu tanto dos professores quanto dos alunos, foi um esforço em conjunto, que valeu tudo, a contribuição para a construção da nossa cidadania foi válida, de agora em diante sabemos os caminhos que devemos trilhar.

E. E. "ANTONIO MARINHO DE CARVALHO FILHO"
Presidente Venceslau – SP
23/10/2006

Sempre haverá algo por vir que ainda não está pensado no rol das possibilidades imaginadas pelo humano. Tudo deve estar receptível, até para o indomável que compõe o impensado do pensamento já pensado.

Inegavelmente, há um saber que necessita continuar a ser valorizado e desenvolvido, o conhecimento adquirido pela leitura, pelo pensamento, reflexão, lógica e raciocínio. Outrossim, há um conhecimento oriundo da experiência, do sentir, da emoção e da dor que foi relegado pela cultura ocidental moderna e que tende a ser redescoberto. A junção entre esses dois saberes atua como uma forja a modular e ampliar o ser.



Realizamos um desfile de modas usando materiais recicláveis, envolvendo toda a comunidade escolar. Outra atividade realizada foi a apresentação de um documentário sobre os problemas do lixo e as soluções trazidas pela reciclagem. Dentro dessa ação aconteceram dinâmicas que proporcionaram reflexões e debates com alunos e professores, concluindo que esses problemas são de caráter político e social.

E. E. JOSÉ MARCELINO DE ALMEIDA
Severinia – SP
20/10/2006

Não é mais possível deixar de interpretar como os alunos aprendem e o foco de seus interesses, visto que a persistência em modelos que ignoram seus anseios está destinada ao total fracasso. Os conteúdos precisam ser negociados a partir das realidades socialmente construídas, que criam hibridação de culturas e biografias, presentes no âmbito escolar. O aluno não permanece na escola somente para esperar chegar à fase adulta, na qual terá que desempenhar atividades sérias, como exigido socialmente, para a garantia da circulação e manutenção do capital. O aluno está na escola para viver, a escola como uma fazedora de paz e fomentadora da generosidade. Uma tarefa árdua é pretender definir os conceitos de maldade e bondade, porque talvez não exista um estado perene de nenhum deles, havendo flutuações constantes de um para o outro. Entretanto, a escola pode ser um local privilegiado de desenvolvimento da bondade, mesmo que este sentimento externalizado atue como forma de egoísmo, ou seja, pelo anseio em satisfazer o próprio bem-estar, o indivíduo pratica ações de bondade. Mesmo que seja nesse enfoque, a bondade de alguma maneira afetará o outro, sendo assim plenamente legitimada.

Depois de algumas discussões entre alunos e professores, foi escolhido para representar a escola no As coisas boas para a minha terra o projeto de formação de um grêmio estudantil; entretanto, a adesão por parte dos alunos foi muito abaixo do esperado e o projeto acabou engavetado. Felizmente, nesse ínterim, havia surgido uma outra ideia que se mostrava muito promissora: a criação de um jornal estudantil.

Fora das reuniões, os alunos, que agora tratávamos pelos títulos de repórteres, fotógrafos, contatos comerciais, ilustradores e redatores, esforçavam-se para cumprir seus papéis.

Obviamente cometemos vários erros durante as atividades, mas o jornal foi muito bem aceito pela comunidade, que respondeu com críticas e sugestões.

Agora estamos preparando a segunda edição, temos uma equipe competente, motivada e com potencial para seguir muito além.

E. E. PEREIRA BARRETO
São Paulo – SP
08/10/2006



Dia em que o grupo foi convidado para participar de um programa na TV Cultura,

Valorizar o protagonismo juvenil nas escolas públicas surge como uma via promissora para superar as angústias dos adolescentes à frente de um futuro repleto de incertezas, aliado à certeza de estarem desprovidos de competências básicas para a inserção no mercado de trabalho. Alguns autores associam o termo protagonismo à formação para a cidadania, outros, à participação ou intervenção ou ação social. Há ainda o foco no método de trabalho cooperativo, fundamentado na pedagogia ativa, que propicia ao jovem empreender ele mesmo a construção de seu ser em termos pessoais e sociais, ou seja, ele como o novo ator social e político.

Cabe àqueles que pretendem trabalhar com a educação conhecer seu novo público e reconhecer que seu discurso e seus valores não correspondem mais à realidade vivida pelo jovem, que pode construir inúmeras identidades, *multiple self*, e viver todas as suas fantasias no ambiente virtual. É preciso educar, no sentido mais amplo, esse jovem para que ele seja capaz de tomar decisões e se responsabilizar por elas, de entender o momento e a situação em que vive, de sonhar, de se reconciliar consigo mesmo e com o outro. Entretanto, não há como desconsiderar a heterogeneidade cultural, as variações de condições de vida, os valores e costumes no mesmo grupo etário. Fazer abordagens genéricas e abstratas pode desembocar em idealizações e ações muito diversas do pretendido.

O conceito de "resiliência" significa a capacidade das pessoas de resistir à adversidade, valendo-se das experiências já adquiridas. A relação entre protagonismo e resiliência autoriza afirmar que as ações previstas para o exercício

do protagonismo juvenil para a população menos favorecida seriam as de propiciar condições para a resiliência.

Essas ações podem assumir caráter mais adaptativo, despolitizando o olhar para a manutenção da pobreza e desviando o foco do debate político para atividades funcionais solidárias. Outro efeito adverso e perverso do protagonismo é transferir a responsabilidade que cabe ao Estado para o jovem, individualmente ou em grupo, pela inserção no mercado de trabalho.

Outra proposta de protagonismo é favorecer a compreensão sobre si mesmo, o outro e o mundo mediado por diálogo, para que os jovens atuem em atividades que lhes permitam agir de forma mais segura, pela vivência experimentada, em um futuro próximo. Entretanto, seria ingênuo imaginar que essas ações estejam desvinculadas de ideologias e até de conotações político-partidárias.

As ações solidárias pontuais, temporárias, com microinteresses, sem o desejo de mudanças sociais radicais e grandes debates, parecem coerentes com o tempo atual, uma nova política, a subpolítica, como define Beck (GIDDENS, 1997).

Cabe à escola pública oferecer uma educação básica a todos os jovens que permita não somente a inclusão no mercado de trabalho, estar a serviço da economia, aos interesses dos grandes blocos financeiros supranacionais, mas, prioritariamente, uma visão humanística, com competências para a vida, uma vida vivida com valores éticos e estéticos, uma convivência fundada nos princípios da equidade e para estar apto a viver em uma sociedade líquida, fluida, incerta, transcultural, transnacional e mutável.

Essa visão de educação pode se utilizar do protagonismo juvenil para que o aluno se torne o ator principal de sua vida, com responsabilidade social e cultural, sendo que o professor deixa de ser mero transmissor de informação para se tornar um cúmplice, um parceiro de jornada na construção de um ser com competências para “simplesmente” viver a vida nesta sociedade, de forma harmoniosa ou, pretensiosamente, feliz.

Observa-se que o conceito de protagonismo não é poupado, assim como todos os outros conceitos na atualidade, de ser desconstruído e reconstruído inúmeras vezes, com múltiplos sentidos. Esta prática, ao contrário de ser prejudicial, favorece a reflexão sobre a origem e os interesses explícitos ou ocultos dos conceitos e de suas práticas, elevando o nível de exigência, compreensão e cobrança da sociedade. O desconforto pode ter origem naqueles que precisam viver com a falsa

segurança da existência de uma única verdade e uma certeza permanente. Essa liquidez etérea conceitual os desestabiliza, uma vez que desnuda infinitas combinações sem categorias do tipo certas ou erradas, apenas possíveis e passíveis de escolhas e críticas.

A primeira ação para a promoção do protagonismo será o questionamento e a reflexão sobre si próprio para que o jovem entenda sua participação, sua ação, discuta seu papel, seu direito a aprender, a vivenciar experiências e atitudes que favoreçam sua formação geral. O melhor exercício de protagonismo é o pensar sobre si mesmo, seus desdobramentos, implicações e consequências, no coletivo. Para tanto, o protagonismo só pode ter uma dimensão pedagógica.

O protagonismo juvenil pode ser o projeto pedagógico que viabilize o nascimento dessa escola aberta, reflexiva sobre si, com uma escuta sensível às preocupações de seu corpo discente e docente, aberta às especificidades de sua comunidade e, principalmente, que dê voz a seus alunos, sistematizando os debates, incentivando a solidariedade comunitária e transformando-se em um espaço de negociações. Essa escola superaria a crise das instituições modernas, ressignificando ou maximizando o conceito de público.

Contudo, não há como pensar em protagonismo em uma sociedade na qual as condições de sobrevivência e autonomia são extremamente limitadas, na qual os jovens são o segmento mais vulnerável da população, encontram-se em situação de risco constante, oriundo, algumas vezes, até das próprias instituições, pelo abuso de poder, e são impedidos de ter acesso aos bens culturais, por limitações econômicas.

O Brasil possui uma tradição autoritária, excludente e elitista, na qual o trabalho é visto como atividade de segunda linha, destinado somente a pessoas que não têm o privilégio de pertencer a uma classe social que não precisa trabalhar para viver. O fazer não é valorizado, e a escola, local de apropriação da cultura erudita e conhecimento enciclopédico, é destinada a esse pequeno grupo de privilegiados. O brasileiro foi considerado estrangeiro em seu próprio país e privado do direito de acesso a uma educação que atendesse a seus interesses.

Nesse contexto, a participação de todos nas tomadas de decisões, em qualquer nível, é fundamental para a reconstrução de novas possibilidades no modo de viver, ser, pensar e agir da população, que até então se sentiu alijada de seus direitos e, portanto, descompromissada com qualquer projeto social proposto. A lógica reinante em populações submetidas à exclusão de seus direitos básicos

passa a ser o exacerbamento do individual, prática que de alguma forma lhes trará algum benefício, independente das consequências para o outro.

O protagonismo, visto como participação, poderia romper com essa lógica, ao fornecer o sentimento de pertença nas tomadas de decisão e fomentar a corresponsabilidade de todos nos projetos sociais. Instigar a consciência de que o sucesso do todo depende das partes não alienadas, mas atuantes, participativas e críticas.

O Estado neoliberal adotou a política de transferir suas responsabilidades para o mercado e a sociedade. Essa postura não favorece o conceito de participação social no sentido de exercício da cidadania, mas acarreta um tipo de política compensatória, que se configura quase como o retorno às bases do pensamento cristão sobre a necessidade de fazer caridade aos mais desfavorecidos.

Os sentimentos daqueles que recebem os favores podem ser de inferioridade ou incapacidade e baixa estima, por não terem o nível dos pretensos caridosos, sem uma reflexão sobre a origem do problema; ou cria-se uma dependência total, gerando ausência do desejo de fazer algo e a atitude de somente esperar do outro, que assume na visão do favorecido, a obrigação de provê-lo indistintamente; ou, ainda, pode surgir a revolta, por serem obrigados a se submeter a uma situação constrangedora de dependência, ferindo sua dignidade humana.

O protagonismo juvenil não pode estar a serviço dessas políticas compensatórias, visto que alguns dos mesmos jovens que se propõem ajudar no sentido de caridade poderão estar, em um futuro próximo, à mercê da ajuda de outros. Seria a falácia total e a subversão de uma proposta de protagonismo calcada da ampliação na consciência coletiva, na responsabilidade social, na autonomia e no exercício da cidadania. Cidadania aqui entendida não na ótica neoliberal, de incluir o indivíduo na categoria dos consumidores, mas naquela de conceder os direitos de participação nas escolhas e decisões em todos os níveis de uma gestão.

Pode ser uma ousadia aventar hipóteses para a melhoria da qualidade de vida desses jovens mutantes, pela complexidade da questão. Entretanto, nada fazer não parece a melhor solução. O protagonismo juvenil, apesar de suas limitações, pode ser um caminho a ser trilhado, não como uma posição isolada, mas por meio de redes sociais que potencializam as ações humanas.

A frutificação

Polimórfico
da partilha
carpoprismática

se colhe
re colhe
es colhe

Fruteogonia
cósmica
da cândida
carpintaria

André Toledo Porto Alves

Parte V – A FRUTIFICAÇÃO

Capítulo 5 – Os ambientes colaborativos

5.1 Redes sociais

O capital social, entendido como uma organização social que facilita a cooperação entre seus integrantes e desencadeia o desenvolvimento local, tem potencial de ser utilizado como antídoto contra os malefícios do neoliberalismo, desde que existam confiança e normas de reciprocidade definidas pelo próprio grupo.

A generalização da eficácia de qualquer associação como capital social é questionável, porque implica nos valores dos objetivos que a sustentam. Além disso, a classe média tende a se agrupar para perpetuar o já existente, contribuindo para a manutenção das desigualdades e preconceitos enraizados na sociedade, sem qualquer tentativa inovadora ou promotora do bem-estar social coletivo.

Santos (2005) afirma que há dois tipos de comunidades que explicitam a contradição e acirram a competição no modelo de redes sociais: a comunidade-fortaleza e a comunidade-amiba.

A comunidade-fortaleza é formada por grupos sociais dominantes que se fecham para não serem contaminados pela suposta inferioridade dos demais. Esses grupos seriam as “comunidades agressivas exclusivas”. Opõem-se a esse grupo as “comunidades defensivas exclusivas”, que também fazem parte da comunidade-fortaleza e se agrupam para preservar o que lhes resta de recursos materiais ou dignidade extorquidos pelo grupo dominante. Um exemplo seriam as comunidades indígenas.

O outro tipo é a “comunidade-amiba”, cuja “identidade é sempre múltipla, inacabada, sempre em processo de reconstrução e reinvenção: uma identificação em curso... é vorazmente inclusiva e permeável, alimentando-se das pontes que lança para outras comunidades e procurando comparações interculturais que confirmam o significado mais profundo à sua concepção própria de dignidade

humana, sempre ávida de encontrar formas de estabelecer coligações de dignidade humana com outras comunidades” (SANTOS, 2005, p. 339). Esse é o modelo de rede social que se espera seja estabelecido entre as escolas participantes do projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*”.

Esse tipo de associação que se entrelaça, troca experiências e conhecimentos e, ainda, revela-se sempre disposta ao acolhimento na diversidade, é o modelo que se espera de um programa de educação apto a conviver e a atender aos interesses da sociedade na atualidade, por estar sempre em curso, inacabado, sem nenhuma fórmula mágica, encontrado por agentes de fora e sem regras pré-estabelecidas. Dessa maneira são criadas condições que favoreçam o afloramento do melhor da dignidade humana e sua capacidade de inventar e reinventar-se.

Durante ano de 2006, trabalhamos com uma grande equipe, sendo formada por várias escolas deste Brasil, e junto descobrimos nossas escolas irmãs formando um único objetivo.

E. E. HELEN KELLER
Adamantina – SP
25/10/2006

A modernidade reflexiva, explicitação do sucesso da lógica do capital, tem na desigualdade não seu efeito colateral desagradável e inesperado, mas, pela forma irresponsável como foi iniciada, seu efeito esperado e previsível. O conforto de que usufrui a população dos países ricos não será partilhado com o resto da humanidade não só por falta de vontade política ou de solidariedade, mas pela quantidade insuficiente de recursos disponíveis existentes no planeta.

Formar redes sociais com o objetivo de informar a população privada do acesso à informação, dos bens criados pelo humano, e que vive em situações limite, pode se configurar como o início de ações mais audaciosas, que não conseguirão reverter o quadro de forma definitiva, mas poderão minimizar o sofrimento, favorecer o desenvolvimento de ações preventivas e gerar novos recursos, pela própria otimização dos precários recursos existentes. Passa a ser o projeto de educar para a vida.

Decidimos abordar o tema “Saúde”, devido a um levantamento prévio feito na comunidade escolar; percebemos que a mesma tem poucas informações a respeito deste tema. Sendo a escola situada próximo ao aterro sanitário, no qual algumas famílias da comunidade tiram de lá seu sustento.

Começamos a desenvolver o projeto no primeiro semestre, com palestras sobre higiene pessoal, tendo a parceria de profissionais da área da saúde.

Consideramos que todas as ações desenvolvidas no projeto “As coisas boas para minha terra”, foram muito enriquecedoras, ou seja, experiências de aprendizagem inesquecíveis. Mas para que hoje possamos partilhar mais esta conquista, temos que agradecer a direção, coordenação, corpo docente, monitores e alunos, pela colaboração, participação, empenho, sem medir esforços para tornar possível a realização do projeto.

E. E. JOAQUIM GONÇALVES FERREIRA DA SILVA
Itaquaquecetuba – SP
24/10/2006

Nesse cenário de desigualdade prevista, consentida e perpetuada, não há como se inquietar à procura do remédio eficiente e definitivo para a cura de tamanha perversidade e insanidade que se apoderou da humanidade, pois se sabe de antemão ser impossível encontrá-lo. O possível é criar instrumentos paliativos que minimizem a dor e os outros efeitos colaterais advindos desse diagnóstico. Não há também como dissociar a questão ambiental da pobreza. A consciência ecológica esbarra na necessidade de garantir a sobrevivência. Entretanto, é inegável a importância de conservar o entorno não somente por uma consciência planetária, mas para preservar a qualidade de vida dos integrantes da localidade.

A escola vista como uma rede social investirá na formação de uma massa crítica que fomentará as mudanças de hábitos na população, propiciando melhoria a todos.

A parte teórica, através de slides construídos pelos alunos sob a supervisão de professores, passava o conhecimento necessário para o desenvolvimento de uma consciência ecológica.

A parte prática consistia do tratamento da água e esgoto em microescala e amostras de solos, contendo vários tipos de materiais (plástico, papel, isopor, casca de banana, prego, vidro, etc); que foram enterrados ao mesmo tempo no ano de 2005.

Para finalizar a atividade ficou firmado um compromisso dos alunos (200 no total), para a mudança de hábitos em relação ao entorno.

Há ainda na escola a Semana da Água, onde todos se envolvem. Há palestras, oficinas, teatros, músicas para desenvolver a consciência de quão importante é esse líquido para a nossa vida. Nestes dias a comunidade é chamada para participar e o envolvimento é sempre acima do esperado.

E. E. PROF. ZITA DE GODOY CAMARGO
Rio Claro – SP
06/11/2006

As redes sociais podem ser as “zonas de escape” da lógica excludente do capital, com a competência de se auto-organizarem, sem um controle central para direcionar as ações, as quais gradativamente se tornariam mais sofisticadas. Desta maneira, para favorecer a continuidade da vida de forma suportável nestas condições de exacerbamento da modernidade, haveria a formação de várias pequenas redes sociais fundadas no sentimento de confiança.

Um modelo de rede social bem sucedido é aquele que atua em nível comunitário com o objetivo de criar identidade, novas formas de cooperação e interação, sendo que todo o conjunto é baseado na confiança mútua e nas relações de interdependência. Essas redes possuem normas bem definidas e os conflitos são resolvidos por meio da negociação.

Um exemplo dessa organização pode ser observado na comunidade melanésia, a nordeste da Nova Guiné. Essa população se divide em duas comunidades, uma que habita nas proximidades da praia e, portanto, tem acesso à pesca e outra que vive no interior, com fartura de legumes. Há uma interdependência entre as comunidades, visto que uma necessita do peixe e a outra, dos legumes. Encontra-se um sistema de serviços e obrigações baseado em um acordo entre as duas comunidades, calcado na confiança mútua. Apesar de esse arranjo ser econômico, há na troca também um aspecto cerimonial e um aspecto legal. A transação entre as comunidades não se restringe somente à troca de peixes e legumes, existem outras formas de comércio e serviços mútuos. “Todas as cadeias de reciprocidade são assim reforçadas por serem parte integrante de todo o sistema de mutualidade” (MALINOWSKI, 2003, p. 26).

As redes sociais, em clima de confiança mútua, tendem a tornar as relações de competição uma associação comensal, potencializando os resultados obtidos e a aprendizagem coletiva. Na relação comensal, a vida individual independe da associação, é possível o sucesso sem o outro, mas sua presença facilita ou amplifica o que já existe, diferentemente das relações de simbiose, na qual a vida não é viável na ausência do outro, ou na relação de predatismo ou parasitismo, em que há sempre prejuízo de um para o sucesso do outro.

No comensalismo há a consciência da presença do outro e a permissão para a interação em tempo limitado e em situações específicas, sem hierarquia na relação, na qual todos são beneficiados e os riscos individuais são minimizados. Esse tipo de associação poderia ser copiado nas redes sociais humanas, os indivíduos se agregando para a cooperação. O ideal seria ainda que essas redes tivessem origem nas classes menos privilegiadas, para se impulsionarem a outros extratos da sociedade e criarem mecanismos de maior certeza social, com certas garantias oferecidas pela própria rede, que auxiliaria a romper com a inércia paralisante do conformismo político, gerado pelo medo das incertezas e do exacerbamento das ações individuais que visam apenas a garantia da sobrevivência em um mundo hostil.



O projeto As coisas boas para minha terra, alunos e professores de escolas públicas de todo o estado de S.P desenvolveram ações para melhorarem a região onde vivem.

Em nossa escola, o objetivo era que os participantes desenvolvessem ações de intervenção. Escolhemos resgatar o patrimônio escolar em deterioração, fazendo com que esse espaço seja utilizado dinamicamente pela comunidade escolar, dando vida a esse ambiente e fazendo com que os participantes sintam a importância de se envolverem em equipe para intervenção no trabalho, conscientizando a comunidade escolar da necessidade de valorizar seu bairro e seu meio, para preservá-los.

Identificamos uma área de nossa escola em deterioração em pleno abandono, em volta da quadra, com muros sujos e descascando, paredes e vestiários sujos e em condições semelhantes ao muro e a quadra praticamente abandonada por falta de pintura e reforma em geral.

E. E.DONATO MARCELO BALBO
Fernandópolis – SP
06/11/2006

Se estiver correto o conceito de Dawkins sobre a seleção natural, que não ocorre em nível de espécie e sim de gene, e, ainda, que o meme é um fato, não somente uma metáfora, as redes sociais estariam fadadas ao sucesso, capazes de burlar, temporariamente, os efeitos maléficos e letais da lógica do capital. O meme bem sucedido seria perpetuado nas gerações vindouras.

Entretanto, dois outros pensamentos se fazem necessários. Primeiramente, a condição limitante do sucesso das redes, como já mencionado, é o sentimento de confiança mútua. As relações na sociedade líquida são marcadas pela desconfiança, competição e efemeridade, enquanto as pessoas buscam relações mais confiáveis, solidárias e duradouras, apesar de haver uma conspiração generalizada e difundida para que a desconfiança seja amplamente difundida. Como o sentimento de falta de credibilidade entre as pessoas é fortemente propagado, o desabrochar e a permanência da confiança é algo dificilmente tangível, impossibilitando o funcionamento das redes sociais em sua potencialidade.

Outra questão é a fragilidade humana em sua natureza, se aqui for permitida a utilização do conceito de natureza humana. O homem, para suportar sua finitude e insegurança, criou vários mecanismos para prover-se de um sentimento de segurança, de imortalidade e de proteção, capazes de alicerçá-lo durante a trajetória de sua existência insignificante. Como o conceito de sagrado foi desmistificado, o homem não conseguiria prosseguir sem o apoio de outra muleta achada na atualidade, nas redes sociais, entendidas como fonte inesgotável de proteção e pertencimento. As redes sociais descritas por alguns se assemelham ao jardim do Éden, tão desejado no imaginário humano.

As redes sociais podem se configurar como uma boa alternativa, mas, certamente, não serão a volta ao paraíso perdido, simplesmente pelo fato de serem compostas por homens que, pela sua própria natureza, não conseguem viver nos paraísos criados por eles mesmos, sendo sempre expulsos pelas escolhas feitas e suas traições. Talvez a liberdade seja a maior condenação do humano. Seria difícil deixar de questionar se existe de fato a liberdade, mas, mesmo existindo, liberdade pressupõe escolhas que sempre acarretarão em perdas. Portanto, liberdade e perdas estarão sempre interligadas.

As redes sociais restringem a liberdade individual, sendo este um fato considerado interessante para aqueles que desejam ver as possibilidades de escolhas limitadas, para não terem que se responsabilizar pelas eventuais perdas previsíveis.

A equipe idealizadora do projeto *“As coisas boas da/para a minha terra”* esperava que fosse criada, junto com a comunidade escolar, uma pequena rede social capaz de desencadear e fomentar todo o seu potencial, na busca pela construção do conhecimento. O pequeno núcleo dentro da escola pensando, articulando e disparando as ações, em vários níveis hierárquicos e direções, com o auxílio dos recursos da tecnologia para expandir o seu fazer. O sucesso dessa pequena rede será avaliado por meio da continuidade das ações, independente do projeto em si mesmo. Espera-se que esse núcleo formado a partir da escola consiga se expandir e se auto-organizar.

Nós, da E.E. Nelson Fernandes participamos do projeto “As coisas boas da minha terra” desde 2004.

Durante todo esse tempo contamos sempre com a colaboração e suporte dos responsáveis pelo projeto no site do EducaRede, dos ATPs de informática da D. E. de Pirassununga: Noele Carandina, Maria Paula C. Bueno e Patrícia C. Uzun e da Dirigente, Adriana Helena Barbosa.

Notamos a cada ano melhorias no site com o objetivo de facilitar nosso trabalho. Esse ano de 2006, gostamos muito da nova proposta: ações protagonizadas por alunos, professores, gestores, funcionários e comunidade na região em que vivem. Por isso, o projeto mudou de nome: “As coisas boas para minha terra”.

Optamos por desenvolver ações relacionadas com o tema Cultura, porque aproveitamos o acervo, pesquisas e materiais com os quais já estávamos trabalhando desde 2004. O nome escolhido foi “Almanaque em Ação para Santa Rita do Passa Quatro da E. E. Nelson Fernandes”.

A idéia do Almanaque possibilita exercer a participação social, porque é uma forma de divulgar nossa cidade, SANTA RITA DO PASSA QUATRO, suas belezas, riquezas, problemas, etc para os cidadãos santa-ritenses, turistas e para o Brasil. Já levamos nosso projeto para o prefeito: Dr. Agenor Mauro Zorzi, que adorou, e teremos a parceria da Prefeitura Municipal para publicação de um Almanaque completo e rico em dados para que o cidadão possa conhecer e entender melhor a própria cidade e assim transformá-la, contribuindo com o seu progresso.

Seguimos o cronograma e participamos de todas as etapas: realização do clip da escola, Boletim Informativo, debates, fóruns ...

Ficamos muito honrados por termos sido convidados para os programas interativos no Canal da Rede do Saber e no site do EducaRede.

Ganhamos no começo do ano o Prêmio Construindo a Nação com o projeto “As Coisas Boas para nossa Terra” e tivemos matéria publicada na Revista da Cidadania e na Revista Direcional Escolas.

Desenvolvemos também outros projetos interdisciplinares na escola e tivemos a oportunidade de postá-los na Galeria de Arte: Escola da Família, Mananciais, Semana Cultural, Jornal da Escola e muito mais.

Estamos orgulhosos e ansiosos pelo produto final, isto é, o livro virtual do EducaRede.

Queremos agradecer a toda equipe escolar, a diretora, Rosa Maria Gasparini Nazar, ao prefeito, Dr. Agenor Mauro Zorzi, ao diretor do Jornal “O Santarritense”, Sr. Luiz Antonio Menegassi, aos patrocinadores do Almanaque e, com carinho especial, a todos do EducaRede que tornaram tudo isto possível!

Mensagem: “Não há cidadania sem memória. E não há memória sem arte. A arte é o espelho da Pátria. O país que não preserva seus valores culturais, jamais verá a imagem de sua própria alma”. Frédéric Chopin

E. E. NELSON FERNANDES
Santa Rita do Passa Quatro – SP
26/10/2006

A escola, quando abre suas portas para o ambiente externo, passa a convidar sua comunidade para o estabelecimento de uma rede de trocas, um ambiente mais amplo, em que todos são incentivados a participar, a contribuir com o seu melhor, contemplando o conceito de inteligência coletiva. A opção pelas expressões humanas por meio da arte é uma excelente escolha, visto que é nas artes que está explicitada toda a subjetividade, a capacidade de apreensão do mundo, permitindo o suscitar de um sentimento arrebatador singular que contagia o redor, pois torna visível a presença do mais humano do humano.

“Todo acontecimento da vida de uma pessoa estaria, conseqüentemente, em duas espécies de conexão fundamentalmente diferentes: em primeiro lugar, uma conexão causal do processo natural; em segundo lugar, uma relação subjetiva que só existe com respeito ao indivíduo que a experimenta, e que é, portanto, tão subjetiva quanto os seus próprios sonhos” (JUNG, 1988, p. 7).

O evento surgiu da necessidade de ampliar o desenvolvimento das diferentes expressões artísticas, tendo o aluno como agente protagonista, abrindo as portas da escola para tornar de conhecimento público o que é produzido pela comunidade escolar.

Proposta da ação

Levar para o conhecimento da comunidade local as produções realizadas por professores e alunos no desenvolvimento do pensamento artístico.

Objetivos

- *Propiciar aos alunos e comunidade escolar uma exposição extraescola através das linguagens artísticas.*
- *Desenvolver a apreciação estética, o pensamento artístico.*
- *Ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão, a imaginação e principalmente a integração cultural da sociedade.*

E. E. PROF. JOQUIM ANTONIO LADEIRA
Louveira – SP
25/10/2006

A convivência entre os humanos não é uma simples escolha individual, é uma forma de prover uma reparação aos limites biológicos da espécie, como também procurar sanar os malefícios gerados pela ação do humano contra o humano. Associar-se a redes sociais não se trata de uma questão de bondade, filantropia, mas de sobrevivência. Como esperado, a lógica do capital não assistiria passivamente ao nascimento de algo que pudesse subverter sua ordem. Dessa maneira, as redes sociais estão sendo utilizadas pelas empresas para fortificar suas ações para a geração do capital. Fazer redes significa utilizar ao máximo o potencial individual de cada componente do grupo.

Com as TICs e com as Intranets privadas, fortalecidas, constituindo uma subcultura representada por pontos nodais do fluxo da informação, o espaço de criação se ampliou vertiginosamente, mas o fosso entre aqueles que criam e aqueles

que servem se alargou de modo considerável. A classe privilegiada encontrou, mais uma vez, uma forma de articulação bem sucedida que se contrapõe, escancara e fomenta a desorganização e fragmentação da massa.

As redes organizadas pelas elites deveriam ser reproduzidas pelas classes menos privilegiadas para a revitalização do poder de tomada de decisões locais e o desenvolvimento sustentável, para fazer o contraponto às redes de organização do livre mercado, que são forças sociais dominantes.

A crueldade do sistema poderá ser evidenciada se as redes compostas pela elite se utilizarem dessas microrredes para fazer valer seus interesses, criando a ilusão de uma oposição que estaria verdadeiramente contribuindo para o sucesso das leis de mercado. Dessa forma, haveria uma maioria totalmente excluída, uma minoria que busca a transgressão de um modelo monocultural, mas estaria a serviço de pouquíssimos que manipulam a todos para preservar seu domínio.

Portanto a finalização deste projeto tem como objetivo a elaboração de um subprojeto que tem como título “Orçamento Doméstico”, fazendo com que a educação e o conhecimento seja significativa, e tem como meta uma ação que melhore as condições de vidas de todos. Toda essa ação terá acompanhamento por meio de uma tabela de controle orçamentário, usando as economias alcançadas com ações estudadas na unidade escolar.

E. E. JARDIM ITAQUÁ
Itaquaquecetuba – SP
26/10/2006

Uma das funções das redes sociais é a produção e disseminação do conhecimento. Contudo, pretender divulgá-lo será passível de grande sofrimento, imposto pelos detentores do poder advindo do conhecimento. Prometeus roubou o fogo do céu para ofertar aos humanos e foi condenado ao suplício eterno de ficar acorrentado, tendo o fígado devorado, todos os dias, por uma águia. Esse passa a ser o aviso, desde a antiguidade, para aqueles que pretendem subverter, transgredir o poderio daqueles que guardam o saber produzido pelo próprio humano.

Infelizmente, as redes não estão imunes ao alto nível de virulência advinda das relações de poder tanto internas como externas, apesar de toda a organização estar fundada para minimizar seus efeitos e possíveis sequelas. Nesse caso, se a

interdependência do grupo não for suficientemente coesa, a rede poderá fenecer, mas poderá também fazer valer a cicatriz imposta, tornando-se menos vulnerável a novas investidas desse agente epidêmico nefasto que contamina todas as relações humanas.

Gradativamente, a rede vai se tornando mais forte, aumentando o nível de segurança e confiança entre os integrantes, que deixam de ser ingênuos, imaginando-se livres do contágio. Após a primeira contaminação, na qual vivenciaram todos os sintomas funestos, aprendem e até esperam o próximo ataque com a tranquilidade de quem sabe que é capaz de mais uma superação.

As redes não são somente um ambiente acolhedor: podem ser ambientes de conflitos, que precisarão ser gerenciados por elas próprias. Parece que o sucesso de uma rede social não está alicerçado no sonho de se configurar como um espaço desprovido de temores e insegurança. É a percepção da continuidade desses sentimentos dentro da própria rede que a fortificará e a manterá sempre ativa.

Em um primeiro instante foi feita a divulgação das atividades através da rádio escolar e da rádio comunitária.

Depois, os alunos tiveram uma palestra com a Engenheira Agrônoma Flávia Cristina Fenti, quando destacou o lixo como causa de problemas à saúde pública pela proliferação de ratos, moscas, baratas, etc; ocasionando ainda a poluição do meio ambiente pela contaminação do solo, do lençol freático, fonte de água para o consumo humano, e, também, do próprio ar. Houve apresentação de um diálogo: “Conhecemos as pessoas através de seu lixo”, texto de Luiz Fernando Veríssimo, após o qual os alunos confeccionaram cartazes referentes ao tema.

Realizamos visitas ao aterro sanitário e à lagoa de tratamento de esgoto do município a fim de observar que a infraestrutura é fundamental para a saúde e qualidade de vida.

Divididos em grupos, acompanhados por professores, os alunos recolheram lixo nas margens das rodovias próximas à zona urbana.

Foram afixadas placas de conscientização em pontos estratégicos da cidade, com frases escolhidas através de um concurso na escola;

Para o término do projeto foi feito um mutirão com panfletagem e passeata de conscientização na comunidade sobre a separação do lixo reciclável, analisando assim as vantagens da coleta seletiva, que são o desafogamento e aumento da vida útil dos aterros sanitários e o envolvimento da população que se sente também responsável pela resolução do problema do lixo, o que significa uma conscientização ambiental na sociedade.

O Projeto “As coisas boas para minha terra”, permitiu fazer nascer o espírito cidadão dos nossos alunos ao mesmo que aliou o currículo escolar à prática de preservação do meio ambiente.

E. E. JOSÉ ABRÃO MELHEM
Américo de Campos – SP
20/10/2006

Parece que o humano está predestinado a viver sob um regime de coerção para continuar vivo e permitir que outros vivam. “A exploração afetiva e material, em qualquer plano que seja, só se pratica enquanto se oferecer a necessidade de se fazer explorar” (MARTON, 1985, p. 18). Contudo, o humano poderá ser educado de forma integradora, que lhe permita ultrapassar o regime de coerção para o autocontrole, ou melhor, para a autonomia. Dessa maneira, a individualização bem sucedida desembocaria no coletivo e o querer se transformaria no dever, não um dever imposto, nem por ele próprio, mas um dever querido, sentido e fonte de satisfação e aumento do *empowerment*. “O mundo é minha representação, sim, mas ele também é minha vontade” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 11).

Quanto maior a abstração, maior é a emergência do querer. Entretanto, surge a discórdia da vontade consigo mesmo, acarretando sofrimento. O homem se esforça para ultrapassar do concreto para o abstrato, do bruto para o simbólico, na esperança de encontrar respostas, mas o que encontra é um sofrimento maior. “O homem é o lobo do homem” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 13). O belo desse processo é que o bálsamo para esse sofrimento é o próprio conhecimento que possui a capacidade de apaziguar a vontade.

As redes podem favorecer a mudança no empenho em trabalhos e esforços em fontes de dignidade e prazer. O trabalho passa a ter um sentido, transforma-se em uma escolha feita pelo indivíduo em ali estar, ser o que é e investir o seu melhor para descobrir o como fazer, para alcançar sua meta. O trabalho não é mais um simples gerador de riquezas, mas algo que possui um valor. As comunidades locais podem ser consideradas perigosas por conseguirem subverter a ordem e a rotina pré-estabelecida, propiciando o engajamento de pessoas que se associam para a elaboração de uma empreitada com um objetivo definido e firmando os laços de confiança mútua.

As redes não podem ser banalizadas a enxames ou a colunas em marcha, (BUAMAN, 2003) restringindo-se a serem coordenadas ou obedientes às ordens. O que se pretende é justamente o contrário. É pela manifestação das intersubjetividades que o humano conseguirá extrapolar seus limites e grilhões e alcançar patamares de abstrações mais elevados, distanciando-se da forma mais concreta que permite e encoraja a submissão e o controle externo.

Durante o ano, os alunos do projeto visitam todos os finais de semana, em pequenos grupos, as entidades filantrópicas para levar um pouco de amizade e ternura. As visitas desses grupos no lar dos velinhos e no abrigo das crianças são sempre dinâmicas, trabalham com eles pintura, desenho, reflexões que ajudam a todos que participam deste momento. Também visitam o hospital e todos relaxam nas brincadeiras simples e na oportunidade de falar um pouco mais de si, das suas angústias.

Merece destaque de nossa cidade por ser o primeiro com amplitude que transcende os muros da escola e passou a ter uma conotação maior: o ser humano, o irmão o amigo... o igual.

E. E. PROF^a ALICE RODRIGUES MOTTA
Juquiá – SP
07/10/2006



Apesar das controvérsias em relação às redes sociais, elas parecem cruciais para a mobilização do capital social como agente efetivo da ação política e cívica, principalmente em novos grupos pequenos e médios que legitimam seus interesses, seus direitos, e as utilizam como espaço de negociações sobre a diversidade e o multiculturalismo. Essas redes passam a ser uma nova forma de convivência, comportamento e relações de interdependência entre os indivíduos. "As redes

constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de maneira substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura" (CASTELLS, 1999, p. 497).

A rede social representa um conjunto de participantes autônomos unidos por interesses e valores compartilhados. O trabalho ligado por redes de conexão é tão antigo quanto a história da humanidade. Um exemplo notável é o de Spinoza que, ao ser injuriado e denunciado, ficou privado do direito de publicar. Ele escreveu cartas e enviou seus textos a um grupo privilegiado de alunos que comentavam, explicavam suas ideias uns aos outros e mantinham o diálogo. Esta pequena rede foi fundamental para a continuidade dos trabalhos de Spinoza.

As redes sociais em ambientes virtuais são fonte de várias interpretações. Há aqueles que as vislumbram como reais fontes de democracia e participação política, em contraponto àqueles que enxergam as TICs como um reforço da exclusão social. Em relação às comunidades locais, o uso das TICs representa um canal que viabiliza a expressão de suas demandas e expectativas, fortalecendo o capital social.

Para o sucesso das redes, é preciso que haja a percepção de alguma similaridade entre os participantes, que pode ser em qualquer nível, e o estreitamento dos laços sociais. Elas são uma forma de organização que atende aos movimentos da contemporaneidade, criando condições para que os indivíduos busquem seus interesses sem permanecer na inflexibilidade autoritária das normas do tradicional.

Duas possibilidades não desejáveis podem decorrer dos pressupostos citados. Primeiramente, as redes podem criar laços de similaridade e estreitamento embasados em valores questionáveis, por exemplo, a rede de tráfico de drogas não lícitas e até de grupos fundamentalistas. Pelo reconhecimento das convergências de ideias e sentimentos entre os integrantes do grupo e da segurança advinda dessa constatação, todo diálogo com o diferente pode causar repulsa, intolerância, e a comunicação pode ficar reduzida somente a esse grupo, em oposição ao conceito de sociedade. Em segundo lugar, as redes virtuais podem desencadear uma percepção da problemática global, distante, sem o acompanhamento da situação local, favorecendo a alienação. Este fato justifica a preocupação em promover um ambiente interativo em âmbito local. Essa foi uma das prerrogativas para a legitimação da elaboração do projeto "*As coisas boas da/para a minha terra*".

O desejo é que as redes sociais presenciais ou virtuais sejam um espaço de partilha dos bens públicos, de experimentação do exercício de tomada de decisões e de negociações. Uma vez que o Estado se mostra cada vez mais incapaz de promover o bem-estar social, uma possibilidade seria preparar o cidadão para que possa guiar seu destino, com foco em suas capacidades pessoais e uma forte concepção emancipatória. Essa proposta encontra limitações em locais de desigualdades extremas, forçando o Estado a permanecer como o grande provedor dos serviços sociais básicos.

Entretanto, esse fato não deve inviabilizar a busca de estratégias para a implementação do modelo, incentivando as localidades a encontrar soluções para seus problemas sociais, em parcerias com políticas públicas educacionais.

Spinoza utiliza as expressões “a força de existir” e “a potência de agir”. Para ele, os encontros podem desencadear duas paixões fundamentais: a alegria e a tristeza que, concomitantemente, aumentam ou diminuem a potência de agir. “É que a alegria, e o que dela resulta, preenche de tal maneira a aptidão para ser afetado que a potência de agir ou força de existir aumenta relativamente; e de maneira inversa com a tristeza” (DELEUZE, 2002, p. 107).

As redes sociais presenciais ou virtuais são espaços nos quais os encontros devem suscitar alegria e, conseqüentemente, a força de existir. As pessoas que inspiram paixões tristes diminuem a potência de agir e, portanto, exercem o poder sobre o outro. Para o filósofo, o mal poderia ser definido como o mau encontro. Como o outro é necessário para originar a paixão, visto que não se é objeto dos próprios afetos, é preciso sempre compor com o outro e não decompor para não gerar diminuição de potência.

Não se deseja mais disciplinar o indivíduo, e sim toda a população. Dessa maneira, as redes poderiam ser uma forma de resistência – re-existência à formação de corpos dóceis que valem pela sua utilidade, pela sua força de trabalho. A resistência é a própria existência, ou seja, é a potência.

As redes, como espaço de aumento da vontade de potência, não podem se configurar hierarquicamente. As relações são horizontais, seguindo a tendência da realidade social contemporânea, ou seja, os indivíduos, considerados como capital humano, com suas singularidades e dotados de capacidades propositivas, tendem a se mobilizar e organizar suas ações, que podem transbordar para diferentes níveis, até mesmo fora dos limites da própria rede.

A rede passa a ser um espaço intermediário e decisório entre o macro e o micro que orienta atitudes e cria novas formas de estar e enxergar o mundo. Como qualquer ser vivo, terá que lutar pela sua permanência, e seu sucesso será também avaliado por este tempo, assim como de qualquer espécie viva. Dessa forma, as redes não podem se configurar como uma simples somatória de indivíduos que se relacionam. É preciso que haja ações eficientes para o desenvolvimento de todos os seus participantes e que atendam às suas expectativas. Ações, inclusive, que retroalimentem sua continuidade, criando um sentimento de corresponsabilidade.

Com o advento das TICs, o conceito de redes sociais foi ampliado, pois o presencial pode desembocar em ambientes virtuais que potencializam suas ações por meio da mudança nas variáveis espaço/tempo. Os ambientes virtuais podem corroborar para a formação de novas formas de ambientes colaborativos.

5.2 Comunidades virtuais

Cada vez mais as comunidades virtuais se confirmam como uma possibilidade que terá papel significativo e transgressor do arcaico na sociedade atual. Elas podem ser entendidas como redes sociais peculiares que habitam o ambiente digital e, portanto, sujeitas às mesmas características, acrescidas da especificidade conferida ao virtual.

As comunidades virtuais apresentam como uma de suas principais características a autopoiese, a capacidade de autoprodução, auto-organização e autogerenciamento, podendo-se imaginar que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto e, de forma paradoxal, é um sistema autônomo e dependente. Entretanto, essa dependência é uma interdependência entre os integrantes da própria comunidade, estabelecendo-se uma relação complexa e mutável.

Outra característica da comunidade virtual é o nomadismo caracterizado pelo enraizamento dinâmico, a não fixação do espaço, o desejo de outro lugar e a circularidade em oposição à linearidade da era moderna. Essa errância aponta para o desejo de religar todos a tudo, como pontes líquidas que se entremeiam por todos os espaços, conectando, hibridando e miscigenando o existente. Assim, as relações nas comunidades virtuais são autoprodutoras e produto da subjetividade volátil e mutável de seus integrantes.

“O que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade futuristas e construtivistas. O inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro. Essa tensão existencial operar-se-á por intermédio de temporalidades humanas e não humanas. Entendo por estas últimas o delineamento ou, se quisermos, o desdobramento de devires maquínicos, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas (é assim que vemos desenvolver-se a olhos vistos a expansão prodigiosa de uma subjetividade assistida por computador)” (GUATTARI, 1990, p. 21).

O ambiente virtual, em geral, é flexível, fluido, mutável, híbrido, instável, dinâmico, complexo e diferenciado. Pode favorecer o aprender, o ensinar, o conviver, o transformar das relações humanas, o harmonizar do local e do global, o fomentar das relações de interdependência e o privilegiar da ecosofia, definida como

“uma articulação ético-político entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e da sensibilidade?” (GUATTARI, 1990, p. 9).

A ecosofia como registro ecológico de uma articulação ético-política pode ser vista como uma solução dentro de uma visão “holo” e específica na sociedade contemporânea, na qual o homem é um habitante do virtualizado, que poderá ser considerado uma metrópole comunicacional repleta de conflitos, capaz de autotransformar esse ambiente e alterar as relações de produção e distribuição dos meios convencionais. É, ainda, um espaço plurilógico, no qual se cruzam as interioridades, as emoções, tornando a comunicação ex-terminável, no sentido de jamais estar terminada e sempre em construção, produzindo-se e reproduzindo as identidades provisórias dos participantes, propiciando a transvaloração de todos.

Um dos registros ecológicos se refere ao ambiente. Neste aspecto, o virtual apresenta especificidade ímpar, visto que poderá ser entendido tanto pela visão darwinista como pela lamarckista, agora não mais oponentes, mas complementares. Para Darwin, o ambiente seleciona as características desejáveis, configurando-se como um selecionador. Os ambientes virtuais por si não geram mudanças no ser que já é, apenas selecionam e reproduzem as características favoráveis ao convívio no presencial e no virtual, uma vez que os convívios nesses ambientes de alguma forma se inter-relacionam e se retroalimentam. Não é mais possível fazer a cisão do ser nos dois ambientes nos quais acontece a convivência humana.

Contudo, o virtual pode ser entendido como um espaço que não somente propicia, mas que também induz mutações, contemplando o pensar de Lamarck, para quem o ambiente é o causador. O virtual pode exigir o desenvolvimento de comportamentos específicos que são transmitidos às futuras gerações, de modo semelhante ao meme. O virtual passa a ser a explicitação do conciliamento e da

interdependência entre a natureza e a cultura, ou melhor, evidencia que a natureza do homem é ser cultural, finalizando a tradicional discussão sobre a dicotomia entre a natureza e a cultura humana, que não podem ser dissociadas.

Fica permitida a feitura de uma ousadia ao afirmar que, talvez, a parte natureza do homem tenha herança do tipo darwiniana, enquanto a parte cultural, que não pode ser dissociada, segue a lógica lamarckista, explicitando que as duas proposições são, na realidade, uma única e correta assertiva.

O espaço virtual pode ser considerado uma interzona, um fragmento com autonomia, um local de produção, alienação e prazer que poderá transformar a subjetividade, construir um presente com elementos ainda não descobertos, não experimentados. Um local de inventar o novo, novas formas de vida, que assume outra configuração e outro sentido, no qual cada um possui uma representatividade e uma única forma de registro.

O virtual é a possibilidade de vir a ser. O homem no ambiente digital passa a ser também uma possibilidade de vir a ser, de vir a se construir, a se reconstruir e a se ressignificar por meio do desenvolvimento de novas habilidades e competências e da atribuição de novos significados à sua existência. As mudanças no ambiente virtual são mais rápidas, desencadeando a formação de novas identidades provisórias individuais e coletivas, que poderão ter reflexo nas relações presenciais.

O virtual, que representa a possibilidade de ser, aumenta o que já é multiplicado. Assim, há a possibilidade de ser efetivamente vários, de assumir várias identidades, de fazer vários relacionamentos e interações, construir várias realidades e aumentar o nível de abrangência da consciência. Significa ver através do outro, existir através dos seus múltiplos agregados aos múltiplos do outro e, assim, minimizar o fato de não vermos que não vemos.

Para Deleuze, "o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser" (DELEUZE, 1995, p. 37). A transgressão do modelo de árvore para o de rizoma poderá ser facilitada e potencializada por meio dos ambientes digitais. O modelo árvore é linear, com um começo-raiz, meio-tronco e fim-folhagens, sendo que as ramificações são relativamente ordenadas, seguindo um padrão; é temporal, limitado em um espaço circunscrito e finito. O rizoma, um tipo de caule subterrâneo, não é linear, não há começo, meio nem fim; é simplesmente o todo, com inúmeras ramificações, sem padrão definido; é atemporal, o espaço não é o entorno e, assim, como o bulbo e o

tubérculo, pode permanecer vivo em situações bastante adversas, como em um tipo de encistamento. O rizoma tem formas muito diversas, representa o potencial, o vir a ser, mas já existe, assim como o virtual. Quando as condições desfavoráveis mudam, ele se transforma, é mutável, flexível, capaz de se renovar, é a possibilidade de multiplicidade.

O virtual que segue o modelo de rizoma pode ser um território singular, através da criação, da reinvenção, da transformação do ambiente, do enriquecimento dos modos de manifestação da vida e da sensibilidade, ou pode se tornar, cruelmente, um espaço de desterritorialização, através do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose.

O que fará o diferencial será aquilo que porta o pior perigo, mas que também traz as melhores esperanças: o próprio humano. Daí advém a grande importância da reforma do pensamento, do prazer de ser uma mente ativa, da formação de educadores criativos e que tenham competência suficiente para transformar uma tecnologia que eventualmente tenha sido gerada e pensada para fins de controle e dominação em instrumento de emancipação e valorização da genuína cultura regional e global.

A antropologia é o estudo do homem em sua unidade e sua variabilidade no espaço e no tempo. Para o antropólogo, cultura é a forma de vida de um grupo de pessoas, uma configuração dos comportamentos aprendidos por meio da língua falada, da simples imitação, ou pela linguística, especialmente valorizada porque os antropólogos se apoiam nela para observar os sistemas de comunicação e apreender a visão do mundo das pessoas.

Assim, o ambiente virtual e, especificamente, as vivências em comunidades virtuais são objeto da antropologia, mas com uma conotação de ciência diferenciada, pois é uma antropologia do virtual, é como o homem atual se manifesta no meio digital, sua linguagem, sua sensibilidade, sua subjetividade e suas relações sociais. Esse ambiente atemporal e não espacial, que afeta não somente o consciente, mas também o inconsciente, que propicia a transgressão do modelo “árvore” para o modelo “rizoma”, possibilita incomensuravelmente a conjunção “e” e a multiplicidade dos unos.

Os ambientes digitais registram essas interações e, como as possibilidades de interação são infinitas e as construções das diversas identidades são inúmeras, poderão ser multiplicados. Percebe-se que o virtual pode não somente ser um local

de registro de interações, mas um espaço que obrigue a refletir sobre a construção das identidades. Vê-se a si próprio por óticas múltiplas, muda-se de lugar; muda-se, então, o referencial, a engendrar o reequilíbrio de correlações intersubjetivas.

Os ambientes digitais podem favorecer o desnudamento de uma realidade questionável, inacabada e incerta, ou seja, podem desvelar a cegueira da ilusão de um mundo todo complexo e “real” que devemos reinventar, redistribuir, coproduzir e ressignificar a todo momento.

A desordem aparente dos ambientes digitais que se configuram polissêmicos e polifônicos é o fluxo que está por vir, é a fonte de toda a mudança e, conseqüentemente, de toda a vida e de toda a humanidade, é a inauguração da antropologia do ciberespaço.

A tecnologia age somente como catalisador da pré-disposição interna dos participantes dos ambientes digitais, como potencializadora da complexidade do humano, para aqueles que almejam as pequenas utopias que nos fazem caminhar para e com o outro. Essa mesma tecnologia permite que os dizeres midiáticos fiquem registrados e levem a recuperação da memória a níveis jamais alcançados. Como somos seres tão pouco específicos, ou seja, não possuímos grandes adaptações para a sobrevivência em determinados ambientes, nossa sobrevivência depende do conhecimento, da cultura e do uso da tecnologia.

Enfim, o virtual é um ambiente de produção de cultura e conhecimento e, assim, de um ambiente de produção de humanidade. Para aqueles que possuem ou divulgam uma visão pessimista sobre o futuro do humano pelo uso das novas tecnologias e pela vivência em ambientes virtuais, é preciso lembrar que, durante o processo de evolução do ser humano, sempre houve perdas que acarretaram novos ganhos. O perder ou a mudança de algo foi a causa da aquisição de uma nova possibilidade de existir. Quando o homem se transformou de quadrúpede em bípede, a mão ficou livre para pegar e manusear os objetos, o que acarretou uma mudança significativa na história de sua evolução.

Assim, o pós-humano ou o homem fisicamente atrelado de forma indissociável à tecnologia pode ser o inaugurar de uma nova era do mesmo humano, que dificilmente poderá ser valorada como melhor ou pior, somente diferente. Talvez um humano capaz de viver em condições ambientais futuras adversas neste planeta, criadas pelo próprio homem, nas quais o homem atual não estaria adaptado para

sobreviver. Nesse pensar, a tecnologia estaria somente garantindo a sobrevivência do humano, e não sua morte, como difundido.

A ecosofia, como registro das relações sociais, pode ser potencializada e modificada no virtual, que possibilita a criação de novas identidades, de relações desprovidas de preconceito, da utilização de uma linguagem afetiva, da externalização do multiculturalismo, do onírico, do extravasamento do imagético, do mítico e das fantasias, nesse território singular que pode expressar o homem em todas as suas formas.

A sensação de estar junto de alguém independe da questão espacial, pois está atrelada a emoções e sensações coordenadas pela *psique*, as quais sobrepõem a objetividade para adentrar na subjetividade de cada um, permitindo a criação de representações e desejos. É a possibilidade de criar uma nova lógica: a conciliação da inteligência humana complexa, não linear, subjetiva e afetiva com a inteligência artificial, digital, linear, objetiva e impessoal.

O homem tem o direito de fazer parte do mundo sem estar à margem. Ele só experimenta a sensação de pertencimento ao mundo através do outro, dessas multiplicidades de personagens que o habitam e compõem, como se sua imagem refletida no espelho fosse composta de múltiplos. O virtual permite o olhar a si e ao outro de várias facetas, através dos inúmeros múltiplos que compõem o uno.

A ecosofia das relações sociais consistirá em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser. A questão será, literalmente, reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais”, mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade.

A ecosofia como registro das relações sociais será “levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens” (GUATTARI, 1990, p. 16). Dessa forma, ela só poderá contribuir para que as comunidades virtuais se transformem em um território de troca, de reflexão, de superação da mesmice, da não reprodução de modelos arcaicos, e para que a virtualização seja um espaço de emancipação do homem, de criação do ápice da autonomia instalada na heteronomia, através da interdependência voluntária com o outro.

As relações presenciais tradicionais muitas vezes podem conter certos vícios que ingenuamente acredita-se estarem sanados pelas possibilidades de outras

leituras que não somente a verbal, como a leitura corporal, o olho no olho, os gestos, o tom da voz e, infelizmente, até a aparência do interlocutor. Talvez ainda não saibamos estar com o outro, acolher, respeitar e dialogar no presencial. Nos ambientes digitais, a linguagem e a externalização da afetividade, por diversas representações, precisam apresentar cuidados especiais, uma vez que os outros recursos não se apresentam disponíveis, o que, de certa maneira, obriga a uma consciência mais ampla sobre o que falar, mas, sobretudo, sobre como falar. Nem sempre as palavras são suficientes para tocar a verdade das coisas.

O diferencial é que todas as características, tanto individuais como sociais, são potencializadas nesse ambiente com as TICs. “O que ocorre no mundo real, o comportamento das pessoas, os significados que os sujeitos constroem para o seu cotidiano, as relações com o outro, nada mais são do que o significado de experiências e a realidade é socialmente construída e independe do espaço ocupado, está centrada no indivíduo e na sociedade participante” (BOGDAN, 1991, p. 54).

O homem se manifesta no ambiente digital. Essa vivência registrada pode fazer com que ele atinja altos níveis de reflexão e, ao perceber-se, mude não somente nas relações virtuais que o obrigam a ressignificar a si mesmo. Que essas experiências sejam subsídios para entender e compreender melhor o mundo em torno de si e para potencializar as relações presenciais com novas maneiras de acolhimento e amorosidade.

Pode ser que o estudo do homem no virtual facilite sua própria compreensão nas sociedades tradicionais, nas quais algumas atitudes poderão ser repetidas e outras deverão ser repudiadas ou inovadas. Talvez a virtualização nos obrigue a repensar nossos conceitos de sociabilização, uma vez que foram introduzidas na sociedade variáveis até então inexistentes. É até possível que essa relação virtual seja mais agradável, mais fácil, com maior empatia, com maior compreensão de signos do que uma relação estabelecida lado a lado, espacialmente. Nessa percepção, a indagação inevitável é o porquê dessa relação ser mais agradável, o que desencadeará o pensar sobre os diferenciais entre a manifestação do “eu” nos diferentes ambientes.

Como a realidade é um fato socialmente construído, assim também o é o significado de cada signo que está atrelado ao acesso às diferentes linguagens, as quais delimitam o olhar, o que vem a corroborar a ideia de que a “realidade” virtual

vivenciada através de suas novas regras de sociabilidade influenciará as relações sociais tradicionais pela obrigatoriedade da ressignificação de seus diversos signos, ícones e símbolos.

A predisposição para o diálogo que o mundo digital propicia se torna selecionadora das características desejadas para a navegação nele. O mundo virtual permite pensar em conjunto. Assim, a independência cede seu lugar para a interdependência, expressão maior dela mesma.

O homem pode, então, executar sua maior obra, que é a formação de si mesmo, a *poïese* de si, o construir e o reconstruir do ser, pois só quem construiu a si próprio pode falar para e com o outro. São as experiências que, sobretudo, são sentidas pelo outro, são identificadas, só se constroem a partir da constatação e junto do outro. É o grande desafio de saber-se, de reinventar sentidos, da visão de ser somente com o outro. É a viabilização da ecosofia das relações sociais.

A ecosofia como registro da subjetividade pode colocar as comunidades virtuais não só na categoria de um desafio cognitivo, mas, outrossim, de um desafio comunicacional que trabalha com as relações interpessoais e intersubjetivas. Ao trabalhar com a subjetividade expressa através da língua, o imponderável surgirá. E com ele surgirá também a necessidade de aprender a trabalhar com as incertezas permanentes.

O inconsciente transborda em todo o nosso entorno, nos gestos, nos objetos cotidianos, nas atitudes, nas mídias. Logo, um inconsciente trabalhando no interior dos indivíduos, na sua maneira de perceber o mundo, de viver seus corpos, seu território. Um inconsciente cuja trama não seria senão o próprio possível. Nesse contexto, as interações em ambientes virtuais portariam também os extravasamentos dos inconscientes, no sentido de serem eles mesmos o próprio possível, e propiciariam não só mudança no consciente como também no inconsciente, a partir da premissa de que temos o inconsciente que merecemos. Assim, o inconsciente é passível de construções, reformulações e ressignificações.

“Pensar o tempo contra a corrente; imaginar que tudo o que vem depois possa modificar o que era antes; ou então que uma mudança, no coração do passado, possa transformar um estado de coisas atual” (GUATTARI, 1988, p. 10).

Essas máquinas abstratas do inconsciente atravessam diversos níveis de realidade, fazem e desfazem estratificações. Não se agarram a um tempo único, universal, mas a um plano de consistência transespacial e transtemporal que afeta

um coeficiente relativo de existência. Então, seu “aparecimento” no real não pretende mais se dar de um só golpe: negocia-se a partir de *quanta* de possíveis.

Dessa maneira, o virtual maximiza o *quanta* de possíveis. O tempo se configura como o rizoma de Deleuze; não começa, nem conclui, está entre as coisas. A vivência nos ambientes virtuais pode potencializar o conceito de tempo interno, uma vez que o tempo virtual é um tempo imaginário, o kairós.

O conceito das variáveis espaço/tempo sempre suscitou interesse nas diversas áreas do conhecimento. Demócrito declara que “o espaço é não ser, mas este não ser tem, não obstante, uma verdadeira realidade” (CASSIER, 2005, p. 76).

Nos ambientes digitais, a noção de espaço/tempo é fundamental para contemplar o tempo e o espaço de cada um, para que cada um possa viver seus múltiplos. O virtual, como possibilidade de ser, privilegia a flutuação entre a objetividade e a subjetividade. Nessa flutuação de diálogo entre o racional e o irracional poderá sugerir uma superação do próprio ser, no sentido de ficar melhor do que se é, capaz de enxergar aquilo que não se vê, pois, ao mudar, ao ampliar o raio de visão, o mundo muda também e interfere nas mudanças pessoais, visto que a realidade é uma construção social na qual o individual e o coletivo não se separam.

Nesse diálogo consigo mesmo e com o outro há o resgate da subjetividade e das emoções, que alimentam as possíveis transgressões diante dos modelos vigentes e arcaicos, na medida em que impõem a criação de novos modelos supressores das necessidades desses sujeitos autores do mundo.

Na verdade, falar em construção do conhecimento é falar em intersubjetividades, pois não se trata de um processo isolado. Nas relações do processo exteriorizam-se as subjetividades de maneira harmônica entre os múltiplos e os outros, ao entrar no mundo conceitual e inconsciente do outro.

Uma das marcas da atualidade é a abundância na comunicação por meio das tecnologias, sem necessariamente a preocupação com a qualidade da informação, disponibilizada sem qualquer limite. A quantidade é valorizada em detrimento da qualidade. “O excesso já não parece excessivo, nem o desperdício parece uma perda. Quando o excesso fica excessivo?” (BAUMAN, 2003, p. 119)

Se por um lado existe o problema do acesso pela escassez dos recursos e oriundo das desigualdades sociais, de outro lado há um excesso de comunicação. Imaginar que, resolvida a questão do acesso, a abundância da informação poderá gerar uma sociedade mais harmoniosa pode ser ingenuidade, visto que a forma de

utilizar a informação, mesmo acessível a todos, seria uma estratégia para a geração e manutenção de outros tipos de desigualdades e conflitos. Contudo, não estar conectado a este mundo abundante continua sendo uma forte forma de exclusão.

Com todas estas pesquisas, tecnologia sendo aplicada na prática e com a conscientização do jovem, podemos ter um país equivalente ao de primeiro mundo.

Temos muitos trabalhos feitos, como foi registrado através de PowerPoint, Movie Maker, jornal, Publisher, etc..., portanto, não nos falta criatividade e coragem de colocar em prática o que está no papel

E. E. BATISTA RENZI
Suzano – SP
16/10/2006

Essa fartura suscita um desejo de consumo intenso alimentado pela propaganda, que procura criar necessidades e vontades ainda não conhecidas pelo próprio sujeito, embora a capacidade de crítica esteja diminuindo e a força intelectual esteja minguando por diversas razões, até mesmo pelo descomprometimento das universidades em formar pessoas que ousem pensar. “Quanto mais a propaganda científica faz da opinião pública um simples instrumento de forças obscuras, mais a opinião pública surge como um substituto da razão. Esse ilusório triunfo do progresso democrático consome a substância intelectual da qual tem vivido a democracia” (HORKHEIMER, 2002, p. 39).

Toda inovação na área de comunicação é facilmente “consumida”. A questão posta novamente é: quem e quantos consomem esses bens? Esta reflexão se torna mais pertinente em um país como o Brasil, em que a maioria da população está privada de se expressar, tornando-se visível e audível a todos, de qualquer local e no tempo desejado.

A escola brasileira em sua gênese é elitista, estando a serviço de uma minoria, reproduzindo valores e atitudes deste pequeno grupo em detrimento da cultura da maioria. Urge a necessidade de a escola deixar de cumprir o papel de reprodutora das mazelas e desigualdades da sociedade para estabelecer uma relação dialógica entre a escola e a sociedade. Um dos grandes desafios da educação é envolver os alunos no processo de reflexão, permitindo que eles mesmos estabeleçam seus objetivos e

descubram o prazer de possuir uma mente ativa e não somente receptiva. Para tanto, o uso pedagógico das tecnologias se apresenta como uma das possibilidades de tornar a escola um local que atenda aos princípios da equidade.

Não se trata mais de anunciar os benefícios da utilização da tecnologia na escola. É impossível pensar a educação sem se apoderar do uso das diversas mídias, ou seja, não são mais dois conceitos que podem ser desvinculados e tratados separadamente, mas que se fundiram em uma unidade indissolúvel.



A escola deixa de ser um lugar onde o conhecimento é transmitido para se tornar um lugar onde ele é produzido, tornando os alunos sujeitos ativos e responsáveis, e isso confere-lhes autonomia, o que muda a atitude dos alunos em relação à aprendizagem.

Além disso, observadas determinadas mudanças nos alunos que participaram do projeto, torna-se necessário estimular o gosto pelo saber, a criatividade e o sentido de responsabilidade, pois esses alunos socializarão esse conhecimento através de ações desenvolvidas na escola.

Quando os alunos trabalham juntos, cada um pode aprender com o outro, e, nesse caso, o papel do educador passa a ser o de facilitador de novas experiências, se o objetivo é o protagonismo; nossa função, portanto, é de intervir com o objetivo de ajudar a resolver as situações problemáticas, ou seja, fornecer ajuda e apoio e participar com o grupo refletindo sobre sua prática, e, sobretudo, basear o conhecimento escolar na aprendizagem da realidade. Isso favorece o melhor conhecimento do mundo, dos outros e de si mesmos.

Foram feitas diversas imagens (fotos) e criamos a apresentação no power point - essa atividade despertou grande interesse nos alunos.

E. E. DONA BENEDITA FREIRE DE MACEDO
Jacareí – SP
25/10/2006

O simples fato de haver uma grande riqueza de informações disponíveis desencadeia uma multiplicidade de realidades, pois há inúmeros olhares para essas supostas realidades que são transformadas e replicadas. O conceito de verdade foi alterado, ficou sujeito a questionamentos que em um passado recente seriam impossíveis de serem elaborados. Todo esse processo acontece em uma velocidade vertiginosa, nunca experienciada pela humanidade.

Esse fato coloca em cheque a racionalidade da verdade única e absoluta da modernidade, enquanto a flexibilização da verdade costuma irritar alguns segmentos mais conservadores da sociedade, que se sentem ameaçados em seus pequenos poderes, como detentores e anunciadores da verdade e do saber.

A educação padece desse mal, que pretende conservar e anunciar uma única verdade conhecida somente pelo professor que se recusa a mudar de posição, tornando-se um parceiro de jornada de seus alunos na construção do conhecimento, e não mais o único detentor de toda a informação. “Ninguém pode conhecer por mim assim como não posso conhecer pelo aluno. Meu papel de professor é ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva” (FREIRE, 1996, p. 124).

O professor não é o agente ativo do processo ensino/aprendizagem. É o sujeito que aprende, mas só pode aprender pela mediação do outro e, na contemporaneidade, essa mediação é potencializada pelo uso das ferramentas disponibilizadas pela tecnologia. Esta afirmativa continua sendo uma ameaça para os setores mais conservadores da educação, mesmo após todos os anos de investimento na formação de professores para o uso pedagógico das diversas mídias. As comunidades virtuais podem e devem ser utilizadas para fomentar a construção do conhecimento de forma fascinante, por meio das convergências de objetivos e interesses.

Destacamos o EducaRede, com suas propostas e seu conteúdo programático, que para nós foi de grande importância. Pois foi um “elo” que fortificou e ampliou nossas ações, ultrapassou nossos objetivos e nos fez afirmar que o uso das tecnologias é indispensável no plano pedagógico. Sendo um projeto desenvolvido pela tecnologia (Internet), que infelizmente ainda é um temor para “alguns”, no auxílio da aprendizagem. Mas conseguimos unir a era digital à social, e com certeza teremos muitos multiplicadores que irão lançar essa ideia transformadora e eficaz.

Pois acredito que o “ensino de qualidade será tomado pelo ensino que privilegia a vivência do aluno, seu conhecimento sistematizado, suas potencialidades, seu papel de sujeito na própria história”.

E. E. VER. NARCISO. YAGUE.GUIMARÃES
Mogi das Cruzes – SP
26/10/2006

Uma das possibilidades do mundo virtual é viver uma fantasia individualmente ou em conjunto. Viver nesse ambiente virtual pode ser muito mais interessante do que no mundo “real”, uma vez que permite dois movimentos amplos: sair daquilo que é percebido como uma realidade conflituosa que exige tomada de decisões, com enfrentamentos, negociações e responsabilidades, e entrar em uma “vida” mais fácil de ser vivida porque não há consequências, nem efeitos decorrentes de suas ações. Nesta “vida” simulada, o sujeito pode ficar cada vez melhor a cada etapa vencida, representada por uma curva somente ascendente, sem nenhuma flutuação, diferente da vida “real”, na qual, invariável e constantemente, haverá movimentos descendentes. Enfim, a simulação da vida melhor que a vida vivida.

É muito bom participar desse projeto, pois aprendemos muitas coisas novas, desenvolvemos nossas habilidades no uso dos computadores, suas ferramentas e da internet e ainda perdemos a timidez ao precisarmos fazer entrevistas. Sem dúvida crescemos muito.

E. E. PROF. JUVELINA DE OLIVEIRA RODRIGUES
Santa Barbara d’Oste – SP
26/10/2006

Historicamente, o homem sempre apresentou dificuldade em conviver com sua finitude, com a limitação de viver uma única vida, tanto que criou, imaginou outras vidas pós-morte para suprir o desejo de se imortalizar, de se tornar infinito. No virtual pode-se viver não somente uma vida, mas várias outras, com inúmeras identidades. A vida não é mais o limite. É possível viver a experiência de sair fora do corpo, é possível estimular sensações por meio de aparatos tecnológicos.

O uso da tecnologia pode favorecer a manifestação de uma experiência estética, o experimentar de uma dinâmica dos sentidos nas ações, o fomentar da imaginação produtiva, a contemplação do belo. É preciso que o olho seja belo para ver o belo. Pode ser que não haja a intenção artística para o propositor da atividade, mas a obra ficou registrada e foi sentida pelos autores e por aqueles capazes de um olhar estético. Não é mais possível procurar explicar a fabricação técnica de uma obra “em lugar de incrementar uma suposta mística da criação” (BENSE, 1975, p. 13).

A professora de Geografia Iracema M. Cavalcanti coordenou o projeto, desenvolvendo pesquisas com os alunos na Internet, levando-os para pesquisar os problemas urbanos, registrando tudo através de fotografias.

E. E. PROF. ANTÔNIO CARVALHO LEITÃO
Presidente Epitácio – SP
02/11/2006

A educação mediada pela tecnologia irá realmente inovar quando os recursos tecnológicos forem utilizados para a criação de ambientes que desenvolvam as competências e habilidades requeridas para viver na atualidade, que sejam facilmente acessíveis a todos e propiciem interações com o outro, que pode estar em qualquer local do planeta. A participação em ambientes colaborativos virtuais significa estar engajado em um mundo marcado pelo poder do desengajamento, na construção de uma ecologia da informação na qual há a partilha de valores, respeito, acolhimento para o diverso, colaboração e uma predisposição plena para o diálogo.

O que foi construído até aqui pode ser visto em nosso blog e gostaríamos de deixar claro que esta participação no livro do EducaRede é apenas mais um passo de nosso projeto que conta ainda com entrevista a ser agendada com a sobrinha de nosso patrono, bem como visita de ex-alunos para serem entrevistados pelos atuais que estão envolvidos no processo de coleta de material a ser divulgado.

Sem mais contamos com a visita em nosso blog e os comentários dos internautas.

E. E. DR. JOAQUIM SILVADO
São Paulo – SP
30/10/2006

A sociedade contemporânea se caracteriza pela individualidade. Não há mais modelos a serem seguidos, líderes capazes de inflamar os ânimos de toda uma geração. Os indivíduos foram obrigados a aprender a conviver na solidão, o que se configura como uma grande qualidade, uma vez que aqueles que não desenvolveram essa competência tornaram-se reféns da nebulosa indústria farmacêutica. Os ambientes virtuais podem se transformar em formas de encontro entre as pessoas, sem que haja o ônus da obrigatoriedade da presença do outro.

Pela mediação da tecnologia, há a liberdade de escolha de quando interagir com o outro, o momento mais propício, em que haja uma vontade inteira e interna de interlocução, passando a estar plenamente com o outro, diferentemente de encontros presenciais, em que se olha e é olhado, mas o pensamento pode estar muito distante. O diálogo entre professores e alunos no ambiente virtual origina uma cumplicidade entre ambos, como se houvesse sido firmado um acordo de partilha, de troca e de pacto para um crescimento mútuo.

Projeto Educando pela Ação

Trabalho desenvolvido pela comunidade escolar em conjunto com parcerias e com a comunidade local. Desde abril de 2006 orientados pelo professor coordenador do projeto, a prof. Renata Dias de Paula, junto com alunos monitores o projeto foi discutido e optou-se por um trabalho amplo, com liberdade de trabalho dentro do tema cultura; escolheram-se alguns tópicos para discussão e esses nortearam a pesquisa e a realização das ações de desenvolvimento do projeto. Democratizar o uso das ferramentas tecnológicas. Não do de softwares como os demais equipamentos, como exemplo, o uso do programa Movie Maker, Power Point e das câmeras digitais entre os alunos ..

Alguns alunos aprenderam a utilizar algumas ferramentas da Internet como sites de busca e o site do próprio EducaRede. Eu mesma como coordenadora do projeto aprendi a descarregar fotos para arquivos no computador e como produzir clips e vídeos, assim como a criar meu próprio blog, "Cantinho da Poesia; que já pode ser visitado pelos alunos, e os mesmos podem contribuir interativamente, enviando matérias, poesias, comentários. O sistema de monitores contribuiu enormemente com a autoestima dos alunos, que se sentiram parte importante da execução do projeto. Somente com uso de parcerias se podem executar ações que estendam o alcance das ações para a comunidade

E. E. JOÃO PESSOA MASCHIETTO
Mogi Guaçu – SP
27/10/2006

É muito difícil discutir educação desvinculada da participação em ambientes virtuais. As TICs favorecem a superação entre o saber e o saber fazer, visto que, ao ingressar no digital, esses saberes se hibridizam; a tradição e a inovação estabelecem um diálogo e as manifestações culturais se transmutam em situações de aprendizagem. Cada recurso da tecnologia pode ser usado em determinada situação, previamente conhecida e estabelecida, e o simples manuseio da máquina não garante processos cognitivos significativos. É necessário que o professor tenha consciência e faça um planejamento antecipado da atividade que pretenda propor. Uma aula que se utiliza dos recursos da tecnologia não pode ser improvisada, e planejá-la favorece a manutenção da qualidade.

A vontade de ler e escrever precisa estar imbuída de um sentido que falta nos métodos tradicionais aplicados ao novo público que compõe a escola. A comunicação com o outro, nos ambientes digitais, de modo geral acontece por meio da escrita, o que atribui um valor ao ato de escrever e ler. É preciso saber escrever bem para se fazer entender, para se desvelar, para estabelecer uma cumplicidade com o outro que está distante, mas não ausente. Pode até ser a presença mais significativa, no momento. Assim, não escrever corretamente significa estar distante do outro, então se cria a necessidade e o desejo pela escrita.

A sociedade atual é caracterizada pela individualidade. Contudo, o uso pedagógico da tecnologia pode inculcar valores, pela mesma lógica de criar sentidos para a aprendizagem, ou seja, é possível permitir ao jovem experimentar o prazer advindo de práticas de cooperação, o deleite de um trabalho em equipe que possa ser divulgado e valorizado por outros. As comunidades virtuais se apropriam do conceito de inteligência coletiva, na qual cada um oferece para o todo o seu melhor, abrindo campos do conhecimento ainda não abertos, uma vez que a inventividade humana não respeita limites.

Considerando a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como aliadas no processo de aprendizagem dos alunos, e a importância de possuir domínios básicos em informática, essenciais para atuar no competitivo mercado de trabalho; criamos o PIB (Projeto de Informática Básica), que tem como objetivo criar um elo entre os alunos e as novas tecnologias mediante o conhecimento das funções básicas do computador. No início do projeto foi constatado

que os alunos tinham dificuldades na produção de textos, assim sendo fomos além do conteúdo programado e exploramos essa questão para que os mesmos pudessem aperfeiçoar suas práticas de escrita.

No seu desenrolar pudemos constatar um pequeno avanço, porém significativo no que diz respeito à melhoria no rendimento escolar dos alunos, maior participação nos eventos promovidos pela escola e cumprindo o objetivo proposto; houve progresso no conhecimento sobre informática que os alunos possuíam, sendo que no início muitos deles sequer haviam visto um computador.

Uma questão bastante relevante também foi o fato de possuímos apenas 10 computadores na SAI, dos quais 8 funcionam; dessa forma, houve um espírito de união entre eles, desenvolvendo um trabalho em equipe para que todos pudessem realizar as suas atividades. Dessa forma está-se repercutindo uma melhora gradual em todos os sujeitos dessa ação.

E. E. JOSÉ PACHECO LOMBA
Registro – SP
25/10/2006



Gandhi, ao perceber os malefícios que a técnica poderia trazer ao seu país, tentou atrasar os relógios, restabelecendo o tear manual. Isto não se configura como uma solução, visto que pior do que temer os malefícios da técnica é ignorá-la. O desafio está em como essa tecnologia poderá auxiliar o humano a se tornar um indutor de mutações em si mesmo e no outro. O homem mediado pela tecnologia poderá provocar uma interpenetração de subjetividades, alterando limites, mudando todo o redor, seu ambiente, uma desterritorialização. A realidade virtual traz a exigência de deslocamento para territórios inexplorados, exigindo uma inovação linguística.

Nos ambientes virtuais, o conceito tradicional de anomia se transmuta, ela passa a ser reivindicada. Não há como se submeter a uma ordem; aliás, esta pode ser a dissolução do nomos. “A configuração das anomias escorrega nos interstícios. Não busca o poder e, mesmo que o encontrasse, o descentralizaria. Suas modalidades temporárias são intersticiais. Se os humores corroem o mármore – como diz a epígrafe encontrada na capela de Sansevero, em Nápoles, seu trabalho é semelhante às nomias. Ambos amoldam e fluem entre fraturas de figuras, entre interzonas macias, entre dobras barrocas. E corroem. Humores anômicos” (CANEVACCI, 2005, p. 171).

A realidade virtual pode reafirmar que a partilha dos sentidos faz do trabalhador um ser duplo, pois desloca o lugar, o espaço do trabalho, e lhe confere tempo, teoricamente, para ocupar o espaço público, para ser visível, para participar das decisões coletivas. Esse fato altera a ordem pré-estabelecida, na qual cada um deveria fazer apenas uma única coisa. “Um mundo comum não é nunca simplesmente ethos, a estadia comum, que ressalta da sedimentação de um determinado número de atos entrelaçados. É sempre uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das ocupações num espaço de possíveis. A partir daí é que se pode colocar a questão da relação entre o 'ordinário do trabalhador' e a 'excepcionalidade' artística” (RANCIÈRE, 2005, p. 63).

Muitas coisas boas vêm acontecendo com a gente desde que resolvemos participar desse projeto: alunos e professores passaram a usar a sala de informática com mais frequência; todos se sentem mais motivados a criar e organizar eventos na escola que contam com a participação da comunidade em geral.

O evento escolhido por todos como grande destaque foi a eleição simulada para presidente, governador, senador e deputados federal e estadual. No começo do ano ficou decidido que seria importante resgatar a importância de se escolher candidatos com propostas sérias e concretas visando a melhoria da coletividade

Pesquisas na internet, realizadas pelos alunos, sobre candidatos a cargos eletivos, confecção de um mural com o resultado desse trabalho; realização de uma palestra por parte de um vereador da cidade de Cubatão sobre a importância do voto; panfletagem dos alunos, em uma feira livre do bairro onde fica a escola, conclamando a população a votar de forma consciente, e registro de todas as ações no blog da escola (<http://josedacosta2005.zip.net>).

A preparação e realização do primeiro turno da eleição simulada foi o grande acontecimento na escola, envolvendo os alunos em todos os períodos, encapando urnas, cortando votos, trabalhando no dia da eleição, votando e apurando votos. Foi uma emoção muito grande, indescritível a sensação que todos sentiram de ter construído alguma coisa importante.

E. E. PROF. JOSÉ DA COSTA
Cubatão – SP
22/10/2006



Diversas elucubrações são feitas sobre as consequências advindas da convivência em ambientes digitais e nas comunidades virtuais. O assustador é que as possibilidades foram amplamente potencializadas e o que se deslumbra é o desconhecido que sempre atemorizou o homem. O mundo não será o mesmo de um passado recente, tudo acontece a uma velocidade vertiginosa, e o futuro não só do indivíduo, mas também da espécie está em risco. Como será o novo ser que habita o virtual e se confunde com a tecnologia criada por ele mesmo, esta é a questão que se impõe e que permite apenas conjecturas, sem qualquer certeza a não ser a da incerteza.

“O sedentário tem propriedade, o viajante experimenta. O sedentário mora no hábito, o viajante corre perigo. O sedentário vive astronomicamente, o nômade vive meteorologicamente. No século XXI não é mais a propriedade, mas a informação que garante poder. Não é mais a casa que se torna funcional, mas a comunicação. Começamos todos a nos normatizar na era da informação. Vivemos numa época em

que fomos banidos da 'realidade', não temos mais certeza se o que vemos é verdadeiro ou não. Depende de nós decidir se esse desenraizamento do real será vivenciado como um exílio forçado ou como uma experimentação que permite novas e criativas formas de existência” (LINS, 2004, p. 44).

Talvez, nessa absoluta incerteza e desenraizamento do real, a mediação com o outro passe a ser uma possibilidade criativa de existência.

5.3 Mediação

“Toda vida verdadeira é encontro”

Martin Buber

Kierkegaard exacerbou o conceito de indivíduo, justificado pela extrema solidão em que viveu. Para ele, o “eu” é autossuficiente, é exclusivo, existe em seu mundo independente do outro. O diálogo consigo mesmo é a solução para todas as questões existenciais. Inegavelmente, é impossível viver sem uma profunda imersão em si mesmo, viver um deserto, ouvir o silêncio para haver o entendimento mínimo para tornar-se si mesmo. Entretanto, “o Eu sem o Tu é apenas uma abstração” (BUBER, 2007, p. 7).

Talvez a maior solidão seja a ausência de si mesmo, a impossibilidade de se mirar no espelho e conseguir não enxergar as imperfeições ou os sinais que o processo de maturação imprimiu em seu rosto, mas ver a pessoa que é, com suas fragilidades, vulnerabilidades e inseguranças e respeitar esse ser na forma como é e não na forma como pretendia ser.

Um espaço vazio é um convite a ser preenchido. Quando o “eu” se sentir vazio, quando não puder encontrar a si mesmo, não deverá permitir que esse nada seja preenchido por outro que não seja ele próprio. Há a necessidade de expansão do “eu” a fim de que esse ser expandido e completo se encontre com o outro. Se o encontro se der com um ser incompleto que permita ser habitado por um não “eu”, a relação será sempre de parasitismo, com todas as consequências nefastas pertinentes.

“Nosso poder de entrar em nós mede-se exatamente pelo poder de sair de nós que não é nem mais antigo nem mais recente do que ele, sendo exatamente seu sinônimo” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 43). A palavra “poder”, no começo da citação, está perfeitamente adequada, pois é preciso ter um *empowerment* para conseguir a coragem de mergulhar plenamente em si e outra força igual para sair, a fim de não sucumbir só, nas entranhas do “eu”.

Cazuza, em um de suas letras, fala que a solidão é para quem fica de fora, fazendo fita. Este fora não é fora de algum lugar, é fora do “eu”, é a ausência de si mesmo.

Bakhtin esboçou um pensamento eloquente sobre a solidão: “Eu sou consciente de mim mesmo e me torno eu mesmo somente enquanto me revelo para um outro, por meio de outro, e com o auxílio do outro” (DANIELS, 2002, p. 157).

É preciso perceber o outro, abrir um canal de comunicação que não será necessariamente pela fala, mas o reconhecimento de algo que conecta todos a tudo e a todos, que é o desvelar da condição de ser humano que conhece a dor do mundo e sua própria vulnerabilidade. Esta comunicação pode se dar em absoluto silêncio e total ausência de movimentos, ser somente sentida e intensamente experienciada e inesquecível.

No diálogo é preciso haver a total presença das pessoas pelo que são, o externamento da autenticidade, sem qualquer invasão da simples aparência que prejudicará a relação. O diálogo envolve o ato de tradução do conjunto de valores e sentimentos que estão sendo compartilhados e uma negociação sobre a hierarquia desses valores, desembocando no fenômeno de interação. As palavras não podem estar dissociadas de quem as fala porque há uma relação interna entre o mundo exterior e a psique do indivíduo.

“Um autêntico diálogo me conduz a pensamentos de que eu não acreditava, de que eu não era capaz, e às vezes sinto-me seguido num caminho que eu próprio desenhava e que meu discurso, relançado por outrem, está abrindo para mim” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 24).

É esse o tipo de diálogo esperado em ambientes colaborativos, que se concretiza por meio de uma mediação flexível, mutável, não escolhida por critérios hierárquicos, análoga à voz do “grilo falante” do Pinóquio, ou seja, aquele que está sempre presente, nem sempre bem-vindo, mas totalmente necessário, a fim de estimular a escuta da voz interna que guia as ações e traça caminhos já delineados e não seguidos. É o mediador que auxilia o reconhecimento do “eu”.

Na opinião de Vygotsky, uma característica exclusivamente humana é a assimilação e produção de linguagem, vista como uma ferramenta para o homem se comunicar com o exterior, fruir e partilhar nele.

Foucault denuncia que a linguagem foi preterida, recebeu atenção marginal até o final do século XIX, porque era preciso “liberar as palavras dos conteúdos silenciosos que as alienavam, ou, ainda, tornar a linguagem flexível, a fim de que, liberta das especializações do entendimento, pudesse restituir o movimento da vida

e sua duração própria” (FOUCAULT, 2002, p. 420). A linguagem aparece então nos seus múltiplos, em consonância com o ser.

A linguagem na mediação é fundamental, principalmente em ambientes virtuais, em que toda a comunicação se baseia na escrita. O mediador deverá transbordar o seu eu através das suas palavras no ambiente, para que o outro possa sentir sua presença. A linguagem sistematiza um mundo interno autônomo que inunda o mundo externo. É pela linguagem que a unicidade eu e o outro se completa e se torna consciente. Eu sou o outro, é pelo outro que me revelo a mim mesmo.

Muitos pensamentos foram construídos propondo soluções para um modo de vida no qual o homem se tornasse o homem ideal. Kant afirma o imperativo categórico, Nietzsche o além homem, contudo as propostas se diferenciam somente na forma, no processo pelo qual esse ideal será atingido, e a finitude continua sendo inexorável. Desta forma, o foco do pensamento deverá permanecer no processo, ou seja, na vida, para que o homem não se decomponha paulatinamente ao longo de sua jornada. Cabe à educação propiciar que o homem se componha com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Esta seria a função do mediador, ser o cúmplice neste processo da grande composição do ser, da composição ao exorbitante.

A mediação amorosa e interativa propicia a percepção do outro em um processo de reflexão dialógica consigo mesmo e com o outro, a necessidade de contemplar as subjetividades para que a objetividade apareça em sua plenitude. O acolhimento afetivo favorece a vivência do partilhar e a constatação da riqueza de um trabalho colaborativo.

O mediador é envolvido com o desencadear de ações emancipatórias, pelas quais o sujeito se revela, tornando-se o arquiteto de suas obras, desenvolve uma escuta sensível, preocupada com o outro, com o tempo sentido, com o extravasamento das emoções, reforçando a complexidade do humano e a intersubjetividade. O eu do mediador e do mediado transborda na forma de um convite para que os envolvidos visitem e revisitem seus ninhos de origem para novas interpretações de seus “eus”. É uma predisposição para enxergar as histórias de vida, para que os contratempos e entretempos se transformem em tempo forte.

A mediação se apresenta como uma possibilidade de satisfação dos desejos, das necessidades emergentes e mutáveis dos sujeitos, como um grande catalisador da comunicabilidade e sociabilidade dos diversos grupos humanos. O desejo de

partilhar com o outro pode ser a invenção de um sentido para a vida. Sem o outro, não há sonhos, portanto não há vida.

Assim, optou-se, no decorrer das aulas, por discussão, debate e pesquisa bibliográfica sobre ética e política para chegar à cidadania e assim poder de fato compreender para praticar a cidadania de maneira consistente.

Foi de extrema importância trabalhar com o aspecto teórico primeiramente, para assim se adquirir condições para ações efetivas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto o projeto EducaRede proporcionou-nos aprendizado que deve refletir em atitudes no contexto escolar. Tanto que já se perceberam algumas mudanças dos alunos no que diz respeito ao comprometimento com a escola.

E. E. PROF JOÃO CRUZ
Jacareí – SP
26/10/2006

Nas antigas teorias sobre liderança, havia a crença de que o líder já nascia líder, sendo esta uma característica geneticamente determinada. Esse mito foi desmentido e, hoje, as lideranças são construídas e incentivadas pelas empresas e pelo próprio indivíduo. Da mesma maneira, inicialmente, em ambientes virtuais de aprendizagem, acreditava-se que seria fundamental a presença de uma mediação hierarquicamente instituída. O que se evidencia, no momento, é a importância efetiva da mediação, mas não necessariamente uma mediação instituída. Pelo contrário, sua eficiência será avaliada pela alternância no processo, análoga à formação de líderes. Um líder sempre é capaz de desvelar e formar novas lideranças, e assim também é o bom mediador. Sua ação não pode ser restringida a ele mesmo. Terá que extravasar seu limite de maneira a instigar a competência de mediar do outro.

A mediação é um exercício de diálogo do “eu” consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Uma mediação eficiente necessariamente desnuda outras mediações, acarretando ambientes auto-organizáveis, capazes de manter o diálogo por incentivos de diversas fontes e formas.

O Ribeirão Quilombo que corta a nossa cidade foi desassoreado, ou seja, retirou-se todo o acúmulo de terras no leito do mesmo, graças ao Ministério Público, que pressionou o estado, e foi então resolvido colocar em prática esse ideal tão esperado pela população, encaixando-se junto a obra de interceptação de esgoto. Segundo o biólogo, Diretor-presidente da Companhia de

Desenvolvimento da Cidade que veio apresentar a obra aos alunos de 2º e 3º ano do ensino médio, a obra de interceptação está acontecendo com um objetivo principal: uma única estação de tratamento, cujo atendimento à população será de até dez anos contínuos.

Esse trabalho iniciou-se com o apoio dos estudantes da Escola Silvania na conscientização dos pais e vizinhos às proximidades do rio. Além dessa conscientização, o trabalho reviveu o projeto de arborização das margens do rio, projeto este que se encontra em andamento, pois é de longo prazo e de ação discente.

Agradecimentos:

Ào EducaRede e a SE – Pela oportunidade concedida às escolas de explorar suas 'terras' e fazer conhecidas as 'coisas boas'.

E. E. "PROF. SILVANIA APARECIDA SANTOS"
Nova Odessa – SP
06/11/2006

O projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” iniciou-se com o pensar de que, para o sucesso da interação na comunidade, seria prioritária a presença de um mediador instituído hierarquicamente. É inegável que não há como disponibilizar um ambiente de interação sem a presença de um mediador que incentive as trocas, o diálogo, auxilie na resolução das dificuldades encontradas no uso da ferramenta e a dirimir as dúvidas oriundas de como elaborar um projeto com esse perfil inovador.

A escola, tão acostumada a ser somente comandada, sentiu-se um pouco insegura, inicialmente, ao perceber o grau de liberdade que lhe estava sendo conferido. Contudo, ao longo do processo, pôde-se observar que a mediação feita pelos formadores do Cenpec foi gradativamente sendo diluída pela mediação dos próprios participantes, ou seja, as escolas tomaram a iniciativa de estabelecer um diálogo entre elas, sem a interferência do mediador instituído, demonstrando autonomia e poder de decisão.

Durante o ano letivo de 2006 a comunidade escolar “Neuza Maria Nazatto de Carvalho” esteve envolvida no projeto “Coisas boas para minha terra”, quando tivemos a oportunidade de entrar em contato com outras escolas através do ambiente virtual do portal EducaRede. Sem dúvida foi uma experiência que trouxe muito crescimento para todos os envolvidos.

E. E. PROF. NEUZA MARIA NAZATTO DE CARVALHO
Santa Barbara d’Oste – SP
26/10/2006

Se o critério para avaliar uma mediação produtiva em comunidades virtuais for propiciar condições para sua extinção, pode-se classificar como ótima a mediação inicial do projeto. Mesmo durante as férias escolares de janeiro, o ambiente continuou vivo, evidenciando sua capacidade de autogestão e de perpetuar uma mediação desprovida de hierarquia e de regras pré-estabelecidas.

A partir deste ponto nos propusemos a vivenciar cada parte do corpo humano, sua necessidade e forma de preservá-lo. Para isso realizamos um levantamento sobre as propriedades dos alimentos e foi construída uma pirâmide alimentar e sua distribuição no organismo. O excesso de alimentação ou a alimentação inadequada compôs essa parte, maior causadora da obesidade infantil. Elaboramos pesquisas sobre doenças como a dengue e tipos de micoses prevenção, transmissão e tratamento.

O tabagismo foi um dos pontos levantados, analisados e discutidos entrando como grande facilitador para os desajustes e desgastes do nosso organismo.

O DST e os métodos contraceptivos, utilização, forma, eficácia e toda a discussão em torno desses métodos também foram alvos nesse projeto.

A cada levantamento de tema munido do material os grupos discutiram, resultando em sínteses, seminários, montagens e exposições.

Esse projeto ainda não foi totalmente concluído, pois a cada momento nossos alunos se interessam por ampliá-lo, tal foi a motivação e aprendizagem; no momento estamos em construção de uma horta dentro da escola.

E. E. PROF DANIEL PAULO VERANO PONTES
São Paulo – SP
03/11/2006

A expansão e a representatividade desse projeto poderiam ter sido muito maiores, se tivesse sido permitida sua divulgação nas escolas que não fizeram a adesão por falta de conhecimento ou por restrições dos recursos tecnológicos, os quais, em certas unidades escolares, foram superados pela intervenção e participação da própria comunidade escolar. Um bom filósofo ou, analogamente, um bom projeto não possuem valor em si. São capazes de produzir tantas e tão diferentes intensidades que o autor desaparece no texto, que por sua vez desaparece no leitor. A grandiosidade está em despertar o reconhecimento do “eu” em qualquer narrativa. Não poderia haver melhor avaliação para um projeto do que a explicitação de que ele se diluiu em meio aos seus executores, ou seja, a qualidade da mediação que subverte ela mesma.

Para realizar esse trabalho precisamos da ajuda de todos os alunos da escola. Por isso, trabalhamos com a conscientização dos alunos e depois realizamos o mutirão da limpeza, que recebeu a ajuda de todos. Em seguida, desenvolvemos uma gincana, que visava manter nossa escola sempre limpa e organizada. Mais uma vez, a ajuda de todos os alunos foi imprescindível para o sucesso do nosso projeto. Talvez esse fato tenha sido tão importante quanto o projeto em si, pois toda a comunidade escolar uniu-se em torno de um objetivo: recuperar e preservar o ambiente escolar.

E. E. PROFESSORA MARIA JOSÉ DE AGUIAR ZEPPELINI
Rio das Pedras – SP
25/10/2006

A mediação é, talvez, o ápice do fazer humano. Ela permite a religação de tudo com todos, é a ponte tensionada entre duas subjetividades que só estabelecerá a comunicação se a sensibilidade do mediador permitir a escuta do inaudível, a visão do oculto e o entendimento do não falado.

Para que essa sensibilidade seja criada, é preciso ir às mais profundas profundidades do “eu”, sentir a dor do mundo, vasculhar as dobras da consciência, ver-se no olhar do outro e, depois dessa imersão, ressurgir para o mundo, não mais para explicá-lo, mas com vontade de existir simplesmente por existir e reconhecer no outro a imensa, a infinita fragilidade que partilha, pela própria condição humana. Nesse reconhecimento advindo do conhecimento vivido surge a solidariedade que

anulará a tensão e permitirá o diálogo entre humanos naquilo que há de mais autêntico no próprio humano.

A função do mediador é apenas desnudar as humanidades, tão fortemente escondidas, pois sua exposição, sua nudez garante a percepção incontestável da igualdade com o outro, sem mais nenhuma relação hierárquica, horizontalizando plenamente as posições, o que nem sempre é desejável para os mediados ou mediadores.

Viver é uma mediação consigo, com o outro e com o mundo.

A semente

Branco E Black-out
E
Três E Talvez
E
Esse E Erre
E
Policromo E Pluripétala
E
Carpoprisma E Carpintaria
E
Com
Põe
AO
E
X
orbitante
DO
A
AO
Z

E
r
O
S

Parte VI – A SEMENTE

Conclusão

Para Bachelard, o mundo é imaginado antes de ser visto ou rememorado. Imaginar o mundo é traçar um percurso de possibilidades rumo ao exorbitante, ao ápice do desejo e da subjetividade humana. Dessa maneira, a equipe responsável pelo projeto “*As coisas boas da/para a minha terra*” imaginou que as comunidades escolares pudessem ver o belo de sua localidade e fruir com o visto e rememorado. Apostou na indissolubilidade do belo e na capacidade de contaminação das boas paixões que potencializam a vontade de existir.

A autora, em continuidade à metáfora feita no início deste trabalho, como Velasquez contempla a obra dentro e fora dela e, neste momento, se permite fazer uma reflexão final das quatro categorias estabelecidas e o prognóstico de sua obra, talvez evidenciando seu próprio desejo.

As **parcerias público-privadas** (PPPs) são práticas rotineiras na atualidade, em diferentes níveis, o que não mais permite uma delimitação clara entre os deveres e os direitos da esfera pública e privada. A população já enxerga as PPPs como algo previsível e, muitas vezes, bem-vindo para suprir as deficiências do setor público, principalmente no que tange às escolas públicas estaduais.

O embricamento da **cultura local e global** se concretiza, não havendo mais disputa entre elas, e sim um processo de retroalimentação no qual uma otimiza a outra. O contato com diversas culturas, em relação ao resgate das memórias e tradições locais, permite compreender melhor a própria cultura e, conseqüentemente, viver de forma mais ampla e plena, juntamente com a ciência do direito ao esquecimento, que se configura como um mecanismo da psique humana para propiciar a continuidade da vida.

A cultura global instiga o humano a imergir em uma hiper-realidade, na qual o parecer ser é valorizado, em detrimento do ser, e inaugura um novo espaço de convivência humana: a cibercultura.

A **comunidade escolar**, ao ser convidada a participar do projeto pedagógico da escola, o qual visava trazer o conhecimento externo, vivenciado e sentido para o interior da escola, tradicionalmente vista como única detentora do conhecimento, sentiu-se valorizada e responsável pelos resultados das ações desenvolvidas, rompendo com o ordinário e permitindo o aparecimento do extraordinário, ou seja, inaugurou um fazer inovador, capaz de transgredir as práticas arcaicas que não mais respondem às necessidades da atualidade.

O protagonismo juvenil permitiu ao jovem a descoberta da verdade sobre si mesmo, o que lhe conferiu um grau de liberdade para desabrochar e tornar-se si mesmo, a maior conquista do humano.

Os **ambientes colaborativos**, exemplificados pelas redes sociais e, especificamente, comunidades virtuais, podem se transmutar em “zonas de escape” da lógica excludente do capital, com a competência de se auto-organizar, sem um controle central para direcionar as ações e favorecer a continuidade da vida de forma suportável nestas condições de exacerbamento da modernidade. O projeto *“As coisas boas da/para a minha terra”* suscitou voluntariamente a formação de várias pequenas redes sociais fundadas no sentimento de confiança, mediadas pela tecnologia e pela dialogicidade entre humanos, em uma relação de acolhimento e afeto.

Em quatro anos de desenvolvimento de *“As coisas boas da/para a minha terra”*, pôde-se conseguir uma amostra qualitativa significativa das ações de sucesso obtidas nas escolas participantes. O esperado é que consigam por si mesmas dar continuidade às ações desencadeadas, evidenciando a capacidade de sustentabilidade do projeto.

A avaliação quantitativa formal do projeto, feita pelos órgãos centrais da Secretaria da Educação, não correspondeu às expectativas institucionais, visto que o interesse no momento é atingir todas as escolas públicas estaduais paulistas com um único padrão de currículo pré-estabelecido, que deverá ser repetido incessantemente de forma única a todos os alunos.

“A chamada visão científica do mundo, baseada no método científico experimental que constata a existência de acontecimentos regulares que podem ser repetidos, nada mais é, portanto, do que uma visão parcial psicologicamente tendenciosa que deixa de lado todos aqueles aspectos, em nada desprezíveis, que não podem ser estatisticamente contados” (JUNG, 1988, p.1).

As escolas se encontram muito fragilizadas, porque, infelizmente, não há uma política pública de Estado independente de uma política de governo, fato que, ao longo dos anos, tem prejudicado imensamente a educação paulista. Não se faz educação a curto prazo, com propostas somente redesenhadas do já existente e alardeadas como inovadoras e mágicas, impostas de forma autoritária, sem a participação dos profissionais da rede, que deveriam estar em processo contínuo de formação, motivados e cientes de sua tarefa de arquitetos de uma nova geração. É absolutamente execrável a utilização dos duvidosos resultados quantitativos da avaliação da educação para legitimar um discurso ilusório, a fim de subsidiar novas empreitadas político-partidárias.

O desejo é que a semente plantada pelo projeto "*As coisas boas da/para a minha terra*" não germine somente em uma escola, mas seja propagada em várias outras e crie um meio propício para sua germinação, não permitindo a morte desse frágil embrião, o qual poderá, heroicamente, continuar vivo, em estado latente, até que as condições ambientais se tornem novamente favoráveis a sua sobrevivência.

As ações desenvolvidas por uma escola de Osasco ilustram as quatro categorias estabelecidas neste trabalho e o impacto advindo no entorno.

A escola E. E. Prof. Heloisa de Assumpção se utilizou dos recursos disponibilizados pelo firmamento de uma PPP, resgatou a história da cultura local por meio da valorização da praça Fenelon Fernandes Teixeira, que passou a ser entendida como espaço de convivência e lazer, guardiã e testemunha de várias histórias que ficaram e que ainda ficarão na memória de seus habitantes. Pode ser que alguns acontecimentos lá ocorridos precisem ser esquecidos para a renovação da vida.

A praça, assim como seus usuários, pode ser vista na Internet, extrapolando seu próprio espaço, ou seja, está incluída na cibercultura que compõe a cultura global e ultrapassou os limites da hiper-realidade, porque deixou de parecer um lugar que fomentava a sensação de risco, de perigo eminente, desencadeando o medo, característica da hiper-realidade, para ser o que é: uma praça construída para o lazer e o conviver do humano.

A escola, livre do controle central, pode olhar seu espaço, seu redor, e ver a praça com os olhos de quem vê pela primeira vez, sair da previsibilidade da mesmidade para o inédito, pelo exercício de sua autonomia. Os professores sentiram-se responsáveis por suas ações, motivando os alunos para a ação e aprendizagem significativa.

Os jovens tiveram atitudes e tomaram decisões, ao acionar o poder público, ao elaborar projetos de recuperação da praça, descobrindo seu potencial e motivados para a ação associada ao saber.

O envolvimento dos participantes do projeto extrapolou os muros da escola, formando um primórdio de uma rede social em torno de um único objetivo e a relação fundada em laços de confiança. Todas essas ações foram disponibilizadas no ambiente virtual, propiciando a troca e a mediação na partilha de experiências.

Quitaúna Verde

Da vontade de mudar nasce a ideia e desta a mobilização. Assim surgiu o “Projeto da Praça”. Falamos da Praça Fenelon Fernandes Teixeira, que fica em frente à Escola Estadual Professora Heloísa de Assumpção, Avenida Comandante Sampaio, nº 1399, em Quitaúna – Osasco. De dentro da Escola temos uma visão ampla da praça da esquina e do aproveitamento que se poderia obter daquele espaço.

Por ser um ambiente aberto, gramado e com algumas árvores, o nome aceito dentre os sugeridos foi Quitaúna Verde. Na Escola ficou mesmo conhecido como “Projeto da Praça”. Os responsáveis pelos primeiros passos são a Professora Tânia Theodora - Português e os alunos Danilo Gonçalves da Silva, Rafael Araújo Marcelino Alves, Luiz Fernando Arantes de Oliveira, Silas Francisco da Cruz.

Dada a concepção de que o projeto fosse voltado para a melhoria da comunidade (objetivo primeiro do Projeto EducaRede – “As coisas boas para minha terra”, promovemos um concurso para que os alunos dos três períodos da Escola pudessem participar e colaborar com a ideia de transformação da Praça. Desenharam belas paisagens com alguns equipamentos de lazer. Em verdade, todos os desenhos foram guardados, porém, somente os esboços com as idéias mais viáveis compuseram uma pasta para demonstração.

Entramos em contato com a Regional 8 da Secretaria de Obras e Transporte do Município de Osasco, representada pelos senhores Severino Ramos, Edécio e Onésimo e Jorge Lapas (Secretário), para verificar a viabilização da pretensa obra. A ideia foi desde o início bem aceita, posto que também é de interesse da Secretaria manter a organização de todos os espaços da cidade de Osasco.

O entrave estava em incluir gastos com o aparelhamento da Praça, conforme pensamos. Afinal, o orçamento do município já fora aprovado bem antes de nossas reuniões com os representantes da Secretaria de Obras. Entendemos, esperamos e seguimos em frente. Mesmo que nenhum aparelhamento tenha sido instalado ou construído na Praça, podemos perceber alguma transformação já a partir da retirada de entulhos e limpeza periódica feitas pela Regional 8.

Isso modificou o ambiente. Além da limpeza propriamente dita, a passagem das pessoas pela Praça tornou-se mais segura. Os alunos se utilizam mais do espaço antes e depois do período de aula. Os moradores da comunidade reclamavam da permanência de pessoas estranhas e do entulho jogado por quem passava de carro pelo bairro. Hoje se percebe, pelos comentários, que há bem mais segurança no local.

Embora o Projeto ainda não tenha se concretizado diante da perspectiva de transformar a Praça em local aprazível com alguns equipamentos de lazer (pista de skate, playground) e descanso (bancos), temos o melhor: a mobilização da comunidade escolar pelo melhor do entorno da Escola. O envolvimento é visível. Faz parte de um processo constante e contínuo, intrínseco ao fazer da Escola.

O Projeto não foi concretizado. Diante da perspectiva de promover a transformação na Praça e depender de recursos municipais, ainda assim colhemos frutos bons: a mobilização escolar pelo entorno da Escola. Parece que esta Praça tornou-se muito mais nossa.

E vamos à luta, pois há sempre a esperança de melhorar. Melhorar o ambiente para melhorar a convivência. Eis o objetivo maior. Se somos nós que fazemos a vida, como diz a música de Gonzaguinha, então, vamos trabalhar para que o melhor seja feito – por nós e para nós mesmos.

A semente foi lançada e os frutos saborosamente se podem provar com gosto de vitória. O trabalho conjunto surte efeito pela própria energia do fazer em equipe. Neste caso, cabe o ditado popular: quanto mais, melhor. O resultado é satisfatório. Não nos cansamos de agradecer em cada oportunidade a dedicação de todos os colaboradores. De uma forma ou de outra o projeto “As coisas boas para minha terra” envolveu a todos e fez o verde da boa semente alimentar a esperança de dias melhores.

Nossa ideia, ao acolher este trabalho, foi beneficiar a todos da comunidade em que fica a Escola. Preservar o ambiente para que ele estimule o exercício da cidadania. Criar uma atmosfera de conscientização para que todos tomem conta do espaço que tem a ver com o bem viver da comunidade em geral. A segurança e o bem-estar dependem do controle do aspecto do espaço e do ambiente saudável. Para a boa convivência e o desenvolvimento do bairro é preciso a colaboração total com pequenos atos, conservando bons hábitos e práticas educativas.

A comunidade tem tido iniciativa mais efetiva de fiscalizar a limpeza da Praça. A Regional 8 tem recebido pedidos constantemente para a retirada de lixo. O aspecto de limpeza e o cuidado com o espaço têm surtido efeito fantástico. São os próprios alunos que verificam a diferença do movimento das pessoas. A preocupação com o sucesso do nosso Projeto, com a segurança na chegada e na saída de cada período, principalmente com os mais jovens, que podem ser mais influenciáveis, isto tudo, tem trazido uma conscientização da equipe discente em relação à qualidade de nossas vidas. O envolvimento é visível!

E. E.PROF. HELOISA DE ASSUMPÇÃO
Osasco – SP
09/10/2006

A parte final deste trabalho se intitula “A semente”, na intenção de remeter à ideia de continuidade da vida, de começo e fim gerador de outro começo, de esperança de perpetuação, visto que espera-se intensamente que as escolas, e somente elas, serão capazes de achar o caminho que permita o desencadear de uma educação que contemple as necessidades da atualidade e de se tornar locais de criação de felicidades.

Que as escolas públicas tenham a força para homenagear o pensamento com o pensamento e não se submetam ao pensamento desprovido de sentidos do outro, que se configuraria como o troféu pelo insucesso do próprio pensamento.

Que a escola seja uma fazedora de delícias!

“Há certa intensidade de delícia que o homem mal pode ultrapassar, e não sem lágrimas” (GIDE, 1982, p. 49).

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALMEIDA, M. Elizabeth de e VALENTE, José Armando (orgs.). *Formação de educadores a distância e integração de mídias*. São Paulo: Avercamp, 2007.
- ANTOLOGIA ILUSTRADA DO FOLCLORE BRASILEIRO. *Estórias e lendas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Seleção: Alceu Maynard Araujo e Vasco José Taborda*. São Paulo: Literart Editora, s/d.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Escala, s./d.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BACHELARD, Gastón. *A intuição do instante*. Campinas: Verus, 2007.
- _____. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógios d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENSE, Max. *Pequena estética*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BEY, Hakim. *Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOBBIO, Noberto; et al. *Dicionário de política*. 5. ed. Brasília: Universidade de Brasília; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BUBBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

CASSIER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999. v.1.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CENTRO de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária. *EducaRede: Inclusão digital na escola*. São Paulo: Cenpec, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CONFÚCIO. *Os analectos*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

CORTELLA, Mario Sergio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

COULSON, William R. e ROGERS, Carl R. (orgs.). *O homem e a ciência do homem*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Elementos de teoria geral do Estado*. São Paulo: Saraiva, 2003.

DANIELS, Harry (org.). *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Loyola, 2002.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Ed. 43, 2001.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1, 2 e 3.

- DERRIDA, Jacques. *Força da lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Então você pensa que é humano? Uma breve história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos da análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Política e educação: ensaios*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREITAS, Maria Teresa, JOBIM E SOUZA, Solange e KRAMER, Sonia. *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisa qualitativa: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*, jan./fev./mar./abr. 2004, n° 25, p. 127-142.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony et al. *Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1997.
- GIDE, André. *Os frutos da terra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papyrus, 1988.
- GUYAU, Jean-Marie. *Crítica da ideia de sanção*. São Paulo: Martins, 2007.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HARGREAVES, Andy. *O ensino na sociedade do conhecimento – Educação na era da insegurança*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HAWKING, Stephen et al. *O futuro do espaço-tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____ e MLODINOW, Leonard. *Uma nova história do tempo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- IBERNON, Francisco. *Formação docente e profissional*. São Paulo: Cortez, 2000.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2004.
- JOHNSON, Steven. *Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Sincronicidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.
- LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDOWSKI, Eric. *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*. São Paulo: Edições CPS, 2005.

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LINS, Daniel e PELBART, Peter Pál (orgs.). *Nietzsche e Deleuze – Bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004.

LITWIN, Edith. *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa*. São Paulo: Educ, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento do cotidiano*. Lisboa: Vega Universidade s./d.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Crime e costume na sociedade selvagem*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

MARCON, Telmo. *Memória, história e cultura*. Chapecó: Argos, 2003.

MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche hoje?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MERLEAU-Ponty, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofisiologia da percepção visual*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

MONDIN, Batista. *O homem: quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Unesco; Cortez, 2000.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOURA, Paulo C. *Construindo o futuro: o impacto global do novo paradigma*. Rio de Janeiro: Mauad, 1994.

MURPHY, Michael P. et O'NEILL, Luke A. J. (org.). *O que é vida? 50 anos depois. Especulações sobre o futuro da biologia*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

_____. *Humano, demasiado humano*. 2. ed. São Paulo: Escala, 2007.

NÓVOA, Antonio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote – Instituto de Inovações Educacionais, 1997.

NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, LDA, 2000.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PALLOFF, Rena M. e PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PENNA, Antonio Gomes. *Introdução à psicologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Ciência: Deus ou diabo?* São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

_____. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

_____. *As leis do caos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMONET, Ignácio. *Geopolítica do caos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro Ltda., 1995.

_____. *O Brasil como um problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *O processo civilizatório: estudos da antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Filósofos na tormenta: Ganguilhem, Satre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- RUSSELL, Bertrand. *A autoridade e o indivíduo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- _____. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed. Porto: Afrontamento, 1997.
- _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.
- SEARLE, John. R. *Intencionalidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SILVA, Marco (org.). *Educação on line*. São Paulo: Loyola, Brasil, 2003.
- _____. *Sala de aula interativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os economistas).
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SOUZA, Ana Inês (org.). *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- STIRNER, Max. *O falso princípio da nossa educação*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- TENÓRIO, Robinson Moreira. *Cérebros e computadores*. Brasília: MEC, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Campinas: Papyrus, 1995.
- _____. *Teorias do símbolo*. Campinas: Papyrus, 1996.
- TOFFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. Rio de Janeiro, 1997.

TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ZABALA, Antoni. *Enfoque globalizador e pensamento complexo – uma proposta para o currículo escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)